

REFORMA AGRÁRIA DEFENDIDA NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

C.D.S. vencido por Comissão de Agricultura

A ofensiva contra a Reforma Agrária desencadeada pela direita na Assembleia da República sofreu ontem o primeiro revés quando a Comissão Parlamentar de Agricultura e Pescas emitiu parecer desfavorável a um projecto do C. D. S. sobre a suspensão de expropriações dos prédios rústicos na área da Reforma Agrária.

Dez votos do P. C. P. e do P. S., contra oito do C. D. S. e P. S.D./P. P. D., serviram para vencer a primeira «batalha». Para terça-feira, porém, novo «recontro» está já marcado, este no hemiciclo de S. Bento. O desfecho da «guerra», no entanto, ainda está longe — e novas «frentes» se abrem entretanto (ver discursos na posse de António Barreto).

O tema Reforma Agrária culmina uma semana agitada e rompe para a próxima, num confronto em que põe em jogo uma das maiores — senão mesmo a maior — conquista do 25 de Abril. Da votação de ontem em S. Bento, uma primeira e importante constatação: a Assembleia da República será um órgão fundamental, e decisivo, na defesa da Reforma Agrária e dos trabalhadores alentejanos.

Barreto sucede a Lopes Cardoso

(Pág. 2)

Murça subjugada ao mito de Torres

(Centrais)

U.R.S.S. — 50 anos de Socialismo

(Pág. 12)

Desmorona-se a Conferência de Genebra

(Pág. 4)

Entretanto tomou ontem posse em Belém o novo titular da pasta da Agricultura e Pescas, dr. António Barreto, que acumulará o novo cargo com o Ministério do Comércio e Turismo, de que era já responsável. No seu discurso o substituto de Lopes Cardoso considerou que «a acção governativa, enérgica e firme, fará respeitar as leis, definir as grandes orientações e, sobretudo, consistirá no apoio e no carinho que devem ser dados aos homens e mulheres dos campos». No entanto António Barreto, ao referir-se ao Alentejo, teve afirmações extremamente críticas, agitando «slogans» como «latifundiários do partido», «seitas políticas», «funcionários do esforço dos outros» e ignorando o esforço particularmente difícil dos



trabalhadores e dirigentes sindicais no sentido de aumentar a produção agrícola, acabar com a exploração e consolidar a histórica conquista do 25 de Abril.

Os discursos de Ramalho Eanes e Mário Soares assumiram tom idêntico em relação à Reforma Agrária, embora o Primeiro-Ministro tenha sublinhado que o Programa do Governo aprovado em Agosto passado, na Assembleia da República «permanece integralmente válido».

Internacional Socialista analisa desanuviamento

AMSTERDÃO, 6 (F.P.)

Os progressos no desanuviamento entre Leste e Oeste foram o primeiro assunto tratado pelos representantes de quinze países na conferência internacional socialista, que se iniciou sexta-feira em Amsterdão, sob os auspícios do partido socialista holandês.

Na sua intervenção, o ministro britânico da defesa, Fre Mulley, foi de parecer que o Ocidente só pode pretender negociar uma política de desanuviamento, a partir duma posição de força equivalente à dos países do Leste.

Pela sua parte, o ministro norueguês dos Negócios Es-

Continua na pág. 20

SUSTOS, JOGOS E CIÊNCIA INFUSA EM 12 PAGINAS DE SUPLEMENTO

HOJE
32 PÁGINAS

sete
PONTO
sete

O susto
dos penhores

O susto dos "gorilas"

A CASA
DA
MARIQUINHAS

O jogo do prego

A ciência
do calão

Nacional

ENSINO SUPERIOR

Conselhos directivos vão recusar decreto de gestão

«A gestão apontada pelo respectivo decreto afecta o funcionamento escolar e este ano lectivo, tendo sido elaborado sem qualquer consulta aos alunos e às escolas», afirmou ontem, no I. S. T., em conferência de imprensa — cujo objectivo foi alertar «a opinião pública para a grave situação que está a ser criada nas escolas», o Secretariado Nacional das Escolas de Engenharia.

Além das objecções levantadas ao Decreto-Lei 781-A/76 que regulamenta a gestão das escolas do Ensino Superior, a conferência serviu para anunciar o segundo Encontro Nacional dos Conselhos Directivos e Associações de Estudantes do Ensino Superior, com data marcada para o próximo dia 10, às 9 e 30, no anfiteatro de Electricidade do I. S. T.

Será então aí tomada uma posição conjunta em relação ao decreto. Entretanto, foi sendo dito das razões de recusa que assistem às escolas quanto à nova gestão que entrou imediatamente em vigor após a sua publicação, devendo, no entanto, os Conselhos Directivos actuais manter-se em funções até ao dia dois de Janeiro. Na prática tal redonda numa situação «claramente antidemocrática e insustentável para quem se comprometeu a cumprir as decisões da Assembleia da Escola e do seu próprio programa».

Com efeito, na análise feita pelo Secretariado ao actual decreto, foi afirmado que «os poderes principais dentro da escola são atribuídos ao Conselho Científico, órgão não eleito, com membros com carácter vitalício». Recorde-se que o C. C. é composto por professores catedráticos, extraordinários ou auxiliares. Compete-lhes «propor ao M. E. I. C. a contratação de docentes, investigadores e pessoal técnico, bem como a renovação de contratos cessantes; propor ao M. E. I. C. a organização de planos de estudos, bem como proceder à distribuição do serviço docente». Nesta ordem de ideias, o «Conselho Directivo fica praticamente esvaziado de poderes, desempenhando apenas funções meramente burocráticas».

À semelhança do que já fizera o Sindicato dos Professores, também o Secretariado desafiou mais uma vez o ministro Sottomayor Cardia para um debate público, sobre a situação concreta nas escolas, «desafio que prova à evidência que não pretendemos ocultar seja o que for, mas, pelo contrário, dialogar e não monologar como faz o sr. ministro».

E, reportando-se às recentes afirmações do ministro Cardia na televisão, sustentam: «por cada exemplo negativo citado

pelo ministro nós podemos apresentar 10 a 20 exemplos positivos».

A PROPÓSITO DE DIÁLOGO...

O S. N. E. C. acusou o ministro Cardia de mostrar «uma total ausência de interesse pelo diálogo».

A propósito deram aos jornalistas presentes uma fotocópia da gravação da reunião entre a Mesa do I Encontro Nacional dos Conselhos Directivos e Associações de Estudantes do Ensino Superior e o ministro Sottomayor Cardia. Antecedentes: a Mesa pediu um encontro com o primeiro-ministro. Do Gabinete de Mário Soares informaram que a audiência deveria ser marcada através do Ministério da Educação. O que foi feito. Assim a Mesa seria recebida pelo senhor ministro Cardia, no dia 20, às 17 horas.

O que se passou? Ministro — Que tem a dizer?

Mesa — Realizou-se um Encontro Nacional de Escolas do Ensino Superior, estando presentes 60 das cerca de 70 estruturas existentes. Nós somos a Mesa do Encontro e fomos mandatados para levar à prática as decisões aí tomadas. Pontificam entre outras uma com o senhor primeiro-ministro...

Ministro — Mas afinal a audiência é pedida ao primeiro-ministro ou ao ministro da Educação?

Foi dado azo a um leve desajustado entre uma entrevista recusada que trataria do trabalho de planeamento feito no tempo do VI Governo e a resposta de Sottomayor Cardia. A mesa afirmaria finalmente: «Há que ultrapassar esta questão, pois as escolas estão interessadas em apresentar ao sr. ministro os graves problemas com que se debatem». Simplesmente o ministro: Não se pode ultrapassar, pois considero este assunto fundamental. Estamos aqui a falar há 10 minutos e ainda não sei se me pediram ou não uma audiência (...). E mais, vi por acaso, há dias, a televisão em que um dos senhores, que não me recordo qual é, pois tenho má memória fisionómica, disse três mentiras: a primeira, é falso que o Ministério não vos tenha recebido...

Mesa — O Ministério não, o ministro.

Ministro — O ministro não pode receber toda a gente e delegou no director-geral que vos recebeu. Não é propriamente uma mentira mas uma meia verdade.

A segunda é que as escolas não vão ser fechadas. Eu pelo menos tenho uma certa repugnância nisso, mas o Governo não tem nenhuma. A terceira é que o decreto sobre a Reestruturação do Ensino não põe em causa os postos de trabalho dos docentes, antes pelo contrário, garante-os até ao termo dos contratos. Agora, exijo que me digam a quem marcaram a audiência. Pensam que eu vos recebo só para depois dizerem que cedi a pressões? Pediram audiência ao M. E. I. C.? Sim ou não?

Mesa — Estamos interessados em dialogar com o M. E. I. C....

Ministro — A audiência está terminada.

Mesa — Mas há assuntos muito importantes a debater.

Ministro — Agora estou eu a falar, não estou para receber senhores que não pediram para falar com o Ministério.

E saiu da sala.



Imagens da cerimónia de ontem: o discurso do Presidente da República; o do Primeiro-Ministro; e a nova equipa do Ministério da Agricultura e Pescas, encabeçada pelo dr. António Barreto

Eanes na posse de António Barreto

"As leis aplicam-se em todas as regiões"

Três significativos discursos assinalaram, ontem, a tomada de posse do ministro substituto de Lopes Cardoso, o dr. António Barreto — que irá acumular a pasta da Agricultura e Pescas com o Comércio e Turismo — e dos novos secretários de Estado da Reestruturação e do Fomento Agrário, respectivamente Carlos Portas e António Campos.

Para Ramalho Eanes aquela tomada de posse «assinala o compromisso público e solene de assumir as responsabilidades políticas e administrativas na condução dum sector onde são particularmente agudos os problemas de transição numa situação de turbulência social para um regime de normalidade constitucional». O presidente da República, visando, aparentemente Reforma Agrária uma das principais conquistas da Revolução portuguesa do 25 de Abril, consideraria que «não se coadunam com o novo quadro institucional os comportamentos de quantos persistem em impor a este povo valores que não respeitam a sua história e formas de organização política e social que se não ajustam ao modelo que escolheu que quer ver realizado» ou que «não aceitaremos a constituição de Estados dentro do Estado».

Noutra passagem do seu discurso o Presidente da República diria que as «leis aplicam-se em todas as regiões e a todos os portugueses por igual competindo aos órgãos do Poder a sua elaboração e correcta execução. A inadequação das leis impõe a sua revisão, mas não pode ser um

pretexto para cada um criar a sua lei...

«PERVERSÃO...»

O Primeiro-Ministro, por sua vez, depois de referir que se tratava de «uma substituição de pessoas, que comungando, em princípio, no mesmo projecto político, poderão divergir apenas quanto ao modo de agir», foi mais longe nas suas referências ao afirmar que se procurará «salvar a Reforma Agrária da sua perversão totalitária», ou que «o Alentejo, como todas as outras províncias de Portugal, terá que ser um lugar tranquilo, onde se viva um clima de liberdade e paz...».

O novo titular da Agricultura e Pescas, que fez uma exposição mais detalhada, consideraria, noutra clara referência aos homens que sempre apoiaram os trabalhadores alentejanos na sua luta com a exploração e contra os latifundiários que aos «funcionários, pelo esforço dos outros, às seitas políticas ou financeiras, aos que, sob pretexto de corrigir certos abusos, pretendem instaurar a ordem dos seus próprios abusos, a todos esses este ministério tal como o Governo, dirá sempre não».

RETORNADOS PARA O ALENTEJO?

Depois de um apelo aos retornados das ex-colónias «orgulhosos de ter dado novos mundos ao mundo, orgulhosos teremos agora de dispendir as nossas energias em Portugal e dar um país renovado aos portugueses e ao mundo (...). O Governo pede o vosso contributo, a vossa experiência e a

vossa determinação pioneira. O Ministério da Agricultura apoiará as Vossas iniciativas no sentido de criar mais riqueza, explorar novas terras», o dr. António Barreto, diria mais adiante: «pretende o Governo permitir a todos os que têm a capacidade e a vontade, o acesso à propriedade individual, colectiva ou cooperativa, nas formas desejadas por cada um e segundo as modalidades fixadas pela lei e que serão rigorosamente observadas pelos poderes públicos».

Embora remetendo para mais tarde a explicação pública dos programas de acção, planos concretos e calendários de execução do Ministério da Agricultura, o novo ministro afirmou já a sua intenção de dedicar «uma atenção muito particular a todas as regiões do Interior, do Norte e do Centro, mas também do Sul, onde não só não há indústrias nem equipamen-

tos sociais, mas onde a própria agricultura é secularmente atrasada: onde as melhores terras são ainda as mãos dos homens e das mulheres deste País, Pequenos e médios agricultores que dia após dia, sem glórias fáceis nem alaridos veem colhendo o nosso pão».

«Nessas terras», continuou, «se terá que fazer um grande esforço de desenvolvimento do associativismo, das cooperativas e de todas as formas que reforcem os agrupamentos locais, que deem mais vigor às comunidades que permitam combater fraternalmente a escassez de recursos e de dimensões».

O novo ministro não fez qualquer referência à Lei do Arrendamento Rural, sistematicamente sabotada, como se sabe, no Norte, Centro e Interior do País, por inúmeros proprietários absentistas de grandes recursos.

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E D P EX-UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 7. de Novembro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALMADA: Monserrate, Robalo, Charneca da Caparica e Casal, das 7 às 14 horas.

CONCELHO DO SEIXAL: Morgado, Casal do Sapo, Colorau, Piscina e Curvas, das 8.30 às 12 horas.

Lisboa, 6 de Novembro de 1976

Pela ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E.D.P. (U.E.P.-Sul)

Manuel Fernandes Camacho

Sedas Nunes na J.N.I.C.T.

O ministro do Plano e Coordenação Económica, eng. Sousa Gomes, confere posse na próxima segunda-feira ao presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, prof. Adérito Sedas Nunes, cerimónia a que estarão presentes o Primeiro-Ministro e outras individualidades do Governo.

A Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica é um organismo dependente da Secretaria de Estado do Planeamento.

Vagas no Conselho de Imprensa

A Direcção do Sindicato dos Jornalistas decidiu apoiar a candidatura da lista «A» — Fernando Dacosta («A Luta») e Diniz de Abreu («Diário de Notícias») — aos lugares em aberto no Conselho de Imprensa, desistindo assim da lista que propusera, a «C», constituída por Fernando Carneiro e Cordeiro Pereira.

O jornalista Fernando Car-

neiro não tinha autorizado a inscrição do seu nome na lista proposta pela Direcção do Sindicato. Alegou, aliás, que não conhecia o outro elemento.

Além da lista «A», concorre também uma outra lista, a «B», que compreende os nomes dos jornalistas Manuel Alpedrinha e José Silva Pinto. A eleição efectua-se na próxima terça-feira.

post-scriptum

Recado para Odivelas

Foi há meia dúzia de meses. Nesta mesma secção de cartas dos leitores publicava-se um apelo da sra. D. Felismina R. A. dos Santos, de Odivelas, no sentido de a ajudarem a tirar um filho menor da Mitra aonde o tinham levado a pobreza da família e a doença da mãe.

O apelo foi ouvido. Hoje é a nossa vez de pedirmos um favor a D. Felismina: Se ler estas linhas, pediamos-lhe para entrar em contacto com a Redacção do «Diário de Lisboa» (telefones 320271/3 e 321155) ao cuidado de Daniel Reis. Se algum dos nossos muitos leitores e amigos de Odivelas conhecer pessoalmente D. Felismina R.A. dos Santos solicitamos-lhe, igualmente, ou para a avisar, ou para nos comunicar a sua morada actual. Fica-lhes grato o «DL» e quem por nosso intermédio deseja falar com o filho de D. Felismina R.A. dos Santos, de Odivelas.

Separação e divórcio

Antes de sair a Lei do Divórcio, eu e minha mulher concordámos, até porque não tínhamos filhos menores, em nos separar de mútuo consentimento. Sabendo que nada nos ligava, fomos ao Tribunal e foi feita a primeira conferência.

Entretanto, saiu a Lei do Divórcio, que dava aos separados a possibilidade de se divorciarem efectivamente, e então, perante o meu espanto, a minha mulher não assinou a 2.ª conferência. Como surgissem diversos problemas, foi posta por mim uma acção de divórcio que vinha a ser contestada pela parte contrária. O julgamento já foi adiado quatro vezes (duas pelo advogado da minha mulher e duas pelo próprio Tribunal). Quer dizer, embora tenha deixado de viver há 3 anos com essa criatura continue oficialmente ligado a ela, e entretanto já gastei mais de trinta contos em advogados, custas, etc.

Disse o sr. Presidente da República aos srs. deputados: «temos de banir totalmente as sequelas do fascismo e realizar integralmente o 25 de Abril», mas a verdade é que continuamos escravizados, a servir de juguete a juizes que ainda estão mentalizados na ideologia do antigo regime, dificultando ao máximo a aplicação correcta das raras leis progressistas promulgadas após a queda do fascismo.

Falou o sr. Ministro da Justiça em nova amnistia para os presos. E nós? Não continuamos ainda hoje presos? Veja-se o número de processos acumulados nos tribunais de família. Porque razão se faz sofrer inutilmente as pessoas? Só homens e mulheres honestos se divorciam. Os outros não precisam... Porque não uma amnistia para todos aqueles que, não tendo filhos menores e hajam entregue os processos nos tribunais antes da Lei do Divórcio, vivem separados? É assim tão difícil divorciar pessoas que já não vivem juntas?

Quantos milhares de processos ficariam resolvidos? Os próprios tribunais ficariam libertos, e nós livres, não formalmente, mas realmente.

Assim, todos os casais sem filhos menores, cujo processo entrou nos diversos tribunais de família antes de sair a Lei do Divórcio e cuja separação fosse de comum acordo seriam automaticamente resolvidos, desde que se provasse não viverem com o cônjuge; todos os casos que o Tribunal não resolvesse, por qualquer motivo, no prazo de três anos, e onde se provasse que as partes não viviam em comunhão de mesa e habitação, seriam também resolvidos; seria suficiente o prazo de três anos de vida separada, como acontece na maioria dos países, para motivo de divórcio.

É a aspiração de todos os portugueses que sofrem na carne estes problemas, continuando a vier como se fossem cadastrados sem terem cometido qualquer falta.

Joaquim da Silva
PORTO

O homem... e o retrato

Todo o homem tem o seu retrato, ou, melhor dizendo, tem os seus retratos.

Com efeito, todo o homem, alto ou baixo, magro ou gordo, com nariz de papagaio ou de batata, tem, certamente, o seu retrato físico, cuja maior ou menor fidelidade depende da qualidade do artista. Porém, o homem pode ter outros retratos, os quais, conforme o desejo ou interesse do artista, tanto o podem fazer tocar as raias do divino como fazê-lo rastejar junto à lama mais fétida: o retrato político, o retrato moral, o retrato político-moral — uma espécie de retrato híbrido — e tantos outros. Vem isto a propósito de certa imprensa, sempre que acha oportuno, tentar retratar um homem que no contexto político-militar do país ocupa posição destacada.

Que «Os países», «Os dias», «As ruas», «Os templos» e quejandos pasquais, todos ligados pelo mesmo cordão umbilical, tenham por missão específica o envenenamento do povo português, através da baba peçonhenta que as suas pasquinadas expelem, é uma situação que se compreende, porque coerente com os objectivos da monstruosa hidra nazi-fascista que tenta instalar, novamente, no nosso país, o hediondo regime de peculato, de ódio, de terror e opressão que tivemos durante quarenta e oito longos anos. Porém, o que não se compreende é que utilizem, como «Cavalo de Tróia», o nome de um homem que, na nossa sociedade democrática, ocupa na pirâmide político-militar uma posição cimeira, como é o caso do brigadeiro Pires Veloso.

Poder-se-á aceitar que os «Manuais de Portugal», e quejandos semeadores de violência, tentem traçar um retrato político-moral — de modo directo ou indirecto, não conta — que aos olhos do povo português apresente o brigadeiro Pires Veloso como um espelho das suas sórdidas maquinações?

Será errado pensar-se que o brigadeiro Pires Veloso, a bem da salvaguarda da nossa jovem democracia, deveria publicamente, neutralizar a nefasta acção de tão indesejáveis companhias?

José Ferreira
GAIA

CARTER NA CASA BRANCA

QUE POLÍTICA EXTERNA?

HAROLD MC MURDY

WASHINGTON (IPS) — Desde o meio-dia de quarta-feira, dia 3, têm chovido sobre Washington os comentários e tomadas de posição de todo o mundo acerca da vitória de Carter, com um denominador comum: ninguém se arrisca a prever qual a política externa que será seguida pela Casa Branca nos próximos quatro anos.

A posição que causou maior apreensão nos meios diplomáticos locais proveio de Israel, onde o ex-ministro da Defesa Moshe Dayan, encarnação dos «falcões» do Estado judeu, não ocultou a sua satisfação com a vitória dos democratas, uma vez que ela significa o afastamento do secretário de Estado, Kissinger, cujo processo de negociação Dayan considerava «insuficientemente pró-israelita».

Tudo leva a crer que antes de Janeiro de 1977, mês em que assumirá a presidência, Jimmy Carter definirá as linhas de força da sua política externa.

Até agora, o adjectivo mais usado nos comentários locais e dos círculos estrangeiros desta capital, ao tentar definir o que há a esperar da diplomacia norte-americana, é triste pela sua ambiguidade: uma política externa mais «moral».

A sociedade americana libertou-se de muitos fantasmas que agitaram a sua vida recentemente, mas não é deceptivamente apenas pela falta de um programa diplomático claro por parte da maior das potências mundiais da história da humanidade.

Os Estados Unidos são hoje uma nação com cerca de 10 milhões de desempregados,

acabam de sair do escândalo de Watergate, de ver na televisão um presidente (Richard Nixon) apanhado na armadilha que ele próprio armou, afogado pelo álcool e pelos muitos medicamentos, anunciar a sua demissão porque se tinha envolvido em actividades pouco limpas, acabam de sair da derrota do Vietnam, de saber que os seus serviços secretos e os seus dólares tinham ajudado a afogar em sangue um povo (o chileno), com um governo tão democraticamente eleito como os da «grande democracia do Norte».

No meio desta crise, que não é apenas moral, política, cultural, mas também económica, os Estados Unidos assistiram a um duelo entre dois candidatos de uma mediocridade digna dos mais fracos destinos e isso é desconcertante.

Há quase meio século, quando da grande crise dos anos 29/30, os Estados Unidos foram capazes de produzir um estadista lúcido — Franklin D. Roosevelt, que governou de 1933 a 1945, — cujas virtudes morais não podem, é certo, ser elogiadas (procurou, obteve e tornou eleitoralmente rentável o apoio do forte aparelho da Mafia), mas de quem se podem também salientar outros aspectos.

Roosevelt elaborou e executou o «New Deal», que tirou a nação da crise e lhe possibilitou a entrada na Segunda Guerra Mundial, ajudou a derrotar o nazismo, a controlar em seguida economicamente, por décadas, meia Europa a converter-se na primeira potência do Mundo Ocidental e no maior império do mundo. Não

se pode negar a sua eficácia.

Depois vieram os presidentes democratas que recorreram ao adjectivo «novo» — o «new» de Roosevelt tinha algo de sólido e verdadeiramente novo por detrás — para designar a mera continuidade de uma política simplesmente expansionista.

Kennedy inventou as «novas fronteiras» — abertura ideológica, cooperação económica — cuja vacuidade tomou, na América Latina o nome de «Aliança para o Progresso». Neste final da década de 70, outro presidente democrata, Carter, propõe uma «nova moral», mas, nos tempos que correm, seria importante saber se, na prática, tal significa a sua anunciada preocupação com as manifestações contestatárias nos países socialistas, pois a Europa concentrou demasiadas forças para que um homem inexperiente em questões internacionais possa impor mudanças nessa área.

Se é que alguma linha de conduta pode ser facilmente vislumbrada, temos de esboçá-la a partir de dados tão fluidos e indirectos como a satisfação de Dayan e dos meios oficiais da Alemanha Federal, ou a reserva de Paris e Londres.

Londres não perdeu tempo em dizer que espera que Washington volte à paridade fixa do dólar com as moedas europeias, uma vez que a flutuação daquele nos últimos tempos está sobretudo a destroçar a libra

esterlina.

Não é certo que Carter possa satisfazer essa expectativa, porque, pelo menos aparentemente, irá concentrar a sua actividade na política interna, tentando completar a recuperação já esboçada da economia e baixar a taxa de desemprego.

Essas promessas foram as melhores bandeiras da sua campanha, mas levá-las a cabo implica melhorar o nível das importações americanas, quando e onde seja conveniente, o que, por seu turno, requer um dólar suficientemente «fluido» para o poder desvalorizar sempre que seja necessário, tornar mais competitivos os produtos «made in USA».

Dois dias antes das eleições um ex-conselheiro de Kennedy — Schlesinger, agora radicado em Paris, homem de contactos antigos com a CIA — disse que Carter não modificaria sensivelmente a recente política externa de Washington.

Com efeito, nada permite supor que algo de substancial tenha mudado nos Estados Unidos que, este século, tiveram, incluindo o próximo governo Carter não modificaria sensivelmente a recente política externa de Washington.

Com efeito, nada permite supor que algo de substancial tenha mudado nos Estados Unidos que, este século, tiveram, incluindo o próximo governo de Carter, 25 governos, dos quais 13 foram republicanos e 12 democratas.

“GOLPE” NO BURUNDI

DAS LUTAS TRIBAIS À GEOPOLÍTICA

NAIROBI, (IPS) — A queda do presidente Michel Micombero, na República vizinha do Burundi, pôs fim, no dia 1 deste mês, a dez anos de aparente estabilidade e reabriu uma longa história de lutas tribais internas assim como a perspectiva de que os interesses geopolíticos da região — principalmente do poderoso Zaire — aumentem a sua influência neste pequeno mas rico território do coração africano.

Os primeiros comunicados oficiais procedentes da capital do Burundi, Bujumbura, limitam-se a informar que, juntamente com o presidente da República, foi destituído o chefe do estado-maior das forças armadas e que todos os membros do Governo foram suspensos dos seus cargos, sendo as questões administrativas, provisoriamente, confiadas a funcionários menores dos respectivos ministérios.

Além disso, a informação oficial alude a medidas de segurança habituais nestes casos e não permite grandes conjecturas.

Os fundamentos de tipo político que ressaltam dos primeiros comunicados aludem simplesmente a que «o Burundi andava à deriva» e que os dirigentes agora destituídos «formavam clãs egoístas, ávidos de poder pessoal e de bens materiais».

Nos meios políticos do

Quênia, no entanto, pensa-se que o homem forte do novo regime instalado no Burundi seria o coronel Bagaza, um oficial superior do exército, e rejeita-se que, juntamente com ele, voltem ao Poder de maneira absoluta os representantes da elite Tutsi, uma das grandes etnias que compõem a população do país.

Embora Micombero, velho dirigente da tribo Tutsi, não tenha conseguido resolver as desigualdades existentes entre este sector e a população Hutu em alguns meios diplomáticos costumava afirmar-se que o seu Governo representava um esforço profundo nesta direcção.

Micombero subiu ao Governo em 28 de Setembro de 1966, quando derrubou o jovem rei Ntare V, que tinha deposto o pai cinco meses antes. Por sua vez, este encabeçava a monarquia constitucional desde a concessão da independência pela Bélgica em 1962.

O jovem dirigente Tutsi — com 27 anos no momento da sua ascensão ao Poder — já anteriormente desempenhava o cargo de chefe da Secretaria de Estado, depois de uma brilhante carreira no exército e na vida palaciana.

Nicombero declarou a República, modificou a constituição e a organização política do Estado e aprestava-se para concluir a sua primeira década

de Governo, em nome do Partido da União e do Progresso de Burundi.

Até 1972, a equipa no Poder fora predominantemente Tutsi, um grupo racial proveniente da Etiópia, com uma organização tribal mais avançada e que constituiu actualmente cerca de 14 por cento da população do país, num total de 3 milhões e 600 mil habitantes.

Naquele ano, por detrás de um frustrado golpe de Estado para derrubar Micombero, desencadeou-se no Burundi uma guerra de extermínio entre as duas comunidades, com um saldo calculado entre 80 a 200 mil mortes.

Os sangrentos episódios brigaram o regime a reconsiderar os seus critérios e, desde então, o Governo de Micombero significou uma certa abertura à população Hutu, a imensa maioria do país e a etnia originária da zona.

Falta agora saber qual será a política do novo elenco perante o problema levantado pelas lutas étnicas, pano de fundo permanente no território da velha colónia alemã, ocupada pelos belgas no final da Primeira Grande Guerra por mandado da Sociedade das Nações primeiro, e depois das Nações Unidas.

Além do problema racial, o novo elenco terá de fazer frente também a uma dramática situação económica: 90 por cen-

WALTER NAKURU

to da população das duas tribos cultiva a terra por processos precários, 90 por cento do rendimento nacional deriva de alguns, poucos, produtos agrícolas de exportação, particularmente o café (25 mil toneladas anuais, aproximadamente), e verifica-se um dos rendimentos «per capita» mais baixos do mundo: 40 dólares anuais.

Mas a atenção internacional concentrou-se sobre este país de 27 000 quilómetros quadrados quando recentemente se descobriu que, no seu subsolo, se encontravam importantes recursos minerais inexplorados, tais como bauxite, níquel e zinco.

Entre a Tanzânia e o Zaire, a nova equipa governamental terá também de enfrentar um problema não menos complicado: o dos contraditórios interesses geopolíticos sobre o seu território.

Embora tradicionalmente filo-occidental, o Governo de Micombero tinha levado a República do Burundi a ingressar no momento dos não-alinhados enquanto tentava desfazer as tensões do intercâmbio comercial que sujeitam o país fortemente aos Estados Unidos, à Bélgica e ao Zaire.

Geral

RODÉSIA: O ÚLTIMO FRACASSO DE KISSINGER

Desmorona-se a Conferência de Genebra

GENEVA, 6 (IPS) — Se ainda faltava alguma coisa para que a Conferência de Genebra sobre a Rodésia, tão aparatosamente montada, se desmoronasse como um gigantesco cenário de cartão, o «outsider» Jimmy Carter ascendeu à presidência dos Estados Unidos enquanto o secretário de Estado Henry Kissinger, inspirador, sustentáculo e garante das negociações em curso, se prepara para regressar à actividade privada.

O impacto da derrota eleitoral de Gerald Ford e da sua equipa fez-se particularmente sentir aqui na atmosfera das delegações britânica e rodésiana, os dois interlocutores que participam nesta mesa de conversações graças à teia pesadamente tecida por Kissinger.

Mas o acontecimento, em todo o caso, apenas veio acelerar o que já começava a verificar-se: o fracasso das negociações empreendidas — pelo menos o da sua primeira fase, — justamente uma semana depois de iniciadas com foguetes e banda de música, quando havia uma verdadeira expectativa internacional e algumas esperanças de que contribuíssem para a transferência do poder a favor da maioria negra do Zimbábue.

Na realidade, a chave do fracasso relaciona-se com a fragilidade com que o projecto foi posto em marcha: para os interesses estratégicos norte-americanos é imprescindível o que se costuma chamar «détente» na área austral do continente africano, ou seja, evitar a radicalização excessiva da zona. Mas esta necessidade não se compadece com a tónica das

lutas em curso na região, com a dimensão alcançada pelas forças do nacionalismo negro, nem tão pouco com a radicalização que, em sentido inverso, se operou entre a própria minoria branca face aos acontecimentos.

Se se chegou à Sala de Conferências do Palácio das Nações foi, como se torna claro agora, graças ao esforço de Kissinger de prometer à esquerda e à direita o que depois não poderia cumprir. O próprio Kissinger precisava de uma operação publicitária espectacular nas vésperas das eleições norte-americanas. Neste caso, e apesar do esforço, os limites da magia negociadora do secretário de Estado tornaram-se notórios num prazo demasiado breve.

A estratégia global de Kissinger — encontrar as válvulas de escape para a tensão da zona, democratizando o racismo e retendo os principais recursos económicos e geopolíticos — será provavelmente reassumida pela nova administração.

Mas nos próximos dois meses, período de transição entre os dois governos norte-americanos, os protagonistas rodésianos concentrarão os seus esforços em afirmar as próprias posições e em apetrechar-se para um futuro crucial, armas e munições incluídas.

Entretanto, tudo parece indicar aqui em Genebra que a roda de negociações entrará num período de hibernação re-

lativa, a menos que a própria Grã-Bretanha cumpra as decididas declarações feitas pelo secretário-adjunto do Foreign Office, Anthony Crossland, de visita em Belgrado: «Faremos absolutamente tudo o que estiver ao nosso alcance para o êxito da Conferência de Genebra».

Na verdade, o governo de Londres tem possibilidade de contribuir bastante para que as conversações continuem a um certo ritmo, e os dirigentes nacionalistas negros do Zimbábue poderiam, por exemplo, dizer-lhe que assumisse definitivamente o papel que lhe cabe como potência colonial, eliminando do caminho Ian Smith e o seu partido «ultramontano» de colonos brancos. Nesse caso, afirmam, seria muito mais fácil negociar a independência do Zimbábue, com ou sem Kissinger.

Mas por agora o embaixador britânico que preside às negociações, Ivor Richard, não deu sinais de tamanha decisão.

Na prática, a conferência aqui reunida começou já a hibernar. Ian Smith tomou o avião que o levaria de regresso a casa, manifestando a sua desilusão pela lentidão e inoperância das conversações.

A substituição ficou o ministro dos Negócios Estrangeiros do seu regime, Peter van der Syl, que afirmou com certa arrogância que não regressaria a Genebra «a menos que a Conferência progredisse», embora, na verdade, a sua partida

dificulte as coisas.

Van der Syl goza ainda de maiores antipatias entre as delegações negras do que o próprio Smith, e um dos quatro dirigentes nacionalistas, Abel Muzorewa, anunciou há pouco que também se aprestava a deixar a Suíça.

As delegações, reunidas pela última vez, e por pouco tempo, na passada terça-feira, discutiram a possível data da independência. Como a questão parecia difícil, remeteram o tema para uma comissão de especialistas de Direito que se reuniu no dia seguinte, e novamente na quinta-feira, transformando-se de facto na única instância real em que prosseguem as negociações. Analisa agora uma proposta britânica para que o prazo da transferência do poder seja de quinze meses, mas não se chegou a nenhum acordo concreto sobre quem e como será dirigida a transição.

Em antecipação do que poderá constituir o eixo do processo nas próximas semanas, três informações ecoaram na quinta-feira no Palácio das Nações, enquanto alguns jornalistas estrangeiros começavam a preparar as malas. A agência de notícias de Moçambique denunciou os ataques das tropas rodésianas. A agência soviética TASS acusou os rodésianos, britânicos e norte-americanos do que classificou como «falta de progresso nas negociações» e, por último, os chefes de estado de Angola, Tanzânia, Zâmbia e Moçambique anunciaram oficialmente que se reuniriam hoje para tomar decisões conjuntas perante a delicada situação.

“Linha da Frente”

procura data para a independência

A Conferência de Genebra sobre a Rodésia foi adiada para uma data indeterminada sem que se tenha chegado a um acordo sobre a data da independência do território — segundo anunciou o presidente da conferência, Ivor Richard, embaixador britânico nas Nações Unidas.

Vão prosseguir, no entanto, as consultas informais entre Ivor, os chefes das delegações nacionalistas e a delegação do Governo rodésiano.

Um «telex» da Reuter acentua que Ivor Richard travará, efectivamente, conversações separadas com as cinco delegações durante o fim-de-semana, empenhando-se numa tentativa para reconciliar diferenças «abissais» entre dirigentes negros e brancos sobre uma data para a independência da Rodésia.

Entretanto, os cinco Estados africanos da «linha de Frente» reúnem-se hoje numa cimeira em Dar es-Salam para discutir os ataques desencadeados há dias contra Moçambique. Um outro objectivo da cimeira será o de se encontrar uma data para a transferência do poder para a maioria negra do Zimbábue, uma data, enfim, que concilie as divergências existentes entre os dirigentes nacionalistas e a delegação branca.

Embaixador em Angola será brevemente nomeado

Segundo uma nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros na qual o Governo Português se congratula pela normalização das relações com Angola e relata a audiência do encarregado de negócios de Portugal em Luanda com o ministro das Relações Exteriores da República Popular de Angola, será nomeado em breve um embaixador para este novo país.

Em declarações prestadas à

Anop sobre esta matéria, José Eduardo dos Santos, ministro angolano das Relações Exteriores, declarou que o encontro se inseria nos princípios expressos pelo seu Governo de estabelecer laços de cooperação e amizade com todos os povos do Mundo, baseados no respeito pela soberania nacional, não ingerência nos assuntos internos, não agressão e coexistência pacífica entre governos com regimes diferentes.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TÊXTEIS LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL COMUNICADO

A REPRESSÃO FASCISTA NÃO DESARMA!
A C.I.P. MANDA DESPEDIR MANUEL LOPES E ANTÓNIO ROSAS
MAS OS 300 000 TRABALHADORES DO SECTOR TÊXTIL NÃO CONSENTIRÃO

A reacção, os exploradores de sempre, o patronato agora organizado na CIP (Central Única dos Patrões Portugueses), decidiu atacar em força e frontalmente o Movimento Sindical e as conquistas populares de antes e depois do 25 de Abril.

A canalha fascista não lhe interessa o socialismo, não lhe interessa que a organização operária se desenvolvesse, NÃO LHE INTERESSA QUE A DEMOCRACIA POLÍTICA SE MANTENHA.

No dia 3, começo das paralisações em todo o sector têxtil para exigir ao patronato o início das negociações do nosso Contrato Colectivo Único e Vertical, a reacção (os exploradores organizados na sua Central Única — a CIP) mandou actuar um dos seus sicários, o patrão da Manuel Lopes Henriques.

No dia 3 de Novembro o patrão da Manuel Lopes Henriques decidiu despedir da empresa os trabalhadores Correia Lopes e António Rosas, respectivamente PRESIDENTE DA DIRECÇÃO E PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL do nosso Sindicato.

PORQUÊ ESTA PROVOCACÃO?

PORQUÊ EXACTAMENTE NO DIA DA PRIMEIRA PARALISAÇÃO PELO C.C.T.?

— Porque para o patronato organizado e para a CIP chegou o momento de tentar estoirar com a resistência dos trabalhadores à exploração.

— Porque para o patronato organizado e para a CIP (Central Única dos Patrões) interessa provocar a confusão geral e agravar a crise política e social da forma que lhes convenha para daí tirar proveito e justificar o ataque à democracia com a velha desculpa de que se torna imperioso resolver a crise e instaurar a ordem. ISTO QUER DIZER QUE EM NOME DA ORDEM SEMEIAM HOJE A DESORDEN QUE AMANHÃ LHE FACILITE A DITADURA

— Porque «cortando a cabeça» a dois dos mais reconhecidos lutadores antifascistas, julgam poder amedrontar todo o movimento sindical.

— Porque «cortando a cabeça» a um dos membros da Comissão Negociadora do CCT, Manuel Lopes, julgam poder ganhar a batalha contra o Contratado Único e Vertical.

— Porque «cortando a cabeça» a dois militantes sindicais do Sul, onde o Movimento tem fama de ser mais forte, julgam poder iniciar uma limpeza profunda a nível nacional em todos os sectores sindicais, o que lhes abriria caminho para o golpe fascista que preparam.

Mas o tiro sair-lhes-á pela culatra.

Não alinharemos em provocações. Conduziremos a luta quando e como quisermos.

O QUE PODEMOS GARANTIR SEM A MÍNIMA DAS VACILAÇÕES É QUE O MANUEL LOPES E O ANTÓNIO ROSAS NÃO FORAM NEM SERÃO DESPEDIDOS DA SUA EMPRESA.

O problema que se põe (entre outros) agora é se o fascista e fantoche da CIP, patrão da Manuel Lopes Henriques, regressará ou não à empresa...

Haverá algum trabalhador digno desse nome que deixe de estar solidário com os camaradas da Manuel Lopes Henriques?

Saberemos, hoje como amanhã dar as respostas necessárias e oportunas à CIP (Central Única dos Patrões), aos Aurélios e à canalhada quejanda?

A LUTA CONTINUA!
OS NOSSOS PROBLEMAS SÃO OS MESMOS DE TODOS OS TRABALHADORES. SÓ UNIDOS E ORGANIZADOS OS RESOLVEREMOS!
VENCEREMOS!

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DAS INDÚSTRIAS DE PANIFICAÇÃO PRODUTOS ALIMENTARES E AFINS

DOS TRABALHADORES DA PANIFICAÇÃO AO POVO CONSUMIDOR DE PÃO

Os trabalhadores da Panificação cientes de cumprirem um dever para com a população consumidora que, durante o período de greve a que se viram forçados pelas posições assumidas pelo Governo e patronato, tanto os acarinhou e, por tantas formas, manifestou o seu apoio e compreensão.

Vêm por este meio e, mais uma vez, a isso forçados, declarar publicamente o seu veemente repúdio pelas notícias (boatos) que sabem ter vindo a público através de certos «órgãos de comunicação social», nomeadamente a «isenta» RTP, de que os trabalhadores da Indústria de Panificação iriam entrar de novo em greve.

Entendemos que a situação que actualmente vivemos é particularmente melindrosa e que nessa situação a direita e a reacção em que se integra o patronato e todos os inimigos dos trabalhadores, independentemente da máscara que se revistam, tentam, por todos os meios, a desestabilização, criadora da confusão, cujos frutos possam por si ser colhidos e aproveitados contra os trabalhadores.

Visam aquelas negras forças, com a cobertura de um Governo que utilizam como seu instrumento, o retorno ao passado recente de exploração, de miséria e de obscurantismo, anterior ao 25 de Abril.

POIS, PARA ISSO, PRETENDEM SERVIR-SE DOS TRABALHADORES COMO PONTA DE LANÇA, E PROCURAM, PARA TANTO, UTILIZAR-SE DOS TRABALHADORES DA PANIFICAÇÃO. MAS ENGANAM-SE, O TIRO SAIR-LHES PELO ACULATRA, NÓS APRENDEMOS MUITO, E SABEMOS PARA ONDE, COMO E QUANDO DEVEMOS AVANÇAR COM NOVAS FORMAS DE LUTA.

O boato reacçãoário, não o aceitamos, desmentimo-lo e repudiamo-lo com todas as nossas forças. Quem dele pretende utilizar-se, demonstra bem a sua debilidade. Quem o torna público, difundindo-o, coloca-se ao serviço das forças inimigas dos trabalhadores e desmascara-se.

Nós exigimos o desmentido formal do boato reacçãoário que, mais uma vez, é posto a correr em nosso nome e sem nosso conhecimento.

Para a RTP, exigimos a leitura integral deste comunicado.

Ao público consumidor em geral apelamos para se manter, como nós, atento às manobras e boatos reacçãoários, e para as desmascarar de imediato recusando-lhes qualquer crédito.

SÓ ASSIM FIRMES, ATENTOS, ORGANIZADOS, FAZEMOS FRENTE À REACÇÃO
AOS QUE FAZEM O SEU JOGO E CONSEGUIREMOS VENCER!

O SECRETARIADO

Nacional

Passageiros da Trafaria não pagam bilhete

O desfasamento nos horários das carreiras fluviais Trafaria-Belém e Vice-versa está na origem do recrudescimento dos protestos dos habituais utentes daquela ligação, que, em último recurso e no propósito de verem as suas reivindicações atendidas, deixaram de pagar bilhete após diversas comissões de moradores da Trafaria, apoiadas pelos trabalhadores que viajam naquelas carreiras, terem tomado posição sobre a questão.

Além da «desinserção dos horários» um outro problema — esse já várias vezes referido — surge e não menos transcendente que o anterior: trata-se das condições em que os

utentes da carreira viajam, que não garantem segurança. Para obviar ao problema a Transtejo, empresa nacionalizada que explora aquele trajecto fluvial, pensa lançar novas unidades

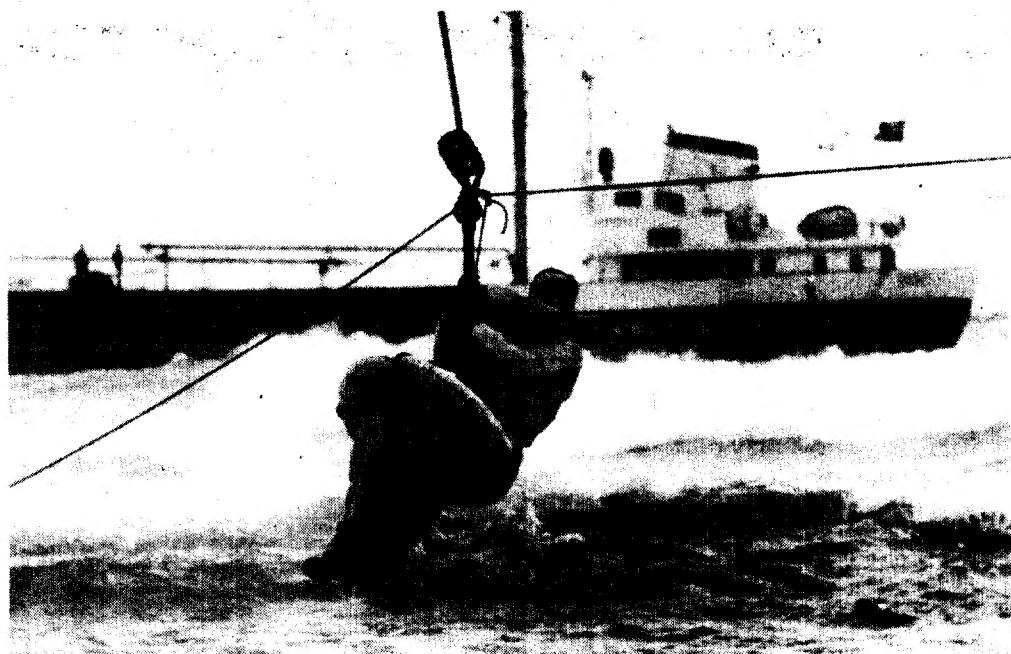
nos próximos dois anos. Entretanto, repara com urgência o «Zagaia», barco com 42 anos de actividade no Tejo, que poderá voltar à água dentro de dias.

Herculano de Carvalho nome de rua na Reboleira

A Comissão de Moradores da Reboleira Norte/Centro leva a efeito amanhã, às 10 horas, uma homenagem à memória de Herculano de Carvalho, lutador antifascista e deputado do P. C. P. à Assembleia Constituinte, morto num acidente

de viação.

Do programa consta a atribuição do seu nome à Rua «N» da Reboleira, com o descerramento da respectiva placa toponímica, bem como uma romagem à sua campa, no Cemitério da Amadora.



Um tripulante do «Farmsum» trazido para terra pelo cabo de vaivém

Cargueiro panamiano está dado como perdido

PORTO 6 — Ao contrário do que se previu logo após o encalhe do cargueiro dinamarquês «Farmsum» junto à foz do Douro, este navio foi ontem dado por perdido, tendo os técnicos alemães e holandeses que se deslocaram a Portugal para estudar a hipótese de o salvar regressado já aos seus países nos rebocadores «Seefalk» e «Poolzee».

De acordo com informações

obtidas esta manhã, a tripulação do navio, constituída por seis panamianos e seis caboverdianos, será repatriada ainda hoje.

Logo de manhã bombeiros de várias corporações norte-nhas deslocaram-se ao local a fim de darem início ao descarregamento de gás-óleo que o barco transportava e que, a ficar no local, poluiria uma vasta extensão da costa.

DE MADRUGADA NO PORTO

Roubados a um ourives cinco quilos de ouro

PORTO, 6 — Às oito horas da manhã de hoje, foi assaltado um ourives do Porto à saída da sua casa. Os assaltantes levaram-lhe a pasta que transportava e que continha cerca de cinco quilos de ouro. Ao preço do mercado, o produto do roubo ascende a setecentos contos, aproximadamente.

A vítima, António Pereira Pinto, é proprietário de uma ourivesaria na Rua dos Povei-

ros 181, estabelecimento próximo da sua residência na R. Fernandes Tomás, 225.

Os assaltantes transportavam-se num carro de cor azul metalizado, tipo «Gordini», passando-se depois para um «Citroen» modelo «boca-de-sapo» e do qual só foi possível anotar as duas letras da chapa de matrícula: «ID».

A Polícia investiga.

MORANGUEIROS REMONTANTES "Mount Everest"



Uma nova espécie de Morangueiros remontantes "Mount Everest", mais resistentes e abundantes. Uma verdadeira novidade para os amantes de plantas.

Começarão a dar frutos desde os primeiros dias de Verão.

Sem necessidade de se baixar, pode recolher, grandes, carnudos e saborosos morangos.

Estes morangueiros trepam, enlaçando-se a uma cana, um pau ou qualquer estrutura que lhe permita a elevação.

Mesmo para si que vive na cidade e não dispõe mais do que a varanda ou a floreira pode cultivar estes morangueiros. Difícilmente encontra outra planta que ornamente a sua varanda de forma mais útil e com maior beleza e aroma.

Em qualquer caixote, vaso, pote ou floreira pode plantar esta nova qualidade de morangueiros remontantes que dá frutos tão carnudos, saborosos e aromáticos como V. nunca provou.

Fáceis de plantar, dão-se em qualquer terreno.

IMPORTANTE:

A altura ideal para começar a plantar os Morangueiros é a partir de NOVEMBRO FAÇA DESDE JÁ O SEU PEDIDO. O stock é limitado como se compreende.

PORTANTO: FAÇA JÁ A SUA RESERVA

poupar combustível é defender a economia !

Portugal em 1976, com a importação de combustíveis ultrapassará os 16 milhões de contos. O que represen-

ta cerca de 35% do total do «deficit» da nossa balança comercial. Podemos continuar a fazê-lo? E, se o fizermos, fá-lo-emos à custa de quantos sacrifícios? De quantas privações? De quantas dependências? Em tais anos, a

tíveis, aumentou em cerca de 10 milhões de contos.

É altura de falarmos francamente: Se não tivermos

cuidado, as consequências serão muito graves. E, afinal, o que representa para cada um de nós, um pequeno sacrifício quotidiano em face das consequências de uma verdadeira crise económica? Um exemplo: às vezes apagar uma

Portugal não pode gastar tanto



PUB

Presidência do Conselho

Secretaria de Estado da Cultura

SERVIÇO DAS RELAÇÕES CULTURAIS EXTERNAS

BOISAS DE ESTUDO
PARA A REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA

ACORDO CULTURAL LUSO-ALEMÃO

A Secretaria de Estado da Cultura faz saber que está aberto, até ao dia 30 do mês de Novembro de 1976, o concurso de bolsas de estudo para o ano lectivo de 1977/1978, oferecidas pela República Federal da Alemanha, no âmbito do respectivo acordo cultural, para as seguintes modalidades:

I - BOISAS ANUAIS

- 1) Número de bolsas:
5 bolsas
- 2) Duração:
10 meses, com início no ano universitário alemão de 1977/78

NOTA: Em casos excepcionais, os candidatos com bom «curriculum», poderão ainda receber:

- a) Uma bolsa suplementar de 4 meses para a frequência de um curso de língua alemã num dos estabelecimentos de ensino do Goethe Institut, de Junho a Setembro, ou
- b) Uma bolsa de 2 meses para a frequência de um curso de alemão nos meses de Agosto e Setembro.
- 3) Finalidade:
Todos os domínios
- 4) Destino:
Estudantes universitários e jovens académicos portugueses, devendo os estudantes ter completado pelo menos, dois anos de uma faculdade portuguesa.
- 5) Condições exigidas aos candidatos:
a) Suficientes conhecimentos de alemão
b) Boas classificações académicas, quer no que respeita aos estudos universitários, quer no tocante ao ensino liceal.
- c) Apresentação de um plano de estudos ou de investigação por memorizado e concreto.
- d) Apresentação de obras da sua autoria caso existam.
- 6) Condições Preferenciais:
1.º Jovens assistentes universitários
2.º Estudantes e licenciados em Direito, Medicina, Ciências Naturais e Engenharia, tendo estes últimos, contudo, que possuir já o diploma do curso por ocasião do início da bolsa.

II - BOISAS PARA ESTADIA DE ESTUDO DESTINADAS A CIENTISTAS PORTUGUESES

- 1) Número de bolsas:
5 bolsas
 - 2) Duração:
Máximo de 3 meses, exclusivamente durante o ano civil de 1977
- NOTA: Não são possíveis estadias durante os períodos seguintes:
— 15 de Dezembro a 15 de Janeiro;
— 15 de Julho a 15 de Outubro;
— 15 de Fevereiro a 15 de Abril.
- 3) Finalidade:
Todos os domínios.

NOTA: Estas estadias deverão revestir-se predominantemente de interesse científico.

- 4) Destino:
Cientistas portugueses a convidar pelas Autoridades alemãs.
- 5) Condições exigidas aos candidatos:
a) Suficientes conhecimentos de alemão
b) Não ter mais de 60 anos
c) Estabelecer directamente contactos prévios com Institutos alemães ou colegas da especialidade, por forma a poderem apresentar um plano exacto sobre estudos, período de tempo e plano local para a sua estadia na R.F.A.

NOTA: Os contactos deverão ser comprovados mediante apresentação de cópias da correspondência trocada.

- 6) Condições preferenciais:
a) Jovens docentes que estejam no princípio da sua carreira.
b) Cientistas de renome internacional.

III - BOISAS DE CURTA DURAÇÃO

- 1) Número de bolsas:
12 mensalidades
- 2) Duração:
1 a 6 meses, não prorrogáveis, podendo ter início a partir de 1 de Abril de 1977, terminando impreterivelmente em 31 de Dezembro do mesmo ano.
- 3) Finalidade:
Todos os domínios
- 4) Destino:
Jovens cientistas, empenhados numa estadia de curta duração, destinada a aperfeiçoamento ou a trabalhos de investigação na R.F.A.

NOTA: Os cientistas mais jovens devem possuir licenciatura com boas classificações, seguida de exercício de funções docentes numa Universidade portuguesa ou instituto de investigações.

- 5) Condições exigidas aos candidatos:
a) Suficientes conhecimentos de alemão
b) Boas classificações académicas
c) Estabelecer directamente contactos prévios com institutos e professores alemães, por forma a poderem apresentar um plano exacto de aperfeiçoamento ou de investigação e zelar eles próprios pela obtenção de vaga no instituto ou institutos científicos que pretendem frequentar.

NOTA: Os contactos deverão ser comprovados mediante a apresentação de cópias da correspondência trocada.

- d) Apresentação de certificado da licenciatura
 - e) Apresentação de lista de obras publicadas, caso existam.
- Os candidatos deverão apresentar o seguintes documentos:
- a) Requerimento em papel selado, dirigido ao Secretário de Estado da Cultura;
 - b) Impresses e boletins individuais a solicitar ao Serviço de Relações Culturais Externas da Secretaria de Estado da Cultura;
 - c) Certidão ou fotocópia das habilitações literárias legalmente autenticada;
 - d) Declaração passada pela instituição ou serviço onde o candidato exerce a sua actividade profissional, comprovativa de que a eventual concessão da bolsa se revela de interesse e de que não promoverá a sua interrupção;
 - e) Cartas abonatórias de, pelo menos, duas individualidades de reconhecida idoneidade ligadas ao domínio a que o candidato concorrer.
 - f) Toda a documentação exigida nos n.ºs I, II e III e nos impressos referidos na alínea b).

A entrega das candidaturas poderá ser feita pessoalmente no aludido serviço ou pelo correio com aviso de recepção, dentro do prazo acima indicado.

Todos os esclarecimentos serão prestados pelo Serviço de Relações Culturais Externas da Secretaria de Estado da Cultura, situado na Direcção-Geral do Património Cultural na Rua Ocidental ao Campo Grande, n.º 83, 1.º piso (Edifício da Biblioteca Nacional), Lisboa-5.

PUB

MOÇÃO

Os delegados sindicais da Setenave, presentes em Assembleia Geral no dia 27-10-76, manifestam o seu repúdio pelas leis antipopulares ultimamente decretadas pelo Governo, e em particular pela lei dos despedimentos.

1.º — Por considerarmos que os trabalhadores e os seus órgãos de classe deveriam ter sido ouvidos para a elaboração desta lei tal como está estabelecido na Constituição.

2.º — Por considerarmos esta lei marcadamente reaccionária, uma vez que a ser aplicada abre campo a todas as arbitrariedades, permitindo à burguesia lançar no desemprego sempre que queira, grande número de trabalhadores, o que constitui um grande recuo nas conquistas democráticas alcançadas pelos trabalhadores depois do 25 de Abril. Manifestamos a nossa determinação em esclarecer todos os trabalhadores acerca do conteúdo desta lei e juntos lutarmos pela sua não aplicação.

(Esta moção foi aprovada por unanimidade).

É para seguir para:

- Presidente da República.
- Conselho de Ministros.
- Conselho da Revolução.
- Pres. da Assembleia da República.
- Órgãos de Informação.

PUB

Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Setúbal

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA ALTERAÇÃO DE DATA

Para conhecimento de todos os associados se informa que a assembleia Geral deste Sindicato, que havia sido convocada para o dia 7 do corrente, foi transferida para o próximo dia 13, mantendo-se o mesmo local e hora, bem como a ordem de trabalhos.

Barreiro, em 3 de Novembro de 1976.

O Vice-Presidente da Mesa

da Assembleia Geral

João Maria Sovelas

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D—R. Infância 16, 55-C—LISBOA

Nacional

Agricultores exigem seguro contra acidentes de clima

MONTE-MOR-O-VELHO, 6
«Indemnizações aos agricultores das zonas afectadas» e «seguro contra acidentes de clima», aliás previstos na Constituição, são duas das reivindicações que a Liga dos Pequenos e Médios Agricultores desta região vai apresentar ao Governo.

Os representantes da liga explicaram, numa conferência de imprensa, que o ano passado foi de grande seca, o que levou a que as produções, em algumas zonas, fossem tão baixas que nem sequer dão para pagar a renda e as despesas com as culturas.

Outro dos problemas abordados no decorrer do encontro

com os jornalistas, refere-se ao recente aumento do preço dos adubos. A liga chamou a atenção para que ao aumento, não se some a especulação dos intermediários. Para isso «é necessário que o preço passe a vir marcado no saco» e que as cooperativas sejam abastecidas em primeiro lugar.

A terminar, os pequenos e médios agricultores de Montemor-o-Velho teceram profundas críticas ao programa TV Rural, da responsabilidade do eng. Sousa Velloso, que nas suas reportagens no Baixo Mondego, fartou-se de insistir na «necessidade dos agricultores se associarem», ignorando as organizações de classe já existentes.

Quem escreveu

"Alentejo Saqueado"

ou "Ocupações Selvagens"

não entendeu Reforma Agrária

«Alentejo saqueado», «ocupações selvagens», são expressões, diria «slogans», utilizados por quem não quer, ou nunca chegou a entender, o que se passou na zona da Reforma Agrária logo após o 25 de Abril.

E, então, vá de chamar, «saqueadores» ou «selvagens», aos rurais, que sujeitos à mais feroz exploração durante décadas, conduziram ao afastamento de grandes agrários, mesmo de médios e pequenos agricultores.

E é aqui que surge a confusão, ou, melhor, o aproveitamento estratégico, das tão apregoadas injustiças. Esquecendo-se, os detractores, que, ao longo da ditadura fascista, médios e até mesmo pequenos agricultores, muitos deles inventados após o início da guerra colonial e da emigração, quase sempre feitores ou homens-de-mão de oligarquia latifundiária, praticaram sobre o campesinato uma dura repres-

são, muitas vezes mais directamente do que a exercida pelos seus patrões, que, como é de regra, actuavam na sombra. Ditando as ordens das estâncias de Veraneio, do Estoril ou da Solmar, ou até mesmo do estrangeiro, Via Acapulco ou Coté d'Azur.

Dai a demarcação de classe (escreveria mesmo o ódio visceral) dos camponeses para com alguns deles, que conduziram à ocupação de propriedades que, em certos casos, não atingiam os cinco mil pontos ditados por Lei.

Porque mais do que ocupar

a terra, aos camponeses interessava dar o «justo castigo» a quem tão servilmente funcionava como veículo para a exploração a que tinham estado sujeitos.

Acto de justiça que, numa fase de avanço revolucionário, não tinha, como agora a CAP e seus seguidores, encobertos ou declarados, o pretendem fazer crer, um carácter «selvático» ou de «saque», já que a Revolução tem uma dinâmica própria que apenas tem em vista separar o trigo do joio, ou seja, explorados e exploradores, sejam eles proprietários de cem ou mil hectares, de dez ou cinquenta mil pontos.

Porque tanto é (foi) verdugo, portanto responsável pela repressão, pesem embora os graus de responsabilidade, o feitor como o agrário, o capitaz da Siderurgia como o Champallimaud, o agente de 3.ª classe da PIDE como o Silva Pais.

E só quem compreender (revolucionariamente) esta premissa, poderá entender a Reforma Agrária que os camponeses pretendiam (e teimam) em fazer nas terras cálidas do Alentejo, e em parcelas específicas do Ribatejo. Aos outros restava-lhes raciocinar à direita por linhas tortas, virados como estão para um legalismo que, na maioria das vezes, se confunde com um desejo de retorno ao tempo dos Passanhas e Maldonados. Que é como quem diz ao 24 de Abril de 1974.

MANUEL GERALDO

EXTERNATO SENECA

COOPERATIVA DE ENSINO E CULTURA

Curso Liceal - Ciclo Preparatório

MANHÃ • TARDE • NOITE

AV. ALMIRANTE REIS, 73 - 1.º E 2.º — LISBOA - 1
Telefone 4 00 92 (METRO ANJOS)

— ABERTAS AS INSCRIÇÕES —

Em S. PEDRO DE MUEL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

Nacional

ANTÓNIO ARNAUT (P.S.) EM MOSCOVO

"Consideramos a U.R.S.S. um país amigo"

A convite do Soviete Supremo da URSS encontra-se há dois dias naquele país uma delegação parlamentar portuguesa, composta por 9 deputados e chefiada pelo vice-presidente da Assembleia da República, dr. António Duarte Arnaut.

Os parlamentares portugueses tinham a aguardá-los no aeroporto internacional de Cheremetievo, em Moscovo, engalanado com as bandeiras dos dois países, o presidente do Soviete da União do Soviete Supremo da URSS, Alexei Chitkov, e o deputado do Soviete Supremo e membro da Comissão dos Negócios Estrangeiros do Soviete das Nacionalidades, Gueorguiy Jukov.

Em declarações prestadas aos jornalistas, o chefe da delegação portuguesa, António Arnaut, disse nomeadamente:

«Para nós, a chegada à União Soviética é um momento

muito emocionante. Ainda conhecemos pouco a realidade soviética. Até há pouco tempo uma visita destas seria pura e simplesmente inimaginável. A visita oficial desta delegação parlamentar portuguesa testemunha pois, que as relações entre os nossos países se tornam mais estreitas. Isso é perfeitamente natural, pois queremos desenvolver relações com todos os países do mundo e também com a União Soviética, que consideramos um país amigo.»

A delegação portuguesa, que visitou já Moscovo e Tbilissi, capital da Geórgia soviética, estudará diversos aspectos da realidade da URSS (política, cultural, social, etc.), visitará empresas e unidades colectivas de produção, devendo ainda ter encontros com os seus colegas soviéticos, no-

meadamente no Presidium do Soviete Supremo da URSS.

Sublinhando a importância desta visita, diria ainda António Arnaut aos jornalistas:

«A importância que atribuímos a esta visita é enorme. Ela confirma o desejo de ambas as partes de reforçarem as suas relações mútuas.»

VISITA A TBILISSI

A delegação da Assembleia da República Portuguesa, visitou ontem — um dia após a sua chegada — a cidade de Tbilissi, onde foi recebida, por Pavel, Gilashvili, presidente do Presidium do Soviete Supremo da Geórgia — anunciou a TASS.

A agência noticiosa soviética acrescentou que, no decurso da reunião com Pavel Gilashvili, o vice-presidente da Assembleia da República manifestou a opinião de que «os soviets são verdadeiramente órgãos governamentais representativos do povo, exercendo todo o seu poder no Estado».

O presidente da delegação portuguesa interessou-se também por quanto lhe foi dito sobre os esforços soviéticos para o fortalecimento da paz, para a melhoria da situação internacional e para o incremento da amizade entre os povos.

Durante a reunião com Gilashvili, os deputados portugueses foram pormenorizadamente informados acerca do papel que o Soviete desempenha no desenvolvimento económico e cultural da Geórgia, bem como na satisfação das necessidades diárias e nos pedidos da população.

vado, enquanto o debate em torno das teses, generalizado a todas as organizações do partido, se encontra praticamente terminado.

Os pavilhões da F.I.L. onde decorrerão os trabalhos, vão começar a ser preparados, tendo sido lançado um apelo a todos os militantes do P.C. que se queiram mobilizar para esta tarefa.

Boris Ponomarev, secretário do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, dirigirá a delegação soviética ao Congresso do Partido Comunista Português que terá início em Lisboa a 11 deste mês. Ponomarev é também encarregado das relações do P.C.U.S. com os Partidos Comunistas que não se encontram no poder.

Até agora confirmaram a sua participação no VIII Congresso do P.C.P. sessenta partidos e organizações estrangeiras. Entre estas destaca-se que a delegação do P.A.I.G.C. será chefiada por Vasco Cabral, comissário para o Planeamento Económico do Governo da Guiné-Bissau. Vasco Cabral chegou esta tarde a Lisboa.

Entre as delegações que acabam de confirmar a sua presença no congresso contam-se as do Partido Comunista Dinamarquês e da Organização de Libertação da Palestina (O.L.P.). Outras delegações também confirmadas ultimamente são as dos Partidos Comunistas da Bulgária, Cuba, Jugoslávia, Alemanha, Bélgica, Finlândia, Inglaterra, Irlanda, Noruega, Peru, Venezuela, Uruguai, Japão, Índia, Iraque e Israel, além de delegações dos Partido Socialista Unificado da Alemanha, Partido Socialista Operário Húngaro, Partido Operário Unificado Polaco, Partido Socialista Unificado de Berlim-Oeste, Partido Progressista do Povo Trabalhador do Chipre, Partido Suíço do Trabalho, Partido Africano da Independência (Senegal) e Partido do Progresso e Socialismo (Marrocos).

Entretanto, o relatório do C.C. ao Congresso foi já apro-

Pires Veloso

não tenciona vir a Lisboa

Ao contrário do que noticia na sua edição de ontem «O Dia», o brigadeiro Pires Veloso não tenciona deslocar-se a Lisboa nos próximos tempos. A informação foi obtida junto do próprio brigadeiro, que se encontra ainda hospitalizado.

Delatores de direita fabricam escândalo

PARIS, 6 — Os ataques às instituições que agora começam a erguer-se são desferidos pelos mais diversos lados, incluindo «a gente da casa».

Foi o que aconteceu com um artigo publicado recentemente no diário da manhã «O Dia» (27-10-976). «De fonte fidedigna» aquele jornal entendeu misturar insultos com insinuações políticas, para no fundo pôr em questão a delegação de Paris da Secretaria de Estado da Emigração.

Já há cerca de um ano outras forças (noutro quadrante político) utilizaram os mesmos métodos, atacando um trabador para destruir a estrutura.

Hoje foi o que aconteceu ao misturarem num mesmo saco a delegada interina da S.E.E., Teresa Mendes, o conselheiro cultural Liberto Cruz e o embaixador Coimbra Martins.

Se observações críticas há a fazer ao trabalho de cada um — e há, até porque no actual processo português ninguém está isento —, que sejam feitas numa base construtiva e política. Agora que a façam utilizando aquilo que a «liberdade de imprensa» não confere, demonstra bem que o adversário está com falta de argumentos e começa a entrar na rasteira do desespero.

A gente «lá de casa» que elaborou tal malta de con-

tra verdades, fora de qualquer análise sobre as estruturas da Secretaria de Estado da Emigração (apesar de aí haver muito a dizer), identifica-se com os métodos delatários que 50 anos de fascismo nos inculcaram. À parte as observações críticas que possamos fazer ao trabalho das três pessoas acima evocadas, uma certeza nos resta: enquanto uns se confundem e vivem da delação, esses três actuais representantes de Portugal em Paris foram combatentes reconhecidos no exílio pela causa do povo português. Enganarmo-nos de adversário é que não!

SOEIRO SARMENTO

F.E.P.U. impugna listas do P.S.D. e P.S. no Algarve

Em cento e noventa e seis tribunais de comarcas do País decorre neste momento a fase de apreciação dos processos de candidaturas às eleições para as autarquias locais. Quaisquer irregularidades detectadas nos processos em exame terão de ser notificadas aos mandatários das respectivas listas com vista a serem supridas no prazo legal. No entanto, o elevado número de juizes que participam neste trabalho propicia diferentes interpretações da lei, conforme o reconhece o Secretariado Técnico de Assuntos Políticos e Eleitorais em nota ontem distribuída também conforme já o demonstrou a prática em al-

gumas comarcas.

Não são, porém, apenas estas as irregularidades que vêm ocorrendo — e que a nota do S. T. A. P. E. diz poderem ser ultrapassadas pois «o legislador previu hipóteses de pormenor que normalmente não são contempladas em diplomas legais».

No Algarve a Frente Eleitoral Povo Unido impugnou já algumas listas, quer por atropelos da lei, que pela presença nelas de elementos reconhecidamente reaccionários.

Assim, no concelho de Monchique, o mandatário das listas da F. E. P. U. apresentou ao juiz da comarca de Portimão um protesto com base na pre-

sença nas listas locais do P. D./P. D. S. e do P. S., respectivamente, de vinte e de dez elementos acusados de terem pertencido às associações fascistas A. N. P., U. N. e L. P. Para a Câmara Municipal de Portimão a F. E. P. U. impugnou também as listas dos G. D. U. P.'s, por falta de nomes, e os cabeças de listas do P. D./P. S. D. e do P. S., o primeiro por ser concessionário de transportes urbanos e o segundo por ser arquitecto da própria Câmara. Finalmente, em Lagoa, a lista do C. D. S. para a Assembleia Municipal foi também impugnada por nela só constarem cinco nomes.

JÁ CONHECE O "LIVRE-SERVIÇO" PHILIPS?

PHILIPS

O MUNDO DA ELECTRONICA PHILIPS AO DISPOR DOS TÉCNICOS E DO PÚBLICO

SERVÍCIOS TÉCNICOS PHILIPS

PHILIPS

Da mais pequena ficha ou botão ao componente ou acessório mais complexo, você encontra o que pretende e serve-se rapidamente. Peças rigorosamente de origem são a segunda garantia dos produtos Philips.

VENDA DE ACESSÓRIOS MONTAGEM DE AUTO-RÁDIOS

LIVRE SERVIÇO PHILIPS — UM SERVIÇO PARA O SERVIR MELHOR
AVENIDA LUÍS BIVAR, 85 - A — TELEFONE: 56 02 00 — LISBOA

Nacional

G.D.U.P.'s

Comissão Nacional critica U.D.P. e P.R.P.

A Comissão Nacional Provisória de Unidade Popular, órgão de direcção nacional dos G. D. U. P.'s, emitiu um comunicado em que faz a análise do actual estado da luta pela libertação do maior Otelo e o balanço das actividades já desenvolvidas, nomeadamente a manifestação que no passado domingo juntou milhares de pessoas em Caxias.

O comunicado começa por referir a importância que a luta pela libertação de Otelo assume, no contexto geral da luta contra o fascismo e contra a recuperação capitalista, saudando depois todos os que, nos mais variados pontos do País, se têm empenhado na movimentação para libertar o estratégico do 25 de Abril.

Referindo-se à manifestação do passado domingo, a C. N. P. U. P. considera que «esta importantíssima realização de massas é a prova clara da capacidade de resistência do movimento popular, do prestígio de Otelo e da capacidade de mobilização dos G. D. U. P.'s. O comunicado analisa depois as posições que a U. D. P. e o P. R. P., organizações que apoiaram a candidatura de Otelo à Presidência da República, têm tomado sobre aquela realização.

A forma como decorreu a manifestação e a sua amplitude são consideradas pela C. N. P. U. P. como a demonstração prática da incorrecção das posições defendidas pela U. D. P. ao não apoiar a convocação que «não contribui para o fortalecimento do processo de unidade nem para intensificar a luta pela libertação do general Otelo, só não tendo atingido proporções mais gra-

ves devido à força da resposta popular e ao facto de a U. D. P. ter mobilizado para Caxias e ter estado aí presente».

Referindo-se ao P. R. P., a C. N. P. U. P. critica este partido por ter levantado calúnias sobre a forma como o serviço de ordem actuou durante a manifestação e ainda pelo facto de militantes responsáveis deste partido terem tentado, de forma organizada, alterar o percurso da manifestação, pre-

tendendo arrastar os manifestantes para junto do forte de Caxias.

A concentração em frente dos portões de Caxias poderia, segundo afirma a C. N. P. U. P., levar a um «processo incontável com graves riscos de confrontos com as forças repressivas, o que teria consequências extremamente graves para o movimento popular».

O comunicado termina salientando a importância de

continuação da luta pela libertação de Otelo, ao mesmo tempo que revela a insistir com as autoridades a quem pediu audiência para protestar pela prisão do «general do povo».

Entretanto foi anunciado que os G. D. U. P.'s e listas de Unidade Popular do concelho de Oeiras levarão a efeito no próximo sábado, dia 13, uma festa popular, já depois da libertação de Otelo, que é esperada para a próxima semana.

À vista das muralhas de Caxias

Dias de Melo

Viera no comboio. Descera na estação, à ilharga do jardim. Vira a multidão que Viera comigo, deparara com a que chegava em autocarros, por ali estacionados à sombra dos arvoredos.

Encorporei-me na manifestação. Meterei-me à longa estrada que lá vai, a subir, a serpentejar, pelos flancos das colinas.

Sol. No céu muito azul, Sol caindo sobre a terra, sobre o mar. A terra ondulada, e as casas, e as árvores, e as ervas da terra, aqui, ao longe, mais ao longe, do outro lado do Tejo. O mar e as águas do rio a caldearem-se com as águas do mar, muito azuis, muito calmas. Velas deslizando na epiderme lisa das águas mansas.

Na estrada, à minha frente, para trás de mim, a coluna da enorme manifestação de milhares e milhares de pessoas. Erguidos ao alto, cartazes brancos com dísticos encarnados inscritos. Bandeiras rubras, bandeiras verdes e vermelhas, bandeiras drapejando ao sopro brando da brisa suave. E palavras, e frases, gritadas pela multidão. Palavras de protesto:

— Liberdade total para Otelo, já!

Palavras de fé e de esperança:

— O povo unido, jamais será vencido!

Adiante, na curva da estrada a inflectir para a esquerda, tu disseras, apontando a corcova da colina:

A fortaleza, ali...

— ...?

— Não. O outro edifício. Esse é o hospital.

Seguia-te o gesto, ouvia-te as palavras.

A fortaleza de Caxias! Na paisagem verde, no alto da colina, longos muros brancos recortados contra o azul do céu. Janelas nos muros brancos.

Que é isto que eu sinto dentro de mim?

Quanto por ali passaram! Quanto que ali estiveram encarcerados! Quanto que ali foram torturados! Quanto que ali terão tombado, vencidos pelos excessos das torturas! Quanto! E apenas pelo crime de não pensarem como, oficialmente,

Governo da Madeira quer antecipar obras no aeroporto

FUNCHAL, 6 — Numa entrevista concedida à RTP local, o presidente do Governo Regional da Madeira declarou que era possível iniciar as obras do aeroporto já no próximo ano, ao contrário do que o Presidente da República dissera, prometendo tal construção para 1979.

As actuais instalações aeroportuárias, inauguradas em 1964 e sucessivamente ampliadas, são manifestamente insuficientes para o tráfego aéreo que se prevê para a ilha nos próximos anos.

Sindicato Nacional dos Técnicos de Topografia comunicado

Para conhecimento de todos os associados informa-se de que os resultados de votação levada a efeito em 28/10/76, foi favorável à linha da «Carta Aberta».

4-11-76

A DIRECÇÃO

mente, impunham que todos pensassem. E apenas pelo crime de tentarem comunicar aquilo que pensavam. E apenas pelo crime de resistirem e se oporem ao modelo obrigatório do pensamento oficial.

A fortaleza de Caxias, de portas escancaradas para a libertação de quantos ali sofriam as torturas do cativoiro — escancaradas para a libertação no dia 25 de Abril de 1974, pela vitória fulminante do Movimento das Forças Armadas, sob o comando de Otelo Saraiva de Carvalho. Portas que agora de novo se encerram — e para o cativoiro do mesmo Otelo Saraiva de Carvalho!

Escárnio dos escárnios! Insulto dos insultos!

Aonde o 25 de Abril de 1974? Aonde a unidade do MFA com o povo? Aonde?!

Escárnio dos escárnios!!! Insulto dos insultos!!!

E o povo ainda grita:

— Liberdade total para Otelo, já!

O povo, a multidão de muitos milhares de pessoas, que pára junto ao estádio, a distância considerável das muralhas da prisão tenebrosa. E aqui ouve e apoia os oradores que falam, que exprimem com a palavra o que vai na alma de cada um. E aqui cumpre, religiosamente, o minuto de silêncio que lhe pedem, em memória de quantos tombaram e de quantos, empenhados na mesma longa e santa batalha, passaram pelas celas de Caxias e de quantas prisões se ergueram por todo o nosso país. E aqui entoia a canção que foi o sinal, que foi o sol do dia da libertação: **Grândola, vila morena.** Um coro, em uníssono, de milhares e milhares de vozes!... As lágrimas afloram-me aos olhos...

Entretanto, lá em cima, na fortaleza-cativoiro, elementos das Forças Armadas, com espingardas, com metralhadoras, guardam o grande libertador — Otelo Saraiva de Carvalho...

E quando, no regresso à estação, abandonamos o cortejo enorme e nos metemos à estrada lateral, com milhares de automóveis à espera de poderem romper, ouvimos da boca de um senhor automobilista:

— E está uma pessoa para aqui a aturar estes fregueses! M...

Lembro o dito que há alguns anos correu:

— Desce, Marquês, que eles cá estão outra vez!...

TRIBUNAL JUDICIAL

DA COMARCA DE CASCAIS ANÚNCIO

Correm editos de 30 dias, que começaram a contar-se da data da publicação do anúncio, citando o réu **António Luís Gonçalves Meiro**, casado, comerciante, residente em parte incerta e com último domicílio conhecido na Rua Alexandre Herculano, 7, 5.º ass.º, em Lisboa, para, no prazo de CINCO DIAS, finda a dilação, comparecer, querendo, a acção de despejo n.º 1443 pendente na 2.ª secção do 1.º Juízo de Cascais, que lhe movem a Maria Fernanda Nogueira de Moraes Valle Teixeira de Figueiredo, moradora no Rio de Janeiro-Brasil, os autores Manuel Filipe, Luís Manuel Gravata Filipe e António Manuel Gravata Filipe, com fundamento no disposto no art.º 1093, n.º 1, al. f) e g) do Cód. Civil, sob pena de, não contestando, prosseguir o processo à sua revelia. Cascais, 25 de Outubro de 1976.

O JUIZ DE DIREITO

(Rui de Almeida Mira)
O ESCRIVÃO DE DIREITO
(José António Marques Pacheco)

Festa-comício de solidariedade com despedidos da Televisão

Por iniciativa de trabalhadores da RTP realizou-se ontem à noite, na Voz do Operário um comício-festa de solidariedade para com os 23 trabalhadores da Televisão despedidos no seguimento de acontecimentos verificados no País a 25 de Novembro do ano passado.

Camaradas de profissão atingidos pelas mesmas medidas arbitrárias de suspensão ou despedimento estiveram presentes e usaram da palavra para pública denúncia de situações criadas a trabalhadores da Imprensa e da Rádio. Armando Carvalheda relatou a evolução de acontecimentos na RDP que sugerem o regresso desta estação emissora ao «antigamente», com entrada de elementos ligados à PIDE

e à censura e afastamento de trabalhadores progressistas, apelidados de «criminosos», a pretexto de coisas várias ocorridas, no 25 de Novembro e cujo esclarecimento continua por fazer, ao que nos dizem por incomodidade, em boa parte, de pessoas situadas em lugares relevantes.

Pelos «saneados» da Imprensa falou José David Lopes, ex-«Diário de Notícias». Recordamos, das suas declarações, a seguinte passagem:

«Todas as forças progressistas e antifascistas nos acompanham na nossa luta. Mas a nossa luta não pode ser isolada. Não podemos lutar apenas pela nossa reintegração nos locais de trabalho de onde fomos afastados. Não podemos permitir que a nossa luta se personalise dessa maneira. A nossa

luta deve orientar-se no sentido de uma informação progressista, ao serviço das massas populares e das mais profundas aspirações do povo português, em ligação com os movimentos de massas integrados no combate, muito mais importante, pela construção do socialismo. Temos talvez insistido demasiado no nosso direito ao trabalho e reconhecemos a existência de erros passados. Não podemos sobretudo esquecer a existência desse combate mais amplo: combate contra o fascismo e o imperialismo».

A festa-comício da Voz do Operário, emotivamente seguida pelas muitas centenas de pessoas presentes, teve o momento mais alto com a acção de José Afonso, recebido com gritos de «unidade» e entusiasticamente aplaudido.

Delegação da C.E.E. em busca de "respostas concretas"

Chegaram ontem à noite a Lisboa os membros do grupo de estudo «Portugal», do Comité Económico e Social da Comunidade Económica Europeia.

Este grupo, órgãos consultivo do conselho e da comissão das comunidades, em que es-

tão representadas as diversas actividades industriais, comerciais, agrícolas e profissionais, é constituído por Einar Carstens, presidente da secção de relações externas do C.E.S.; Umberto Scalia, membro do secretariado do C.E.S. e Hans-Werner Staratzke, membro da Câmara Internacional da Indústria e do Comércio.

Segundo Einar Carstens, a vinda do grupo «Portugal» tem em vista encontrar representantes sindicais e de organizações profissionais a fim de conhecer em pormenor a realidade portuguesa.

Carstens disse ainda esperar que as autoridades portuguesas respondam às questões concretas que o C.E.S. pôs por escrito acerca da intensificação da cooperação entre aquele comité e as organizações profissionais portuguesas.

OCDE

A fim de apreciar programas de assistência técnica de que vão ser os principais beneficiários Portugal, a Grécia, a Turquia, a Jugoslávia e a Espanha, vai reunir em Paris o Comité de Cooperação Técnica da OCDE, a que presidirá o engenheiro Carlos Lourenço, do Secretariado para a Cooperação Económica e Técnica. Serão examinados os estu-

Sindicato Nacional dos Técnicos de Topografia Assembleia Geral Ordinária CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 28.º e para os efeitos previstos na parte final do art.º 24.º, 1.º, dos Estatutos do Sindicato, convocam-se os seus sócios para uma Assembleia Geral Ordinária a realizar no próximo dia 26/11/76, pelas 21 horas, na sede à Rua da Alegria, n.º 134-4, 9.º Esq.º, em Lisboa, com a seguinte

ORDEN DE TRABALHOS

PONTO ÚNICO — Discussão e aprovação do orçamento para o ano de 1977

Lisboa, 4 de Novembro de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(José Luís dos Santos do Sousa)

MARIA VITÓRIA

TELEF. 36 17 40

HOJE AS 20.30

AS 22.45 H.

Aos domingos e feriados «matinéas» às 16 h.

As 2.ª feiras: descanso

GRANDE ÉXITO!

A NOVA PLURALREVISTA

O BOMBO DA FESTA!

Não ac. M/18 anos

UM ENORME SUCESSO

UM ABILETADO

INTERNACIONAL!

SALVADOR e IVONE SILVA

HENRIQUE SANTANA

LYGIA TELLES

em «vendedor de palavras»

ATENÇÃO

Não perca a abertura do espectáculo!

Uma surpresa!

Trabalho

TÊXTEIS

Dirigente sindical despedido denuncia manobras da C.I.P.

Está marcada para o próximo dia 9 uma reunião geral de delegados sindicais do sector têxtil. Da ordem de trabalhos constam a «análise da situação do Contrato Colectivo de Trabalho único e vertical» e a «análise aos despedimentos dos dirigentes sindicais» — Manuel Correia Lopes e António Cunha Rosas». A reunião é aguardada com justificada expectativa, já que a forma de luta adoptada pelos trabalhadores têxteis — paralisações diárias de uma hora — tem vindo a colher crescente aderência, uniformizando-se o nível de adesões a um índice superior aos noventa por cento.

Por outro lado, avoluma-se o movimento de solidariedade para com os dirigentes sindicais despedidos da firma «Manuel Lopes Henriques». Um deles — Manuel Correia Lopes — é o actual presidente da direcção do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis do Sul e o outro — António Rosas — pertence ao Secretariado da Intersindical Nacional.

«Contra o patronato reacção, a luta continua». Esta afirmação mais repetidamente feita por sindicatos e comissões de trabalhadores que, de formas várias, nomeadamente por telegramas dirigidos ao

«DL», têm manifestado a sua solidariedade para com os trabalhadores despedidos.

Ao fim da manhã, uma comissão de trabalhadores da Manuel Lopes Henriques dirigiu-se ao Ministério do Trabalho, na tentativa de se avistar com o ministro Marcelo Curto. Esta diligência vem no seguimento de outras efectuadas no mesmo Ministério, até agora sem qualquer resultado. Ontem, a reunião concertada entre os trabalhadores, um representante do Ministério e a entidade patronal saldou-se no abandono, por parte deste último. O advogado do patrão Manuel Lopes Henriques, pelo seu comportamento, deixou de ser aceite como interlocutor pelos trabalhadores. Um deles afirmou-nos que o advogado Alberto Bento, pela posição de força que assumiu, ultrapassou a própria posição do patrão, o qual, neste momento, estaria a ser joguete de forças que ultrapassam o conflito laboral desencadeado na empresa, onde a greve total continua. «Se mais trabalhadores houvesse, maior seria a greve» — afirmaram-nos decididamente.

Manuel Correia Lopes, um dos despedidos e actual presidente do Sindicato dos Têxteis do Sul, revelou ontem, em declarações feitas à ANOP, que

o ministro do Trabalho, Marcelo Curto, lhe garantiu o seu completo apoio, quer ao processo de luta dos trabalhadores pelo Contrato Colectivo único e vertical, quer às posições que estes venham a assumir contra os despedimentos dos dois dirigentes sindicais. Concretamente quanto aos despedimentos, Manuel Correia Lopes salientou não se tratar de um caso isolado e acrescentou:

«O problema tem por trás os industriais do sector e a própria C.I.P. e visa desviar as atenções de luta pelo Contrato Colectivo. Pensamos que se trata de uma acção organizada pela C. I. P., de ataque ao movimento sindical, à Constituição e à liberdade sindical, apontando para a desestabilização política do País, no momento em que a direita tenta avançar a vários níveis, desde tentar ganhar posições no aparelho militar até ao ponto de criar dificuldades ao próprio Governo.»

Manuel Correia Lopes salientou ainda que, com estes despedimentos, a C. I. P. pretende que os trabalhadores radicalizem impensadamente a sua luta, «desviando-a das questões fundamentais, de modo a ser criada uma situação de instabilidade».



EM LISBOA

Representantes de todo o País debatem legislação do trabalho

Milhares de dirigentes e delegados sindicais, e membros de comissões de trabalhadores de todo o País, encontram-se reunidos desde a manhã em Lisboa, nas instalações do Instituto Superior Técnico, para tomarem posição sobre a legislação do trabalho.

O encontro funcionará, até ao fim da tarde em dez secções, para debate de questões como o controlo operário,

empresas autogeridas e cooperativas, direito à greve, contratação colectiva e política salarial, direito ao trabalho e segurança no emprego, horário de trabalho, segurança social e saúde, trabalho doméstico, etc. Pelas 20 horas realizar-se-á um plenário final de encerramento, no Pavilhão dos Desportos, aberto a toda a gente (e não apenas aos participantes). Nele serão lidas as conclusões aprovadas, durante o

dia, para cada um dos temas.

Os trabalhos registaram considerável afluência, ultrapassando em muito as quatro mil inscrições previamente efectuadas. Comboios especiais e camionetas fretadas trouxeram, de norte a sul do País, representantes dos sindicatos e dos trabalhadores das maiores empresas, interessados em participar no debate de questões que neste momento merecem particular acuidade.

UNIÃO DE SINDICATOS ACUSA

"Métodos de antigamente" na Caixa de Leiria

«Os métodos de decisão do antigamente», são o tema de um comunicado divulgado pela União dos Sindicatos de Leiria, sobre os acontecimentos que vêm sendo observados na Caixa de Previdência daquele distrito.

Justificando a acusação, no documento referem-se dois factos: o dr. Vitorino Vieira Dias, presidente da Comissão Administrativa da Caixa, «vem ilegalmente chamando os dois elementos nomeados em representação da Caixa para a Comissão de Gestão da Acção

Médico-Social, para tomarem parte na tomada de decisões em questões de Segurança social, o que é ilegal»; e o caso da admissão de um técnico de 3.ª classe de Organização e Métodos, que deverá ser revista, na opinião da U. S. L., «já que se nos afigura que o mesmo está ferido de ilegalidade».

Sobre o primeiro ponto, afirma-se no comunicado: «Arbitrariamente, autocraticamente, não obstante os protestos dos representantes membros da C.A., sobretudo os dois representantes sindicais que a integram, não obstante os protestos da Comissão de Trabalhadores, e o repúdio dos funcionários da instituição, o dr. Vitorino Vieira Dias, para arranjar «quorum» para apoiar os seus pontos de vista, chamou os dois elementos nomeados pela Caixa para integrarem a Comissão de Gestão da A.M.S., e decidirem sobre questões de Segurança Social, isto é: em matéria que não é da mínima competência legal».

Mas, o outro caso («o caso Silva Marques») tem mais importância para a União de Sindicatos de Leiria, no sentido da definição dos tais «métodos de antigamente». Assim, de acordo com o comunicado, mediante concurso para provimento de uma vaga de técnico de Organização e Métodos, apareceram diversos concorrentes, «tendo a vaga sido preenchida pelo dr. José Augusto Santos Silva Marques, ainda que à luz do C.C.T. para os trabalhadores das instituições de Previdência Social ele não tivesse sido o concorrente que reunia as melhores condições», uma vez que um concorrente com o mesmo curso, teve classificação superior à sua.

PORTO

Salários em atraso paralisam firma de reclamos

Por motivo de atraso do pagamento de salários aos seus 76 trabalhadores, que não recebem desde Agosto último, encontra-se paralisada desde anteontem a empresa «Soteli Ferma», do Porto, produtora de reclamos luminosos.

A paralisação foi decidida em plenário de trabalhadores como forma de pressionar os patrões.

Ontem foi-lhes prometido que receberiam, mas o impasse manteve-se até ao fim da tarde. Anteriormente tinha já sido prometido o pagamento de um terço dos salários atrasados e posteriormente outro terço. Porém, os prazos marcados não foram observados.

A «Soteli Ferma» atravessa uma crise económica; contudo, tem algumas encomendas em carteira e matéria-prima adquirida.

CONGRESSO DOS SINDICATOS

Escritórios de Setúbal têm comissão directiva

Em Assembleia Geral efectuada ontem, à noite, na sua sede, mais de 200 filiados no Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Setúbal aceitaram o pedido de demissão de parte da direcção e elegeram uma Comissão Directiva que deverá tomar posse na próxima segunda-feira, às 21 horas. A decisão foi tomada com 20 votos contra e 14 abstenções.

A Assembleia de ontem tinha sido convocada com a seguinte «Ordem de Trabalhos»: apreciar o pedido de demissão de parte dos corpos gerentes e encontrar solução para a hipótese de serem aceites os pedidos de demissão.

Os pedidos de demissão tinham sido apresentados, em carta dirigida ao presidente da Assembleia Geral do Sindicato, em carta datada de 18 de Outubro e surge na sequência de uma A.G. realizada no dia 13, para apreciação do Regulamento do Congresso de todos os sindicatos e se pronunciar sobre a funcionalidade da direcção sindical.

Contudo, nessa reunião do dia 13, o segundo ponto não chegou a ser discutido, motivo por que foi convocada outra reunião para uma semana depois. Por ter sido apresentada a demissão no dia 18, esse ponto não chegaria porém a ser objecto de discussão. Mas, na Assembleia de ontem, ainda surgiu uma tentativa de «golpe de teatro» da parte dos elementos «cessantes», quando pediram, baseados no estatuto, uma prorrogação no exercício de funções, de mais 45 dias.

Deste modo, poderá tomar novo rumo o Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Setúbal, uma vez que as decisões dos trabalhadores no sentido de que o seu organismo sindical participasse nas reuniões de sindicatos promovidos pela Intersindical

Nacional não eram respeitadas.

HOTELEIROS NO CONGRESSO

A direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira e Similares do Distrito de Braga anunciou ontem a decisão de participar no próximo Congresso de todos os sindicatos.

No entanto, na conferência de imprensa convocada a propósito, foram feitas algumas críticas ao secretariado da Intersindical Nacional, referentes ao Congresso e à última Reunião Geral de Sindicatos, efectuada em Lisboa nos dias 23 e 24 de Outubro, que aquela direcção considerou ter sido pouco democrática.

Na mesma conferência de imprensa, a direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira de Braga, anunciou e lamentou que a entidade patronal não está aberta às negociações com vista à assinatura de um novo Contrato Colectivo de Trabalho para o sector.

METALÚRGICOS DE AVEIRO

Os delegados sindicais dos metalúrgicos de Aveiro, secção de Agueda, exigiram, em recente assembleia, que a direcção do seu Sindicato se desvincule prontamente do grupo da «Carta Aberta» e passem a participar nos trabalhos da comissão organizadora do Congresso de Todos os Sindicatos.

Na mesma reunião foi ainda decidido, por unanimidade, suspender imediatamente das suas funções o dirigente sindical Alípio Almeida, considerando um dos principais responsáveis pela «falta de democracia interna» no Sindicato.

A direcção do Sindicato dos

Metalúrgicos de Aveiro participou nos trabalhos da comissão de redacção da «Carta Aberta».

A propósito do que se passa no seio do Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro, «O Diário» divulga hoje uma entrevista com Alberto Graça, da Assembleia Geral daquele organismo, em que se afirma que os trabalhadores estão unidos, como se prova com «documentos assinados por 80 por cento dos sindicalizados, criticando a acção divisionista de alguns elementos da direcção do Sindicato».

O entrevistado, que fez as suas declarações acompanhado de outros sete elementos da direcção e delegados sindicais, fez diversas acusações à direcção dos Metalúrgicos de Aveiro, entre as quais de desaparecimento de correspondência da Intersindical, boicote às discussões dos trabalhadores, acusações, ameaças, propostas de utilização de verbos do Sindicato para fins inconfessáveis, etc...

SINDICATO AGRÍCOLA DE VILA REAL DESMENTE «JORNAL NOVO»

O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Vila Real, a propósito de uma informação veiculada pelo «Jornal Novo», fundiu o seguinte comunicado:

«Tendo este Sindicato constatado, através de uma notícia publicada no «Jornal Novo» de 11 de Outubro de 1976, que este Sindicato aderiu à linha da chamada «Carta Aberta», vem este Sindicato desmentir tal notícia por a considerar falsa, e solicita ao «Jornal Novo» que esclareça a opinião pública sobre o documento ou a via que lhe permitiu publicar tal notícia.

«Mais esclarecemos que este Sindicato não aderiu à «Carta Aberta», nem sequer foi discutida qualquer adesão seja a que linha sindical for, visto este Sindicato ser recém-criado e com uma direcção provisória».

Preparação do Congresso avança a bom ritmo

Estão a decorrer a bom ritmo os trabalhos relativos à elaboração dos projectos de alteração dos estatutos da Intersindical e à lei sindical, e do programa de acção da conferência geral dos sindicatos portugueses, a cargo da Comissão Nacional Organizadora do Congresso de Todos os Sindicatos (CNOC).

Informa-nos a CNOC que se prevê o envio daqueles projectos, dentro dos prazos estabelecidos no regulamento do Congresso, a to-

dos os sindicatos uniões e federações, de modo a que possam ser amplamente discutidos por todos os trabalhadores.

A CNOC efectuou já três reuniões plenárias, tendo aprovado o regulamento de funcionamento interno. Também se encontram constituídas as seguintes subcomissões: redacção; coordenadora; imprensa; sindicatos paralelos; inscrições; instalações e funcionamento; fundos.

Nacional



Aqui, nesta coluna, estava a placa a assinalar o feito do «sr. presidente»: inauguração de uma rua que só tinha entrada...

Murça vive, hoje mergulhada no passado. Submersa numa onda de terror e refrescada por uma aragem de bolorenta expectativa. Terror psicológico para os democratas e expectativa para os muitos populares que, ingenuamente, esperam, do antigo presidente da Câmara, Joaquim Torres, preso em Caxias como grande implicado no terrorismo bombista, o gancho que os salvará das profundezas da miséria e da ignorância. O mito fascista de J. Torres continua a ser alimentado pelos seus seguidores de tal forma que os maus não são os que colocam ou mandam colocar as bombas-assassinas, mas sim os que morrem assassinados à bomba. Deste modo as acusações de que tem sido alvo Joaquim Torres não alteram, de uma maneira geral, o ambiente murcense. Ele continua a ser o «nosso bom presidente», «de bom coração»... «que tantas obras fez pelo concelho sem olhar a sacrifícios», apesar de estar provado que a grande maioria das «benemérencias» do sr. Torres foram pagas com o dinheiro da Câmara.

«Tenho a certeza de que ele não deu dinheiro nenhum para o concelho» — asseverou-me um democrata murcense conhecedor das várias irregularidades cometidas durante a gestão de J. Torres.

Entre em Murça já com a ideia de que aquela vila transmontana estava de cócoras, sob o medo que o fascismo inculcou no povo e, de lá, sai com essa impressão reforçada. Na verdade várias pessoas me falaram do terror que impera na região e que circula por todos os cantos, obrigando os democratas a falarem às escondidas. Para além das palavras houve mesmo a constatação inequívoca de que o medo existe e que ser-se democrata é um grande risco.

O medo de falar ali para arriba não morreu com o 25 de Abril, nem com o 11 de Março, nem muito menos com o 25 de Novembro, altura a partir da qual os que impunham o medo no tempo do fascismo passaram a actuar mais às escâncaras, sem rodeios nem timidez. E o medo em Murça está ligado a J. Torres que, mesmo em Caxias, por implicação nos atentados mais drásticos ocorridos no País, continua a impor o seu domínio, através dos seus apaniguados, como é evidente. O domínio de Joaquim Torres corresponde a re-

pressão psicológica sobre os que lhe são opostos, ou seja, sobre os democratas.

Com efeito, vendo controlados todos os seus passos, os antifascistas de ontem e de hoje vivem na clandestinidade uns, na semiclandestinidade outros. «Para mim estamos pior do que antes do 25 de Abril», dizia-me um militante do PS, receoso, mas convicto da sua razão, da sua luta. E acrescentou: «se ele vem para ali outra vez, temos de fugir todos ou morrer». Ele é J. Torres um dos poucos senão o único presidente camarário, reconduzido após o 25 de Abril, pelas mãos de Magalhães Mota, actual secretário-geral do PPD/PSD, quando ministro da Administração Interna.

Embora em mim o cidadão acreditasse, sem reboço, naquela confiança do militante socialista, o jornalista interrogou-se: não haverá exagerada dramatização do problema? A resposta, porém, surgiu pronta e decidida: «acredite, as ameaças têm sido muitas e se eu fosse mais novo já tinha saído daqui para fora».

REPORTAGEM DE LUÍS HUMBERTO

A situação é na verdade, desesperada para os democratas, para os que se bateram contra o fascismo e que agora, numa situação dita democrática vêem-se privados dos direitos fundamentais como cidadãos. «Os comunistas estão na clandestinidade e os socialistas na semiclandestinidade». Nem o PCP nem o PS conseguem ter sede em Murça.

Enquanto isto, aqueles que sempre enganaram o povo, defendendo o regime de opressão de Salazar e Caetano passeiam-se à vontade, com arrogância até. Continuam a ser os «senhores» e exploram ao máximo essa circunstância, jorrando sobre os democratas o ódio que nutrem pelo 25 de Abril.

NO PRESENTE O PODER DO PASSADO

A justificar tudo isto há o facto de estarem, ainda, à frente de organismos importantes do concelho, aqueles que já antes do 25 de Abril os administravam. Caso das «cooperativas» do vinho e do azeite e da Casa do Povo, à frente de que está um dos testas-de-ferro de J. Torres: Seixas Veloso, ex-ANP que é também, director da Casa da Misericórdia e da Caixa de Crédito Agrícola. Foi vice-presidente da Câmara no tempo de Torres e «deu à sola» logo após a prisão do seu «chefe» ocorrida em Agosto. Depois de algum tempo de «ausência», Manuel Abreu Seixas Veloso reapareceu (tinham-se esfumado os primeiros receios...) e agora, por lá o vimos, imponente, todo «senhor da terra», no seu BMW que na madrugada imediata à prisão de J. Torres foi visto, seguindo não se sabe para onde, transportando «caixotes pesados» saídos de sua casa, conforme nos afirmaram. Segundo as mesmas fontes, o veículo terá sido conduzido por um cunhado de Seixas Veloso. Se tais caixotes continham armas, tal como a suspeita que nos foi apontada, é coisa que não chegou a ser apurada. No entanto, será bom recordar que uma mulher do «grupo Torres», afirmou, no ano passado, ao «Século Ilustrado» que havia armas prontas a ser utilizadas quando fosse preciso.

Soubemos também, da existência de favoritismos na Casa do Povo, onde «existem critérios diferentes na concessão das pensões». Disseram-nos, inclusivamente, que havia pessoas com direito a pensões mas cujos requerimentos eram indeferidos por serem de esquerda, por serem anti-Torres. Por outro lado foi feita, há poucos dias, uma exposição às entidades governamentais e ao C.R. por algumas pessoas que há cerca de dez meses não recebem as pensões a que têm direito.

Outra das figuras zeladoras do mito-Torres é Belmiro Teixeira, há mais de um ano sem profissão que lhe seja conhecida e que, quase todas as semanas, se deslocava a Espanha, antes da prisão de J. Torres. O comandante dos bombeiros, activista do CDS, é outro dos defensores do passado. Ainda recentemente, segundo

consta nos círculos políticos de Murça, deslocou-se a Caxias com outros dois «activistas», um deles do PPD, com o objectivo de consultar o «chefe» sobre a possibilidade de incluí-lo na lista para as eleições das autarquias locais. Joaquim Torres terá achado «inoportuna» a ideia, porquanto o seu nome não apareceu em lista alguma.

MITO-TORRES É SUBMISSÃO

Para além destes indivíduos, aos quais se poderia juntar alguns caceteiros e também provocadores, há uma boa parte do povo murcense subjugada pela figura do ex-presidente. De facto o mito daquele senhor, mito criado sob a égide fascista, submete muitas pessoas que por variadíssimas razões, entre as quais avulta a falta de informação honesta e claramente desmitificadora, ainda não ultrapassaram a

de 1974, numa extraordinária manifestação popular ainda hoje bem presente em todos os democratas transmontanos.

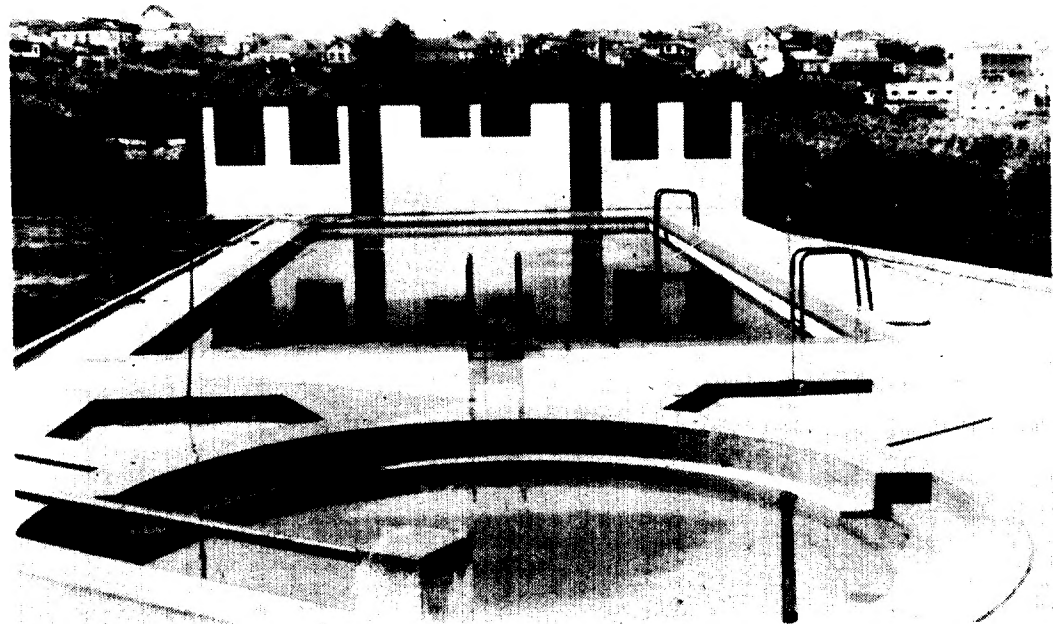
Por outro lado, Murça é a terra do célebre herói Milhões, da Batalha de La Lys e conta, nos seus anais, com um dos 7500 «bravos do Mindelo». Mais chegado a nós, ao 25 de Abril, está Alfredo Nunes, que como 2.º furriel na Escola Prática de Santarém participou na derrocada do fascismo, naquela madrugada de Abril. O facto custou-lhe ter sido agredido, barbaramente, em 1974, durante uma manifestação de homenagem a J. Torres, depois de violentamente arrancado do seu automóvel. O seu linchamento às mãos da multidão em fúria foi evitado, segundo me informaram, porque um amigo gritara para a multidão «deixem-me dar-lhe um tiro que quero matá-lo», conseguindo, assim, fugir com ele.

Com efeito, o privilégio da

apoio do PS». Era um militante socialista, com laivos de angústia e desespero.

Ser democrata em Murça é mostrá-lo na prática é entrar no rol dos marginais. Repare-se, a propósito, nesta afirmação de um democrata que não é comunista: «para muita gente eu tenho peste, sou comunista». Mas ser democrata ali não é só ser marginalizado é, também, estar à espera de, mais cedo ou mais tarde, ser ameaçado, insultado ou agredido.

Sabemos que é sempre um risco não acatar as ordens das «forças vivas», romper a cortina do medo, dizer não! à opressão, só que, num regime dito democrático, a situação de Murça é demasiado afrontosa: aqueles que sempre foram inimigos da liberdade são os que dela dispõem para manter o povo como seu rebanho, às suas ordens.



No meio de tanta privação, uma piscina. A megalomania de Torres

análise superficial das coisas. O espalhamento, o auto-elogio que Torres viu reproduzido várias vezes nos jornais, como publicidade ou não, assenta em algo que não correspondia à realidade, tudo isso ficou e é, exactamente, essa falsidade que muita gente conserva, ingenuamente. O mito-Torres conduz ainda hoje à submissão. Por isso, em Murça, não há liberdade, há submissão.

Apesar de assente na mentira e na limitação da liberdade, porque submete o povo até ao ponto de não lhe permitir que seja livre e pense por si próprio, esse mito consegue suplantar nomes que honram Murça pela sua militância democrática e revolucionária. É o caso de Militão Ribeiro, esse revolucionário, patriota, preso em 1949 com Alvaro Cunhal e torturado até à morte pela sinistra PIDE/DGS. Natural de Murça, em cujo cemitério tem uma campa, Militão Ribeiro foi homenageado no 1.º de Maio

figura de Torres em desfavor dos democratas que têm lutado e lutam ainda hoje pela melhoria de condições de vida do povo, sem demagogia, nem paternalismos, mostra bem a teimosia do fascismo naquelas paragens.

«Já é tempo do 25 de Abril chegar aqui», suspirava um democrata. Essa aurora porém, não poderá surgir sem que haja uma força extra muros de Murça. Urge desmitificar o passado fascista e dessa missão terão de empenhar-se alguns departamentos governamentais. Urge implantar as liberdades democráticas. Urge matar o medo. Urge libertar, como forma prioritária de ganhar o povo para a democracia. Os democratas existentes em Murça, remetidos a uma existência clandestina ou semiclandestina, necessitam de apoio como o denuncia esta afirmação que me foi feita: «estamos a lutar pela democracia e pelo PS, mas não temos

TORRES E AS PROVOCAÇÕES

Em analogia ao slogan «o fascismo não passará» poder-se, com propriedade, que em Murça, a palavra de ordem, é «a democracia não passará». Na verdade, para além das ameaças, vários democratas foram agredidos e o próprio Mário Soares viu-se, já, em apuros, quando ali se deslocou para um comício eleitoral do seu partido. Não é de esquecer também, o apedrejamento de que foi alvo, em 1974, à entrada de Murça, uma caravana de elementos do MDP/CDE vindos de Mirandela e os boicotes a reuniões democráticas, caso do convívio socialista em Abril deste ano, onde foi esfaqueado um militante do PS.

E curioso sublinhar que, conforme nos foi afirmado, sempre que surgia qualquer problema em Murça, logo aparecia o sr. Torres «para evitar a desmoralização dos seus ho-

GA A POPULAÇÃO

U DE TORRES

trâns». Foi o que aconteceu, por exemplo, após o convívio socialista e quando do rebentamento da bomba nas mãos de um subordinado de J. Torres, jornalista, que aparecia «sempre à frente das provocações aos democratas». O engenho que explodiu pouco antes de ser lançado constata que o alvo seria um militante do PS inutilizou a mão do seu portador. Foi ao princípio da madrugada de 25 de Abril deste ano, dia de eleições. Consta também em Murça que o caso foi abafado pelas autoridades e que o «bombista» recebe pensão da Casa do Povo, administrada por Seixas Veloso, como vítima dum acidente no trabalho. E voz corrente, que a autenticidade do «acidente» terá sido dada por Alfredo Pinheiro, proprietário agrícola.

Por outro lado, a presença de Torres em Murça (onde os seus carros — Porsche, Jaguar e Mercedes — constituíam um insulto às ruas) está desde o 25 de Abril ligada aos desacatos e provocações às forças democráticas, registados em Murça.

Democratas dignos de todo o crédito, afirmaram-nos mesmo, que na semana antes de ser preso, Torres esteve em Murça e, coincidentemente, verificou-se uma intensificação de incêndios nas florestas da região.

Apesar de todos estes factos, a imagem de J. Torres tem sido sempre salvaguardada junto da população, porque «o nosso homem é incapaz de» e «o mal é dos comunistas». E comunista em Murça é, simplesmente, ser democrata, anti-Torres, antifascista. E por isso que, mesmo agora depois de tornadas públicas algumas das proezas terroristas do «benemérito», uma boa parte do povo acredita, tão-só que a prisão do ex-presidente foi «manobra dos comunistas». E daí a expectativa que tem sido mantida em Murça: «o nosso homem há-de voltar em breve». Acalentando tal esperança e sabedores que estão, das pressões que têm sido feitas junto das autoridades, os «guardas» de Torres que abandonaram o silêncio cúmplice de que deram mostras logo após a prisão do seu chefe, reações que lhes chegasse a vez, dizem que o «regresso» é amanhã, para o mês que vem. Está, aliás, organizada uma festa de recepção, tal como aconteceu em S. Tirso ao comendador Abílio de Oliveira. A tal organização não é alheio o dedo da mulher do ex-presidente da Câmara, a qual, há pouco tempo, ali esteve a passar a época das vindimas. A festa, ao que nos disseram, foi adiada «sine die».

PROMOÇÃO PAGA PELA CÂMARA

Embora tivesse ficado por fazer a peritagem que foi pedida às actividades de J. Torres enquanto presidente da Câmara, foram descobertas algumas falcatruas cometidas durante a sua gestão.

Assim, durante o exercício da Comissão Administrativa (a

frente da qual estava um militante do PS) que em Janeiro deste ano foi substituído por elementos do CDS e PPD em consequência dos resultados eleitorais apareceram várias facturas de despesas feitas em favor da promoção do multimilionário. E o caso das placas de mármore gravadas a preto e a ouro, com as quais o ex-presidente assinalava as suas «dávivas», quer se tratasse de uma escola ou de um simples fontanário. Mais recentemente, apurou-se que até uma vitela com que J. Torres banqueteara os jornalistas desportivos, quando dum etapa da Volta a Portugal em Bicicleta que terminou em Murça, foi paga pela Câmara. Mas Torres gastou contos e contos em banquetes, flores e fogo de artifício. Com que dinheiro? É legítimo perguntar. E as camionetas que pusera à disposição do povo que quisesse visitá-lo à semelhança do que era vulgar no reinado fascista?

Exímio no corte de fitas, tal como o almirante Américo Tomás, Joaquim Torres inaugurou

boneco do fotógrafo, de forma a não ver-se a caneca...

Murça foi, assim, uma vila dominada pela falsidade, pela prosápia e, também, pela megalomania, vírus próprio de alguns dignitários fascistas. Com efeito, J. Torres foi, também, sacudido pelo vírus e vai daí mandou construir uma piscina, «com todos os requisitos modernos» conforme ele próprio teve o cuidado de sublinhar na inauguração, em 1973. Imaginem: uma piscina em Murça (falta saber quem a pagou) pergunta-se: para quê, para quem? Não há dúvida que seria maravilhoso todos os portugueses e, particularmente, os transmontanos poderem dispor de piscinas e outros recintos para a prática desportiva, em igualdade de circunstâncias e de oportunidades. Seria excelente, mas tenha-se em conta a ordem de prioridades. Primeiro pão, água, condições elementares de saúde e educação, etc.

Na óptica fascista estava luzidamente certo os milhares de contos gastos na piscina:



No centro da vila o célebre monumento pré-histórico: a porca

rou muita coisa que não existia ou obras incompletas ainda hoje. Um dos acontecimentos mais curiosos que mostra também como certos plumitivos, durante o fascismo alimentavam o verniz destas senhoras é a inauguração da água na freguesia de JQU: uma menina a despejar água de uma caneca, palmas, sorrisos do «banco do fontanário» e o

apesar da falta de hospitais, de casas, de condições de higiene, etc., havia uma piscina para exibir. Gra o que interessava: exibir, camuflar a realidade; mostrar que a falsidade era a verdade.

Por isso não se admirem, leitores, que em Murça haja mais de 80 por cento de partos sem assistência, não se admirem que o abastecimento de água

os servidores do regime de Caetano é o resultado cozinhado por Torres para a ANP, nas eleições de 1973: 96,6 por cento! Retumbante!!! Até o residente local daquela organização fascista, dr. Cassiano Galvão, ideólogo e proponente de J. Torres à presidência da Câmara, considerou tal resultado exagerado a indecente.

Receoso de estar a ser con-

A entrada de Murça, as boas-vindas aos visitantes (o que nem sempre é respeitado nas terras que o Torres domina)

seja deficiente, que não haja rede de saneamento, que existam seis aldeias por electrificar, uma delas grande. Serapicos que a habitação seja miserável, que haja um médico para todo o concelho (10.000 habitantes), embora outros dois prestem assistência na Casa do Povo, nem estranhem que a taxa de analfabetismo seja elevada. Não se admirem de nada, afinal Murça tem uma linda piscina! Não se admirem também que haja crianças que têm de andar uma hora a pé para chegarem à escola. A piscina serve de consolação!

Todavia o facto mais singular e porventura único entre todos

trolada a minha permanência (várias vezes notei que estava a ser mirado e remirado dos sapatos à ponta dos cabelos) abandonei Murça, não sem que no pensamento continuassem

os ecos daquela confiança que me foi feita em surdina:

«Sabe uma coisa, que ele era vigarista já se sabia, agora que fosse tão criminoso nunca pensava».

ONDE ESTÁ A BENEMERÊNCIA?

Quem é afinal Joaquim Torres?

Para melhor responder à questão servimo-nos duma exposição feita, superiormente, pelos democratas, elementos da C.A. que geriu os destinos municipais de Dezembro de 1974 a Janeiro de 1976.

«Natural do concelho de Amarante, cedo se lançou no aventureirismo económico. Vendedor ambulante parece que de produtos vários, teve, segundo consta, vários fracassos de que se livrava quase sempre ardisiosamente. Consta que sofreu várias condenações, sempre originadas pela ausência de escrúpulos nas relações de comerciante de feira.

Emigrado para África, regressa passados cerca de dez anos com uma fortuna de mais de um milhão de contos, para cuja origem (ainda oculta e misteriosa) apenas há presunções de desonestidade. A apoiar tais presunções aparecem recentemente na imprensa declarações revelando as suas ligações com o sr. Xavier de Lima a quem financiaria ao juro de 37 por cento.

Falou-se muito no desenvolvimento económico do concelho de Murça e muita propaganda paga foi publicada nesse sentido. O único passo dado pelo multimilionário Ferreira Torres nesse sentido foi a montagem duma secção de acabamentos da filial da sua fábrica de malhas «Silma» (Famalicão) numa dependência da Misericórdia (cuja administração ele tanto cobiça) em condições tão misteriosas como a origem da sua fortuna. Na trabalhar cerca de 30 raparigas, em geral menores de 20 anos, para facilitar os seus fins pouco claros.

Tornou-se o maior proprietário agrícola do concelho ao adquirir a maior casa agrícola que nele existe. É voz corrente que comprou por 5.000 contos, mas do contrato consta apenas 3.000. O homem bom, honesto, altruísta que preten-

de ser, dá cem escudos a um pobre na rua e defraudada a Fazenda Nacional em 160 contos de sisa por meio de uma simulação de preço no contrato de compra e venda.

Como administrador do concelho a sua acção foi sempre orientada para a propaganda pessoal. A sua bolsa recheada permitiu-lhe ganhar a confiança de alguns empreiteiros a quem entregou obras compromessas de pagar do seu bolso. Os empreiteiros confiavam na sua palavra e na sua fortuna e faziam as obras. Mas quando chegava a altura de pagar, tudo se modificava, a palavra não era cumprida. Onde está a benemerência que tanto se apregoou? Não houve benemerência, mas vítimas. Vítimas da ânsia de um prestígio assente na corrupção e na mentira. Essas vítimas são alguns empreiteiros ludibriados. Porque «foram na cantiga» duma falsa benemerência.

Sob a sua presidência, executou por administração directa à Câmara o rompimento de três caminhos municipais. Para tal, cedeu o sr. Xavier de Lima (outro benemérito da margem Sul do Tejo) gratuitamente uma máquina que trabalhou no concelho cerca de meio ano. O terreno é mole e não há rocha a não ser em pequena percentagem. Os aquadutos e obras complementares são de pouco valor. As expropriações estão na quase totalidade por pagar.

Compacticados com 80 por cento e sendo gratuito o trabalho da máquina, que representaria de longe o maior custo, parece que deveria ter sobrado muito dinheiro destas obras. Mas a verdade é que está tudo gasto. Irregularidades houve com certeza. Falta saber se esse dinheiro serviu para pagar algumas obras que se dizia terem sido pagas pelo sr. Torres (o que já seria condenável) ou se tiveram outro destino, que pode até ser criminoso.»

Estrangeiro

U.R.S.S. — OS 59 ANOS DO PRIMEIRO ESTADO SOCIALISTA

Ainda há gente de 1917

O povo soviético celebra amanhã a sua festa grande. Amanhã é o dia em que, no longínquo ano de 1917, sob a orientação do Partido Comunista, conduzido por Lenine, as massas trabalhadoras do antigo império russo puseram de pé o primeiro Estado socialista da História. Todos os trabalhadores aderiram à Revolução. Ouçamos alguns dos sobreviventes. I.Egorova, por exemplo: «Eu era lavadeira. É-me duro recordar o duro trabalho que executávamos, antes da Revolução, naqueles lavadouros escuros, asfixiantes e sujos. Mais de uma mulher sacrificou a sua vida nas caves de Petersburgo, lavando roupa alheia... Só os revolucionários tiveram coragem para abrir as portas desses lavadouros. Fomos ajudados pela revolucionária Alexandra Kolontai, a quem os jornais burgueses chamavam, para a humilhação, a «Czarina das Lavadeiras». Mas esse insulto transformava-se num elogio — e nós erguemos a voz, fomos organizando uma a uma. No dia 1 de Maio de 1917 fizemos greve. Fizemos greve e exigimos oito horas de trabalho diário. E também melhores condições de trabalho... Eu fazia parte da comissão organizadora da greve. Os operários apoiaram-nos. Os marinheiros mandaram-nos dinheiro dizendo: «Continuem a greve, amigas! Estamos convosco!» Recordo um comício em que pela primeira vez ouvimos dizer que a mulher podia exigir, para trabalho igual, salário igual ao do homem...»

Outra voz: a de A.Smorodkina. Escutemo-la:

«Eu trabalhava na Fábrica «Optika» — e todas as minhas companheiras seguiram os bolcheviques com toda a calma. O programa do partido falava na luta das mulheres pelos seus direitos, com palavras firmes e concretas. Foi com emoção que nós, jovens operárias, bordámos a bandeira vermelha! E como nos sentimos orgulhosas quando pela primeira vez fomos a uma manifestação e cantámos: «Avante, camaradas com valor! O nosso espírito tempera-se na luta...»

Atenção, agora, a M.Basni-

na: «Esperávamos que o Governo burguês provisório fosse derrubado. Desde Julho de 1917 que juntávamos armas e aprendíamos a maneja-las. Em Outubro, havia na nossa fábrica 300 guardas vermelhas preparadas. Eu e mais algumas companheiras aprendemos primeiros socorros... No dia 25, o Estado-Maior chamou-nos. Lembrou-me que agarrámos em lápis e papel e escrevemos cartas de despedida. Podia acontecer qualquer coisa... Ficámos aquarteladas no Estado-Maior, esperando notícias

Documentação recolhida por PEDRO ALVIM

sobre o tiroteio. Na noite do assalto quase que não houve sangue. Os defensores do Palácio de Inverno renderam-se e entregaram-se em grupos. Por fim, o palácio foi tomado. Fomos para casa ao amanhecer. De repente, surgiu o sol! Estava tudo tão lindo, e sentiamo-nos tão felizes, que disse a uma amiga: «Niura, esta é a aurora da nossa nova vida!»

Ainda outra voz:

«Fui enviada como mecánografa para Smolny a fim de trabalhar com o chefe de administração do Conselho de Comissários do Povo — conta A.Kazakova. — Trabalhávamos com afinco, passando noites sem dormir. Recebíamos por dia 250 gramas de pão de milho, beterraba seca e água fervida. Não nos importávamos... O que estávamos a fazer era tão importante! Uma vez fui encarregada de passar à máquina umas páginas escritas por Lenine. Bati-as com imenso cuidado. Passado pouco tempo disseram-me que passaria a trabalhar para Lenine. Quando cheguei, Lenine levantou-se da mesa. Nunca recebia ninguém sentado. Veio até mim e estendeu-me a mão. «Sabe porque a chamei, camarada?» «Não...» Lenine disse: «Este documento é muito importante. Tive que

corrigi-lo. É necessário passá-lo a limpo...» Tratava-se do Decreto da Paz. Hoje, quando vejo como o clima internacional se tem desanuviado, graças aos esforços do nosso Estado e do nosso partido, hoje que existem os Acordos de Helsinquia, compreendo absolutamente toda a importância daquele decreto leninista...»

Palavras de Maria Posdeva:

«Lembro-me quando trabalhava na secção feminina do Comité Provincial de Petrogrado. Levava o meu filho de quatro meses num braço e no outro uma pasta. Levávamos os filhos às reuniões... E trabalhávamos. Aprendemos a governar! Tínhamos de resolver problemas muito complexos. A secção do trabalho, por exemplo, tinha que decidir a quem se deveria dar emprego... Defendíamos os interesses dos



Barricadas na Rua Metrostrovskaja: horas depois dar-se-ia o confronto entre duas opções. Vigorou aquela que excluiu a exploração do homem pelo homem

adolescentes, das crianças em idade escolar e dos orfãos. (...) Desenvolvemos um trabalho intenso para acabar com o problema das crianças vagabundas. Organizámos, enfim, colónias infantis...»

Finalmente, L.Ratnikova, directora de uma escola de Leninegrado:

«Hoje sou professora. Quando falo aos meus alunos dos que tiveram a coragem de lutar contra os convencionalismos, romper com o bem-estar pessoal em favor dos ideais do bem e da verdade, quando falo daqueles que se dispuseram a tudo sacrificar por esses ideais digo-lhes sempre, com entu-

siasmo, que entre eles houve muitas e muitas mulheres que deram passos decisivos nesse caminho difícil. É com grande alegria que saúdo essas mulheres em nome da geração cuja infância decorreu nos primeiros anos da instauração do socialismo e cuja adolescência conheceu a Grande Guerra Pátria. Aprendemos com elas a servir a causa do povo. A Revolução viveu com elas e vive em nós. Assim sendo, posso dizer, e com lágrimas nos olhos, que a palavra «Mãe» é das palavras mais sublimes da língua russa. Da língua da nossa Revolução. Da língua do nosso Outubro...»

Quando um soldado cuspiu...

Numa quarta-feira, dia 7 de Novembro de 1917, um jornalista americano, John Reed de nome, que se encontrava na Rússia atraído pela convulsão social que se fazia sentir no país, notou que, em Petrogrado (cidade onde se encontrava de momento), havia soldados de baioneta calada à porta do Banco do Estado. John perguntou: «A que campo pertencem vocês? Ao Governo?» E um dos soldados, gargalhando, respondeu: «Já não há Governo, graças a Deus!» Escreve John Reed que «os eléctricos rolavam pela Perspectiva Nevsky e os homens, as mulheres e as crianças agarravam-se aos balaustrados. As lojas permaneciam abertas e a multidão, na rua, parecia menos inquieta do que na véspera. A noite tinha feito nascer nas paredes uma nova floração de apelos aos camponeses, aos soldados da frente e aos operários...» O jornalista americano compraria mais tarde a um soldado, por cinquenta kopeks, um periódico intitulado «Dien». Tratava-se de um órgão bolchevique, impresso em grande formato, com, entre outros, os seguintes títulos: «Todo o Poder aos Soviotes dos Operários, e Camponeses!» e «Paz, Pão, Terra!»

Alguna coisa, na verdade, ti-

nha acontecido de um dia para o outro. E John Reed breve descobriu que o artigo de fundo era assinado por Zinoviev, «companheiro de esconderijo de Lenine».

Eis três parágrafos do artigo:

«Todo o operário, todo o soldado, todo o verdadeiro socialista, todo o democrata honrado compreende que não existe mais do que um dilema ante a situação actual:

«Ou o Poder continua nas mãos da pandilha dos burgueses e dos proprietários rurais, e os operários, os soldados, e os camponeses podem em tal caso esperar toda a espécie de repressões, a continuação da guerra, a fome e a morte...»

«Ou o Poder passa para as mãos dos operários, dos soldados e dos camponeses revolucionários e, em tal caso, isso significará a abolição total da tirania dos grandes proprietários, o rápido aniquilamento dos capitalistas e as imediatas propostas para uma paz justa. Garantir-se-á a terra aos camponeses e o controlo da indústria aos operários. Os famintos terão pão e pôr-se-á fim a qualquer carnificina.»

«O «Dien» — conta John Reed — publicava notícias fragmentadas daquela agitada noite (isto é, de 6 para 7): os bolcheviques tinham ocupado a Central dos Telefones, a Estação Báltica e a agência Telegráfica; os junkers de Peterhof não eram capazes de chegar até Petrogrado; os cossacos pareciam indecisos; alguns ministros haviam sido detidos, e o chefe da milícia municipal, Meyer, fuzilado: por toda a parte tinha havido detenções e escaramuças entre as patrulhas dos soldados, de junkers e de guardas vermelhos.»

Sigamos o itinerário de John Reed:

«À esquina da Morskaja encontroi capitão Gomborg, menchevique, secretário da secção militar do seu partido. Ao perguntar-lhe se a insurreição se havia dado efectivamente, encolheu os ombros e, com ar fatigado, respondeu-me:

«Tchort znaiet! Só o diabo o sabe! Os bolcheviques podem, talvez, assaltar o Poder, mas conversá-lo mais de três dias, não podem. Faltam-lhes

homens de Governo. Talvez seja bom que façam essa prova, pois isto acabará com eles...»

«O Hotel Militar, a um canto da Praça de Santo Isaac, estava guardado por um pelotão de marinheiros armados. Numerosos oficiais, jovens e elegantes, passeavam no vestibulo, falando em voz baixa. Os marinheiros não queriam deixá-los sair.

«De repente, na rua, dispararam um tiro, seguido imediatamente por uma descarga. Corri. Junto do Palácio Maria, onde realizava a sua sessão o Conselho da República, sucedia qualquer coisa fora do costume. Através da vasta praça, de forma diagonal, via-se desdobrada uma fila de soldados, de olhos fixos no telhado do hotel e dispostos a fazer fogo.

«Dispararam sobre nós!» — gritou um deles, enquanto outro corria para a porta.

«No ângulo oeste do palácio encontrava-se um grande automóvel blindado, sobre o qual fluava uma bandeira vermelha com a inscrição SRSD (Soviets dos Deputados Operários e Soldados). Todos os seus canhões estavam apontados para Santo Isaac. À entrada da Rua Nova tinham levantado uma barricada com caixotes de terra, barricas, um vagão... A entrada do dique da Moika estava interceptada por uma pilha de madeira. Ao longo da fachada construía-se uma defesa, com achas de lenha apanhadas nas vizinhanças.

«Vão bater-se? — perguntei.

«Não tardará muito — respondeu-me nervosamente um soldado.

«Vá-se embora daqui, camarada, que o podem atingir. Vão chegar por ali — acrescentou-me, mostrando-me o Almirantado.

«Quem?

E «Ah, irmão! Isso na verdade não sei muito bem.

«E cuspiu.»

(Intervenção, gora, do jornalista português: este «E cuspiu» é, na verdade, a cuspidela do cidadão progressista sobre tudo quanto se revela reacção, mesquinho, fechado, egoísta e traiçoeiro. O orgulho, em suma, de quem sabe que se encontra dentro da razão — e calmamente aguarda a morte sem tremer nos joelhos.)



Assalto ao Palácio de Inverno. Um jornalista americano, John Reed, presenciou os primeiros passos da Revolução. Daí livro «Dez dias que abalaram o mundo» — livro que deu a volta ao globo. Reed encontra-se sepultado no Kremlin junto de Lenine

A boa nova

«Fidelidade ao legado inolvidável de 1917» — eis como A. Kalinin, embaixador da URSS em Portugal, afirma ter sido a característica marcante da política soviética desenvolvida ao longo dos últimos 59 anos.

«Promover o bem-estar do povo, lutar intransigentemente pela paz, são, talvez, as linhas de força da herança leninista e têm sido elas a nortear, nos bons e maus momentos, a actividade do Partido Comunista da União Soviética, do Governo soviético, de cada um dos homens e das mulheres do meu país.»

Fazendo referência às directrizes fundamentais do desenvolvimento económico da URSS para o actual quinquénio (76/80), aprovadas no 25.º Con-

gresso do PCUS, o embaixador soviético apontou como principal objectivo a atingir «uma elevação mais acentuada do nível de vida do povo». A título de exemplo, o embaixador salientou o facto de nos próximos cinco anos estar previsto um aumento entre 16 a 18 por cento do salário médio dos operários e empregados e um acréscimo de 24 a 27 por cento do rendimento dos camponeses das cooperativas agrícolas. Mas porque na União Soviética quase todos os serviços sociais são gratuitos (ensino, assistência médica, protecção na velhice e invalidez), o representante da URSS no nosso país sublinhou que, para se fazer uma ideia do nível de vida dos seus compatriotas, é necessário considerar estar tam-

bém previstos, para o actual quinquénio um aumento de 30 por cento dos fundos sociais (subsídios e outras regalias).

«Este aumento de salários e de regalias não é neutralizado, na URSS, por um aumento paralelo do custo de vida. Os preços mantêm-se estáveis desde há muitos anos, alguns deles desde 1935, como, por exemplo, o dos transportes urbanos.»

Relativamente às relações com Portugal, Kalinin salientou os esforços que a URSS, conjuntamente com os representantes portugueses, têm feito para incrementar as relações entre os dois países.

«A União Soviética espera das suas relações com Portugal o estabelecimento de transacções mutuamente vanta-

sas, que estimulem e desenvolvam a amizade e cooperação entre os dois povos.»

De acordo com Kalinin, as exportações portuguesas para o seu país ultrapassaram já os produtos tradicionais da nossa exportação, estendendo-se a novos campos onde as perspectivas são melhores: metalurgia e metalomecânica, gruas pórticas e, nomeadamente, construção naval.

... Lá no Sul, no Alentejo, maquinaria agrícola soviética dá o seu contributo para o avanço da Reforma Agrária — uma das maiores conquistas do 25 de Abril de 1974. Esta é a amizade — e assim são os países quando uma ideia revolucionária os norteia. Os guia, enfim, até à palavra irmãos.

Estrangeiro

ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO

Reafirmado em Moscovo o desejo de boas relações com a China

MOSCOVO, 6 (FP) — Fedor Kulakov, membro da Comissão Política e do Secretariado do PCUS, reafirmou, ontem, no Kremlin, o desejo de Moscovo de restabelecer as relações de «boa vizinhança» com a China.

Num discurso radiodifundido, pronunciado por ocasião do aniversário da Revolução de Outubro, na presença de Leonid Brejnev, Alexei Kossyguin e Nikolai Podgorny, declarou que a URSS defende «o restabelecimento das relações de boa vizinhança e de amizade entre os povos soviético e chinês, o que iria no sentido dos interesses dos dois países e dos princípios do internacionalismo socialista».

Pondo em relevo o interesse que a URSS atribui à «sua política de paz e de desanuviamento», Kulakov referiu o carácter de máxima importância de que se reveste, do ponto de vista da URSS, a negociação com os Estados Unidos de um novo acordo SALT.

«A União Soviética, acrescentou, está disposta a participar em qualquer altura na redução das forças armadas, na base de reciprocidade».

Kulakov denunciou, por outro lado, «a actividade dos inimigos do desanuviamento» que, segundo ele, é contrária à posição pacífica da URSS. Criticou também «o enorme empolamento» dos orçamentos militares do Pentágono e da NA-

TO.

Pela primeira vez nos últimos dez anos, o membro da Comissão Política do PCUS encarregado de ler o discurso oficial consagrado à Revolução de Outubro, não atacou o PC chinês, acentua-se, sexta-feira, em Moscovo.

Assinala-se também que Wang Chin-ching, encarregado dos assuntos da China em Moscovo, se manteve na sala até ao fim do discurso, e que foi também a primeira vez que o representante chinês não abandonou o Palácio dos Congressos, antes do fim da cerimónia, em semelhante ocasião.

O orador, Fedor Kulakov, membro da Comissão Política do PCUS, declarou, aliás, que

a URSS considerava «injustificada e anormal» o corte de relações sino-soviéticas que dura há já quinze anos, corte que, acrescentou, «não foi provocado pela União Soviética».

Por outro lado, o vice-ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Yu Chan, assistiu ontem à recepção oferecida pela Embaixada soviética em Pequim para assinalar o aniversário da Revolução de Outubro de 1917 — anunciou a Rádio de Pequim, captada em Tóquio.

Desde 1968 que os principais dirigentes da China não assistem às recepções com que a embaixada soviética assinala os aniversários da Revolução de Outubro.

REVISTA DA R.F.A. REVELA:

Nazis alemães e franceses em contacto permanente

BONN, 6 (FP) — O jornal «Die Tat» (antifascista) alude, no seu último número, à existência de contactos permanentes entre antigos nazifranceses que vivem em França e na R.F.A., e refere as suas actividades no plano internacional.

O jornal menciona nomeadamente um certo Bernhard Calaret, antigo membro da «Waffen-SS», que vive actualmente em Munique. Calaret mantinha relações estreitas com o antigo tenente «SS» Chapy, mais conhecido pelo pseudónimo de «Chabert», que está instalado em Nice, onde possui um restaurante na Rue de France. «Chabert» deu nas vistas em 1971 ao lançar proclamações em honra das «SS» pelas ondas de Rádio Monte-Carlo.

Calaret, indica ainda o «Die Tat», goza na R.F.A. de impunidade total. Toma parte em todas as reuniões da Organização de Entajuda dos Antigos «SS» (I-AG). Acompanha igualmente de perto todas as manifestações dos partidos de extrema-direita, União do Povo Alemão (DUV), Partido Neonazi (NPD) e Movimento Revolucionário Nacional, Partido Social Alemão do Povo, recentemente criado em Francforte.

O jornal indica ainda que Calaret está em contacto permanente com neonazis italianos, designados pelos nomes de Francisco Donini (Nova Ordem Europeia) e Maria Tutti (Frente Revolucionária Nacional).

Entretanto uma tomada de posição do ministro-pre-

sidente democrata-cristão do Estado da Baixa Saxónia, Erns Albrecht, a favor da prática da tortura em certas situações extremas, provocou vivas reacções entre os intelectuais da Alemanha Federal.

Numa declaração cujo primeiro signatário é o Prémio Nobel da Literatura, Heinrich Böll, várias dezenas de intelectuais consideram que Albrecht convidou assim «a Polícia a praticar o terror». Comparando Albrecht ao Reichsfuehrer «SS», Heinrich Himmler, os intelectuais salientam que tal apelo «cai sob a alçada dos tribunais».

Numa tese de Filosofia publicada sob o título «O Estado-Ideia e Realidade», Albrecht considerara como «eticamente defensável a prática da tortura em certas situações extremas». Para apoiar esta tese, referira a seguinte hipótese: um grupo de criminosos consegue apoderar-se de uma bomba atómica e ameaça lançá-la sobre uma grande cidade. A Polícia consegue apanhar um dos membros do grupo. Ora, a catástrofe atómica só pode ser evitada se os polícias obtiverem a tempo daquele homem indicações sobre o sítio onde os seus cúmplices se encontram refugiados.

«Então, escreve o ministro, tenho o direito moral de dizer: nesta situação extrema, não vou tentar obter pela força as informações que permitirão salvar centenas de milhares de vidas humanas?».

Carter numa ilha para "férias de trabalho"

WASHINGTON, 6 (ANOP, R, FP e «DL») — Hóspede de uma figura da alta sociedade norte-americana, Jimmy Carter inicia hoje umas rápidas «férias de trabalho» na ilha de St. Simon, ao largo da costa do estado da Geórgia. Além da família, Carter leva consigo muitos documentos, para serem estudados em companhia de alguns colaboradores. Os tais documentos que Carter leva para a ilha foram elaborados como auxílio aos seus preparativos para assumir a presidência dos E. U. A. e, entre outras coisas, incluem 75 nomes de candidatos aos mais importantes postos governamentais.

Enquanto isso, aumentam as especulações sobre os possíveis titulares dos cargos mais destacados do futuro Governo, ao mesmo tempo em que restam poucas dúvidas que a maior parte será preenchida por pessoas naturais da Geórgia, o estado de Carter, que o ajudaram a organizar a sua campanha, e que reúnem algumas características que coincidem com as do futuro presidente da República: uma relativa juventude, ideologia difícil de definir e falta de experiência nas questões nacionais e internacionais.

Em todo o caso, Carter já disse que pretende estabelecer um novo esquema na orgânica interna da Casa Branca, para evitar ter um chefe de gabinete todopoderoso como H. R. Haldeman, durante a presidência de Nixon, e que acabou por ser um dos maiores implicados no caso Watergate. Comparou o seu plano de operação com uma roda, na qual ele será o eixo, com os raios conduzindo aos membros mais importantes do elenco e aos Ministérios do Governo.

Arriscando-se a ser acusado de nepotismo, Carter disse ontem que gostaria de utilizar os serviços dos seus três filhos. Numa conversa informal com jornalistas, durante um passeio nos arredores de Plains, demonstrou este desejo, apesar de não saber bem onde poderia colocar Jack (29 anos), Chip (26 anos) e Jeff (23 anos), mas encorajou a hipótese de que eles poderiam ser muito úteis para informar a Presidência acerca da situação em regiões onde ele não pudesse ir pessoalmente.

Entretanto, já está marcado para o fim deste mês o encontro entre Jimmy Carter e Gerald Ford, na Casa Branca, quando será discutida a transmissão de poderes no próximo dia 20 de Janeiro. Ontem, realizou-se o primeiro contacto neste sentido. Carter e Ford dese-

jam que a transmissão seja «tão fácil quanto possível» e todos os actuais ministros deverão designar um funcionário da actual Administração para que orneçam aos colaboradores de Carter qualquer indicação solicitada.

Hoje, o secretário-geral da N. A. T. O., Joseph Luns, manifestou a Carter a sua esperança na manutenção da política norte-americana no quadro da Aliança Atlântica, depois de terem surgido algumas interrogações. Nas vésperas das eleições, era possível constatar uma preferência dos comandos da N. A. T. O. pela reeleição de Gerald Ford, nomeadamente, porque assim estaria garantida a presença de Henry Kissinger à frente da política externa dos E. U. A. Alguns observadores notaram o único factor que parece claro na sede da N. A. T. O., em Bruxelas, é que a próxima reunião ministerial de 9 de Dezembro próximo será uma cerimónia puramente formal, caracterizada por um compasso de espera, até à instalação da nova administração norte-americana.

Os temores quanto à «experiência Carter» parecem estar na origem da queda vertical registada ontem na Bolsa de Nova Iorque, considerada como uma das mais espectaculares verificadas este ano, com o índice «Dow Jones» a descer

17,37 pontos. Numa sessão dominada pelo pessimismo ante o aumento do número de desempregados e a continuação da «pausa» no crescimento económico, os especuladores apressavam-se a vender os seus valores. Ante as vendas maciças, o índice industrial «Dow Jones» encerrou a 943,07 pontos. Na mesma linha, os transportes registaram uma quebra de 1,52 pontos e os serviços caíram em 0,42 pontos.

Quanto ao desemprego, este voltou a aumentar em Outubro nos Estados Unidos, regressando aos níveis registados em Agosto, ou seja, 7,9 por cento da população activa. A informação foi dada pelo Ministério do Trabalho.

Funcionários do tesouro inglês acusados de torpedear Callaghan

LONDRES, 6 (ANOP e R) — Funcionários do ministério britânico das Finanças estão a influir junto dos peritos do Fundo Monetário Internacional (FMI) para que este não conceda à Grã-Bretanha o solicitado empréstimo de 3 900 milhões de dólares, a fim de que assim caia o governo trabalhista de James Callaghan.

Esta denuncia foi feita a noite passada por John Pardoe, encarregado de assuntos financeiros do Partido Liberal, durante um programa de televisão da BBC, no qual se tratou das eleições parciais em que os trabalhistas foram derrotados.

Pardoe disse que, depois de uma recente visita a Washington e de conversações com personalidades da banca internacional, tinha a certeza de que funcionários do tesouro britânico estavam a obstruir a concessão do empréstimo. Os 3 900 milhões de dólares pedidos pela Inglaterra são vitais para a sobrevivência do governo de Callaghan e a sua não obtenção poderia causar eventualmente a queda do gabinete. Na opinião de Pardoe, a mudança do governo seria bem vista em círculos financeiros internacionais.

Em círculos políticos financeiros especula-se que as con-

dições do empréstimo serão duras e difíceis de cumprir por parte do governo trabalhista a que preside Callaghan.

Entretanto a libra continuou hoje a recuperar nos mercados de câmbios, com o regresso da confiança na moeda ajudado aparentemente por expectativas de que o governo britânico efectuará mais algumas reduções nos gastos públicos.

A perda pelo governo trabalhista ontem, à noite, de duas eleições secundárias, que reduziu a sua maioria total no Parlamento a um lugar, foi considerada como «auxiliando o esterlino» ao vibrar um golpe à ala esquerda socialista do «Labour».

Libano:

Cessar-fogo corre riscos

BEIRUTE, 6 (R) — Ambas as facções que se defrontam na guerra civil do Líbano concordaram em permitir que forças árabes mantivessem a paz nas áreas sob seu controlo, mas o plano poderá gorar-se, a não ser que o exército dissuasor seja desdobrado rapidamente.

A Síria anunciou a noite passada que estava a colocar já no Líbano 20.000 dos seus soldados integrados na força da Liga Árabe, mas ainda não se sabia quais os Estados Árabes que forneceriam os restantes 30.000 homens do exército.

Embora a trégua tenha sido geralmente cumprida, os bombardeamentos intensificaram-se imensamente ao longo das linhas de confrontação em Beirute. Artilharia mais pesada bombardeou partes da capital durante a noite.

Os atrasos no desdobramento da força árabe — pedra basilar do plano de paz elaborado em sessões cimeiras na Arábia Saudita e no Egipto — tem prejudicado o cumprimento do cessar fogo.

O.N.U. condena colaboração nuclear com a África do Sul — Portugal abstém-se

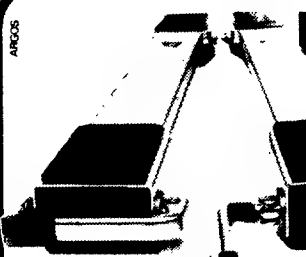
NAÇÕES UNIDAS, 6 (R) — Portugal foi um dos dezasseis países que se abstiveram na votação de uma moção da Assembleia Geral das Nações Unidas, patrocinada por 33 países africanos, árabes e comunistas, que condena a colaboração militar e nuclear existente entre «o regime minoritário racista da África do Sul» e Inglaterra, França, Alemanha Ocidental, Israel e os Estados Unidos.

O documento, proposto pela Comissão de Curadores, pede a todos os Governos, e em especial aos dos cinco países citados, que deixem de pôr à disposição da África do Sul facilidades que lhe permitam produzir urânio, plutónio e outros materiais nucleares, reactores ou equipamento militar. O ex-

tenso texto condena igualmente as actividades dos interesses económicos estrangeiros e outros nos territórios coloniais, que impedem o seu progresso para a autodeterminação.

A moção foi aprovada por 93 votos contra nove e dezasseis abstenções. Opuseram-se a Bélgica, a Inglaterra, a França, a Alemanha Ocidental, Israel, a Itália, o Luxemburgo, a Holanda e os Estados Unidos. A Dinamarca e a Irlanda, quebrando fileiras com os outros membros do Euromercado, abstiveram-se, bem como a Austrália, Áustria, Canadá, Costa Rica, El Salvador, Finlândia, Guatemala, Islândia, Japão, Malawi, Nova Zelândia, Nicarágua, Noruega, Papua Nova Guiné, Portugal, Espanha e Suécia.

Novo! Novo!



LORAMEX RODIZIOS

Deslocam sem esforço fogões, frigoríficos, máquinas de lavar, etc. para uma rápida e fácil limpeza de chão.

par 295\$00

ALFREDO A. MOREIRA, L.D.A.

(A Casa dos Berbequins)

Venha já ou peça pelo correio a cobrança — sede R. Ferreira Borges, 18-19 — Lisboa — Tel. 662146-668666

Loja Hobby no Brugateiro Apolo 70 — Loja Hobby na Drugstore Alvalade — Av. Júlio Dinis, 10 — Tel. 774094 — Lisboa — Praça da Alvalade — Lisboa — Tel. 804813

Lojas Hobby abertas todos os dias até à meia-noite

Queiram enviar-me pares de rodizios "LORAMEX" a 295\$00 o par, mais 20\$00 para portes.

Espectáculos

Cineclube imagem projecta "Trás-os-Montes"

Eis a programação. Para o corrente mês, do Cineclube Imagem: Hoje, às 21 e 30, na sede daquele Cineclube (Rua D. João V, 26, 3.º Dto.), «Nós, no País», de Luís Rocha. Dia 16, às 18 e 30, no antigo Centro Espanhol (Rua Nova da Trindade, 20, 2.º), e às 21 e

30 na Sociedade Guilherme Cossoul (Avenida D. Carlos, 61, 1.º), «Nós no País», e «Barrocos», ambos de Luís Rocha. Dia 19, às 18 e 30, no antigo Centro Espanhol, e às 21 e 30 na Sociedade Guilherme Cossoul «Trás-os-Montes», de António Reis.

Finalmente, no dia 26, às 18 e 30, na Cinemateca Nacional (Palácio Foz), «Jaime», de António Reis, e «A Cidade», de José Fonseca e Costa.

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Que princípios orientam a acção musical da Fundação Gulbenkian? Eis uma questão de difícil resposta. Desenvolve-se uma actividade intensa, mobilizando amplos meios pessoais e financeiros, mas a sua substância perde-se, não se reproduz em profundidade no plano sociocultural. Desde que a Fundação foi criada há vinte anos, o panorama das actividades musicais em Portugal ficou mais cheio, mas não se transformou: ao fim de vinte anos não há músicos portugueses em número suficiente para integrar a Orquestra Gulbenkian; a Fundação continua a não reconhecer categoria a qualquer maestro português para exercer as funções de director titular nem da orquestra nem do coro; se ambos os organismos vão ao estrangeiro, a música portuguesa fica em casa, certamente por não se lhe reconhecer também dignidade internacional; algumas encomendas que fez cairam no esquecimento depois da primeira audição; os discos que de música portuguesa antiga editou desapareceram das discotecas antes de se tornarem conhecidos; as partituras que publicou nunca são tocadas. Onde está a pleiade de instrumentistas, cantores, chefes de orquestra, compositores, agrupamentos musicais de câmara, que possam, com orgulho, intitular-se pro-

duto de vinte anos de bolsas de estudo e subsídios da Fundação? Onde estão as muitas centenas de estudantes de música e as escolas florescentes que deveriam resultar ao fim de vinte anos de um vasto programa de educação musical? Que medidas foram tomadas pela Fundação, ao longo desses vinte anos, para promover o desenvolvimento em quantidade e qualidade do movimento coral amador, a dignificação do papel das bandas de música, a formação de professores de música, de directores de coros, de chefes de banda, onde poderiam assentar as bases de um verdadeiro plano de democratização da cultura musical?

Uma coisa é a Gulbenkian, outra coisa o Ministério da Educação ou o Ministério da Cultura. Mas, em vez de se entreter com grandes festivais megalómanos ou com a cinzenta rotina dos seus auditórios, porque não esteve a Fundação mais atenta ao essencial? Terá ela a consciência tranquila quanto à proporção entre aquilo que realizou e aquilo que estaria nas suas mãos realizar?

Entramos hoje no edifício da Avenida de Berna com a triste sensação de que a Fundação Gulbenkian não tem a consciência tranquila, simplesmente porque não tem consciência destes problemas, porque nunca definiu uma política musical com pés e cabeça, porque se transformou numa empresa de

concertos concebida à imagem e semelhança de qualquer agência de espectáculos. Ao fim de vinte anos, a Fundação Gulbenkian passa pela vergonha de ser ultrapassada — nesse próprio terreno da organização de concertos — por dois organismos com muito menores meios financeiros: a Radiodifusão Portuguesa e a Direcção-Geral da Acção Cultural, que organizaram agora uma temporada musical em novos moldes, descentralizada, subordinada à preocupação de formação cultural do público (as Quinzenas Musicais). O autoritarismo sem perspectivas do serviço de música degenerou, depois do 25 de Abril, em pura burocracia.

Porque é uma ilusão supor que o papel musical da Gulbenkian se esgota em encher de público os seus auditórios para ouvir Beethoven (como aconteceu agora). As pessoas que acorrem aos concertos da Orquestra Gulbenkian carecem de música e não de burocracia musical. É preciso dar-lhes a música com a vida que ela tem lá dentro e não como mero objecto de consumo. É preciso dar-lhes a música como forma de consciência histórico-social e não como passatempo aristocrático de uns quantos. Depois, é necessário irradiar para novos públicos, imaginar, a sério, formas de os atrair...

Nada disto tem sido feito, nada disto preocupa o serviço de música da Gulbenkian. Limita-se este a contratar uns artistas e a programar uns concen-

tos, à espera que o público habitual compre uns bilhetes. Tal é o ridículo objectivo «cultural» que a Fundação hoje chama a si no capítulo da música.

Para o leitor que lá esteve (e não só) mais algumas sugestões de reflexão, estas sobre o próprio desenvolvimento musical do último concerto.

No 4.º concerto para piano e orquestra de Beethoven, a solista, Moura Limpany, não acentuou os planos de contraste característicos do discurso beethoveniano, arredondou-os; no teste decisivo do andamento central — a filosófica troca de razões entre piano e orquestra —, a sua intervenção foi correcta, do ponto de vista das indicações da partitura, mas desprovida de tensão interior; quanto ao estilo da execução resume-se numa só frase: tocou Beethoven como se fosse Mozart.

Juan-Pablo Izquierdo revelou pouca flexibilidade na função de acompanhador; em contrapartida, mostrou-se mais identificado com o espírito da música de Beethoven (tanto no 4.º concerto como na 8.ª sinfonia). A orquestra definiu com nitidez e precisão os diferentes planos sonoros, sendo assinalável, nos tutti, um sublinhar discreto do cuivre dos metais, que não é habitual mas corresponde, sem dúvida, à expressão querida pelo compositor.

Que significou esta música de Beethoven para aqueles que a ouviram? Responda a Gulbenkian.

Responda a Gulbenkian

teatro do bairro alto

R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05

Tambores na Noite
de Bertolt Brecht

2.º MÊS
Todas as noites às 21.30 horas
Domingos às 18 horas
Descanso à 2.ª feira

ATENÇÃO
Nos dias 11, 12, 13 e 14 não se realiza espectáculo de «Tambores na Noite» devido à estreia no Instituto Alemão de ALTA AUSTRIA de Franz Xaver Kroetz. A partir do dia 16, reanuda a carreira normal de «Tambores na Noite».

NEARTO
grupo 4

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
Bertolt Brecht

De 3.ª a 6.ª feira às 21.15
Sábado, também às 15.30
DOMINGO SÓ ÀS 16 h

ÚLTIMAS

QUER SABER?

O que ignora da sua própria vida, na profissão, no amor? Método honesto. Envie carta com 20\$00 ao APARTADO 4113 — Lisboa-4, receberá folheto informativo.

TEATRO

ABC

Telef. 36 67 45

SÉRGIO AZEVEDO apresenta

Todos os dias 2 sessões
Às 20.30 e 22.45
Domingos e feriados
«Matinée» às 16 horas

(4.ª f. desc. da comp.)

A GRANDE E SENSACIONAL REVISTA DO MOMENTO I

EM 2.º MÊS ÉXITO I

«CADA COR SEU PALADAR»

UM ELENCO ULTRA POPULAR

com HERMINIA SILVA
NICOLAU BREYNER
RIBEIRAU ★ VITOR MENDES ★ LURDES LIMA



LURDES LIMA
(na Elviroska)
BALLET STAR DANCER'S
N/acons. a m. 18 anos

Ciclo "Charlot" no Palácio Foz

A partir de segunda-feira, e até ao dia 12, a Secretaria de Estado da Cultura vai apresentar no Palácio Foz, um ciclo cinematográfico dedicado a Charles Chaplin.

Assim, serão exibidos: segunda-feira, «A quimera do ouro», terça «Luzes da cidade», quarta, «Tempos modernos», quinta, «Luzes da ribalta» e sexta, «O grande ditador».

As sessões terão início às 15, 18 e 21 horas.

Artistas de circo vão à Polónia

Vinda de Varsóvia, chegou a Lisboa uma delegação polaca que vem estudar com empresários circenses portugueses e espanhóis, as possibilidades de ser criado um intercâmbio de artistas de circo entre estes países.

Tsitsichvili Konstantin, director dos Espectáculos da Polónia, Kiepes Wladyslaw, director dos Circos Polacos e Juri Kaliansky, representante de espectáculos, foram recebidos

no aeroporto da Portela por Pompeu Pedrosa e Alejandro Marielex, do Circo Billy Smart.

Das conversações efectuadas ficou desde já acordada a deslocação de artistas ibéricos à Polónia a coincidir com a apresentação de um espectáculo em pista de gelo que será integrado no programa a apresentar ainda este mês no Porto pelo B. Berlin Circo da Organização de Billy Smart Circo.

"Tom Mix morreu pelos vossos pecados"

Umadas primeiras vedetas do «western» de Hollywood, Tom Mix, será evocada agora num filme dirigido por Sudney

Pollack, e produzido por Jerry Zeitman, que custará aproximadamente sete milhões de dólares.

O processo

Dimitrov

Integrada nas comemorações do 7 de Novembro, efectua-se no próximo domingo, às 10 horas, no cinema Estúdio, uma sessão do filme «O Processo Dimitrov», promovida pela Associação Portugal-Bulgária.

CusCus

ESPECIALIDADE ÁRABE

JANTE TODOS OS DIAS A PARTIR DAS 20 E 30 NO BONAPARTE — Rua de S. Miguel, 70 — ALFAMA
Telef. 872761

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

CONCERTOS POPULARES

Domingo, 7 de Novembro de 1976, às 17 h.

AUDITÓRIO DO PAVILHÃO DE CONGRESSOS ESTORIL

RECITAL

EDUARDO LUCENA — FLAUTA
FERNANDA SALEMA — PIANO

Obras de: Mozart, Poulenc, Luís Costa e Schubert

PREÇO ÚNICO: 15\$00

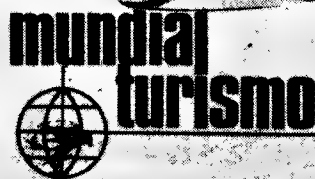
AGRANDE CEGADA

UMA SENSACIONAL REVISTA PLURAL E SINGULAR!

Hoje, às 20.30 e 22.30 h.
Domingos e feriados
«Matinée» às 16 h.
Quarta-feira: Descanso da Companhia

5.º MÊS!

ÚLTIMAS!



LISBOA: AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 90-A
TEL. 880171/2/3/4
PORTO: RUA ENTRE PAREDES, 17
TEL. 2884

AOS APOSENTADOS

Para si, que merecidamente, tem o privilégio de poder dispor do seu tempo a viajar ou simplesmente mudar de ambiente, quando os outros o não podem fazer, por que não aproveitar a oportunidade que lhe oferecemos de passar uns tempos repousantes e alegres no clima ameno do Algarve.

No mais aprazível local do Algarve-Praia da Oura a 3 Klm. de Albufeira, escolha entre três aldeamentos de grande categoria, Jacarandá-Montecloro-Vilanova, vilas ou apartamentos luxuosamente mobilados com quarto, sala e kitchenette, ténis, piscinas, mini-golf, restaurantes, supermercados. Passatempos diversos, são postos à sua disposição para lhe tornar a estadia o mais agradável possível.

2 semanas com direito à terceira semana gratuita incluindo transporte em autocarro e alojamento 1660, sem transporte 1260,

reserve a sua estadia

Canal da Crítica

O tenente-coronel Alvarez e o artista Armando Jorge não são duas pessoas pescadas ao acaso para nos virem falar, respectivamente, de ginástica e de *ballet*. São duas pessoas que sabem do que falam; sobejas provas deram já.

Ambos falam das admiráveis exposições proporcionadas pelos bailarinos do Bolshoi e pelos ginastas da União Soviética no Espectáculo de Gala do Wembley, em Londres. Centenas de milhares de pessoas puderam assistir; muitos mais assistiriam, caso a Televisão procedesse a um mínimo de propagação. Tal como praticou, para não ir mais longe, com o *Roch en stock* do segundo programa. Isto até porque a exibição dos grandes ginastas soviéticos, representantes da melhor ginástica do Mundo, se fez dentro de uma rubrica pouco dada àquele género de emissões: **Momento Desportivo**.

Quanto às exposições dos artistas do teatro Bolshoi, constituíram, para utilizar a expressão de Armando Jorge, «um espectáculo surpreendente» a todos os níveis, inclusivamente como espectáculo televisivo. A arte, incluída num plano geral de cultura, ganha nova dimensão, novo significado. Esta emissão foi uma festa de inteligência. Foi uma emissão para telespectadores adultos.

FALEMOS DO BOLSHOI

Esta beleza que fica a voar-nos e a construir-nos (ah, que oficina de cultura e liberdade podia ser cada televisor em nossa casa!) não aparece por acaso, não cai do céu aos trambolhões. É produto de muito trabalho, de muito amor pela arte, e da existência de uma poderosa estrutura.

Para só falarmos do Bolshoi, por exemplo, importa dizer que o palco é quase tão grande como a sala, os projectores da boca de cena desenvolvem um potencial de dois mil quilovátios: esta potência, concentrada num *flash*, seria visível a 400 mil quilómetros de distância...

Durante o dia, o teatro consome 20.320 quilovátios/hora de energia, ou seja, o suficiente para alimentar uma cidade de 100.000 habitantes.

O grupo permanente do teatro Bolshoi, o maior do Mundo, pois conta mais de mil artistas.

BOLSHOI: A BELEZA SEM REMORSO

Setenta e quatro cantores tem a categoria solistas; o coro possui 166 pessoas e o grupo de dança, 246 artistas. As pessoas que trabalham para o teatro Bolshoi ultrapassam 3000. Na sua «tournée» pelos Estados Unidos, o conjunto do Bolshoi contava com mais de 500 participantes. Isto ao mesmo tempo em que o teatro funcionava normalmente em Moscovo e em que outro grande grupo de «ballet» realizava uma «tournée» de mês e meio pelo Japão.

Demasiado pequena para a procura cada vez maior, os espectáculos do Bolshoi alastram para o maravilhoso Palácio dos Congressos. Ao todo, cerca de três milhões de espectadores na roda do ano. Claro que as salas do Bolshoi e do Palácio dos Congressos estão sempre à cunha...

Não farei já dos filmes construídos a partir dos espectáculos do Bolshoi. Não farei já das emissões da Televisão dedicadas à ópera e ao ballet. Posso testemunhá-lo: assisti, na Televisão, soviética, à mais bela emissão de «ballet». Tão bela que, se o sonhasse, não ficaria tão completa. Mas isto ficará para contar noutra ocasião, com mais vagar.

A ARTE E A VIDA

Claro que a prática desportiva e o amor da cultura e da arte não podem separar-se de uma realidade social. Não há, no que respeita ao «ballet», apenas o Bolshoi ou os grandes grupos de bailados nas grandes cidades. Não se pratica o «ballet» ou o desporto para se vir a ser um grande artista, mas sim pelo prazer de praticar, pelo que essa prática representa de enriquecimento da nossa personalidade. Na União Soviética, onde desapareceu para sempre a exploração do homem pelo homem, estão criadas as condições para uma cada vez maior desenvolvimento

das nossas qualidades. Vi, com estes olhos vi, como se praticava a música, o canto, o *ballet*, nas inúmeras casas de cultura, nos clubes de empresa, nas escolas desde as infantis. Vi como a todos os cidadãos se proporcionavam todas as condições para ampliar os seus conhecimentos, para explorar os seus dotes artísticos. Nem todos serão grandes artistas, nem isso interessa. A grande competição, a verdadeira competição, é aquela que o indivíduo trava consigo mesmo, vencendo-se, ultrapassando-se a cada instante, conseguindo de si próprio novas vitórias, novos recordes.

Em Riga passei a manhã numa escola correspondente ao nosso ciclo. A tarde, na visita que fiz ao palácio das Exposições (onde se expunham seis grandes exposições que iam de esculturas de madeira à arte francesa do século XIX) cruzei-me frequentes vezes com alunos e alunas da escola onde estive.

Por outro lado, durante a visita ao campo de Salaspils eram em grande número os grupos de crianças que visitavam o campo.

Salaspils foi um campo de concentração nazi que funcionou de 1941 a 1944. Lá foram exterminados 54 mil civis, entre os quais sete mil crianças, além de soldados soviéticos, em número superior a 100 mil. Das crianças aprisionadas retiravam sangue, utilizado depois em transfusões para arianos.

Com estas visitas aprendiam as crianças da Lituânia a amar as suas raízes, a compreender os sacrifícios que seus pais haviam feito pela liberdade, pelo futuro. Tornavam-se assim mais conscientes, mais fortes. É o sentimento, que nessas crianças se cultivava não era o de vingança, o da desforra: era um sentimento de paz e de amizade entre todos os povos do Mundo. As crianças soviéticas são educadas para a

Por MARIO CASTRIM

felicidade, para o trabalho criadas, para o progresso da colectividade. Desta base partem para o desporto, para a arte, para a vida.

A MENSAGEM

De tudo isto nos falam as emissões como estas a que nos referimos. Quer no domínio da ginástica, quer no domínio da grande arte do *ballet*, quer nas danças regionais programadas para o segundo programa — resalta a máxima verdade, a realidade de um povo que, no espaço de 60 anos atribulados (a invasão das potências imperialistas, a grande guerra nazi, etc., etc.) passou da servidão, para a Liberdade, da cauda das nações para a cabeça do processo real. Um povo que, pela primeira vez, destruiu o capitalismo e iniciou a marcha para uma nova sociedade, para a construção do homem novo.

A fruição da beleza só é legítima quando não se acompanha de remorso, de um sentimento de frustração. Quem pode dizer-se feliz num mundo de miséria, de doença, de solidão? Num mundo de bairros de lata, bidonvilles, favelas, etc., etc., quem pode amar as grandes arquitecturas? Quem pode entregar-se plenamente à admiração de um espectáculo artístico sabendo que há, ali perto, crianças a passar fome e velhos atirados para o desprezo? Poder ser feliz num mundo objecto como o nosso, é isso a liberdade?

Apenas a construção do socialismo devolve o homem à sua própria harmonia. Não há outra solução. Por isso, na véspera do aniversário da grande Revolução de Outubro, os atores e artistas soviéticos estão a envolver-nos no seu abraço de paz e a enviar-nos a sua mensagem preciosa: a mensagem de Beleza sem remorso. A mensagem do futuro.

Hoje



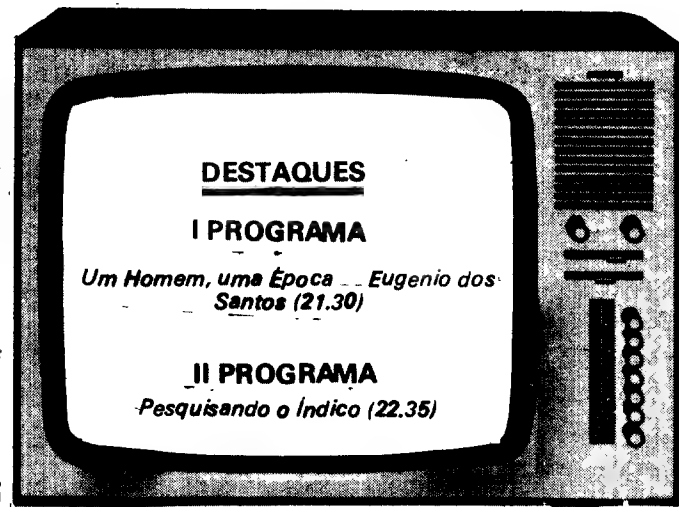
Charles Trenet

I PROGRAMA

- 16.00 *Janosik* — série polaca realizada por Jerzy Passenderfer com Marek Perepczko (Janosik). O episódio de hoje: «A Dança dos Montanhese».
- 16.50 *Horizontes Desconhecidos*
- 17.20 *Batas de 7 Leguas* — revista de actualidades para jovens seleccionada e apresentada por jovens que inclui entrevistas, notícias, reportagens, etc.
- 17.50 *Animação*
- 18.20 *Segovia de los Olivos*
- 19.20 *Espaço 1999* — série de ficção científica. O episódio de hoje: «O Testamento de Arkadia».
- 20.30 *Telejornal* — 2.ª edição
- 21.30 *Um Homem, uma Época* — Eugénio dos Santos.
- 22.30 *Charles Trenet*
- 23.45 *Fecho*

II PROGRAMA

- 20.28 *Abertura*
- 20.30 *Telejornal* — 1.ª edição
- 21.30 *Animação* — coordenação de Vasco Granja.
- 22.00 *Cinemateca* — obras que assinalam a época pioneira da cinematografia nacional no prosseguimento do ciclo dedicado ao cinema mudo português.
- 22.35 *Pesquisando o Índico* — documentário sobre uma expedição científica internacional no oceano Índico.
- 23.15 *Fecho*



Amanhã

I PROGRAMA

- 12.30: *Abertura e Missa de Domingo*; 13.10: *O Homem e a Terra*; 13.40: *Desenhos Animados*; 14.00: *Telejornal* — 1.ª edição; 14.10: *Mar Limiar* — série «Avieiros»; 14.45: «O Segredo da Irmã» — filme realizado por Edgar G. Ulmer com Nancy Coleman, Margaret Lindsey, Philip Reed e Fritz Feed; 16.05: *Haja Saúde*; 16.25: *Corpo Humano*; 16.50: *Cabeça, Tronco e Membros* — concurso infantil; 17.35: «Heidi»; 18.00: *Miguel Strogoff*; 19.00: *TV Rural*; 19.30: *Figuras do Círculo*; 20.00: *Telefutebol*; 20.30: *Telejornal* — 2.ª edição; 21.30: *O Gesto é Tudo* — concurso; 21.30: «Vidas Perdidas» — Clayhanger; 23.30: *Telejornal* — 3.ª edição; 23.45: *Fecho*.

II PROGRAMA

- 20.30: *Abertura e Telejornal*; 21.30: *Mesa-Redonda*; 23.00: *Fecho*.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
 COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
 DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
 Telef. 722786-834271
 Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Restaurante
7 MARES

PORTIMÃO

De 1.ª categoria

Aberto das 12.30 às 15
 e das 19.30 às 24

COZINHA
PORTUGUESA

No Bar: pianista privativo
 Encerrado às 2.ª feiras

ORGANIZAÇÕES
 FERNANDO BARATA

PASSAPORTES
abreu
 Av. da Liberdade 180 - LISBOA

CASCAIS
JAZZ

VI FESTIVAL INTERNACIONAL
DE JAZZ DE CASCAIS/76

PAVILHÃO DOS DESPORTOS DE CASCAIS
PROGRAMA

Sexta-feira,
12 de Novembro às 21.30 h.
 Marcos Resende e Index
 Swing Machine
 Orquestra de Gil Evans

Sábado,
13 de Novembro às 21.30 h.
 Rao Kyao c/ Trio
 Betty Carter c/ seu Trio
 Quinteto de Sonny Rollins

Domingo,
14 de Novembro às 16 h.
 Quarteto Arampa
 Quarteto de Jon Eddis/
 John Hicks
 Muddy Waters
 e o seu grupo de Blues

PREÇO DOS BILHETES

Todas as sessões Preço único Plateia, Bancadas A, B, e C 100\$00

LOCAIS DE VENDA:

LISBOA

Agência ABEP — Praça dos Restauradores
 Discotecas: **Valentim de Carvalho** — R. Nova do Almada, 95 — Edifício Castil
 — R. Castilho, 39 — Av. de Roma 49-C — **Sinfonia** — Av. de Roma, 44-A — **Universal**
 — R. do Carmo, 51 — **Melodia** — R. do Carmo, 23/25
 Livrarias: **Opinião** — R. Nova da Trindade, 24 — **Europa-América** — Av. Mar-
 quês de Tomar, 1-B — **Apolo 70** — **Loja dos Posters** — Av. Júlio Dinis, 10-A/B
Cine-Foto Aviz — R. Braamcamp, 9 — R. Tomás Ribeiro, 43-B — **Igre** — Av. da
 Igreja, 43-B

ESTORIL

CASCAIS

COIMBRA

CASTELO BRANCO

INFORMAÇÕES:

Junta de Turismo da Costa do Sol — Arcadas do Parque
Livraria Galileu — Av. Valbom — **Discoteca VC** — R. Frederico Arouca, 26-A
Vadeca 1 — R. 31 de Janeiro, 210 — **Vadeca 2** — Av. da
 Boavista, 1142 — **Mundo da Canção** — R. da Formosa, 49-3.ª Sala 6
Discoteca VC — R. Ferreira Borges, 152 — **Carlos Lemos** — R. Nicolau
 Chanterenne, 362-2.ª
Luis Pio — Av. Gneral Humberto Delgado, 79

CASCAIS JAZZ — Telf. 804242/3

Grupo A — 6 anos

DIRECÇÃO GERAL DE TURISMO
DIRECÇÃO GERAL DA ACÇÃO CULTURAL
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

Desporto

NACIONAIS DE FUTEBOL

Enchente na Tapadinha para visita do "leão"

Muitos jogos, incluídos nos calendários oficiais dos campeonatos nacionais de futebol (nos vários escalões) disputam-se durante o dia de hoje, aliviando o cartaz dominical. Por exemplo, a nível alto, registam-se, esta tarde, dois embates para o escalão principal: Leixões-Vitória de Setúbal (primeiro apito do arbitro pelas 15 horas) e Benfica-Varzim, com início marcado para as 16.

Na 2.ª divisão, a partir das 15 e 30, um confronto: Famalicão-Salgueiros, a ocorrer no campo do Riopole (em Pousa de Saramagos). Para a divisão n.º 3, dois espectáculos: Sacavenense-Desportivo dos Olivais (15 horas) e Os Elvenses-Nacional da Madeira (15 e 30). Quanto ao campeonato de juniores, partidas distribuídas por três horários: às 15, teremos: Nelas-Lourosa, Vilanovense-Ac. Viseu, Covilhã-Saioanense, Boavista-D. Guarda, Ac. Coimbra-Arrifanense, Alter-Únidos e Ferreirense-CUF. Às 15.30: Vianense-Braga, pelas 16: Esp. Lagos-Olhansense e Farense-Benfica.

Amanhã, com a hora de arranque marcada para as 15, o nacional prioritário marca seis espectáculos: V. Guimarães-Belenenses, Portimonense-Boavista, Beira Mar-Académico, Montijo-Estrela, F. C. Porto-Braga e Atlético-Sporting.

Agora, a 2.ª divisão, zona nortenha: Penafiel-Lourosa, Gil Vicente-Espinho, U. Lamas-Paços de Ferreira, Régua-Vila Real, Vilanovense-Fafe, Chaves-Riopole e Tirsense-Paredes.

Zona centro: Marinhense-Torres Novas, Alba-Portale-

grense, Saioanense-Torriense, U. Tomar-Caldas, U. Coimbra-Ac. Viseu, Peniche-Ferreirense, U. Santarém-Covilhã e E. Portalegre-U. Leiria.

Zona sul: Barreirense-Esp. Lagos, Odélas-Lusitano, Olhansense-Sesimbra, Sintrense-Alcochetense, Almada-U. Montemor, Marítimo-Farense, Vasco da Gama-Oriental e Juventude-CUF.

Na 3.ª divisão, série A: Tadm-Mangualde, Joane-Bragança, Maria Fonte-Vianense, Mirandela-Aves, Bairro. Latino-Mondinense, Rio Ave-Cabeceirense, Limianos-Monção e Forjães-Esposende.

Série B: Infesta-Arrifanense, Leveirense-Leça, Oliveirense-Vildemoinhos, Paços Brandão-Trancoso, Viseu e Benfca-Lamego, Valecambrense-Cucujães, Penalva Castelo-Aladados e Avintes-Freamunde.

Série C: Ala Arriba-Águeda, Covilhã Benfca-Marialvas, Oliveira Bairro-Mangualde (em Mangualde), Tondela-Vilanovense, Gouveia-Esperança, D. Guarda-Anadia, Naval-Tabuense e Ançã-Febrés.

Série D: Batalha-Matrena, Marrazes-Cartaxo, Alferrarede-Almeirim, Alcanenense-Bombarralense, Castelo Branco-Lousanense, Campomaioirense-Alcobaça, Veiernse-Elétrico e Nisa e Benfca-Pombal.

Série E: Benavente-Elvas, S. L. Olivais-Trafaria, Bucelense-Alhandra, Vendas Novas-Cova da Piedade, Alverca-Loures e Vilafranquense-Casa Pia.

Série F: Rosairense-Amora, Moura-Reguengos, Lusit. V. Real-U. Santiago, Seixal-Beja, Sambrasense-Quarteirense, Al-

justrelense-Paio Pires, Odemirense-Silves, Costa Caparica-Luso e Costa Caparica-Luso.

Nacional de Juniores, na zona A, às 11 horas: Gil Vicente-V. Guimarães, Varzim-Infesta, Ermesinde-Leixões, Chaves-Mirandela e Marco-Amara-

Zona B, pelas 11 horas: F. C. Porto-Ferreirense.

Zona C, às 11 horas: Vilafranquense-Mirandense, U. Leiria-Estrela, Sporting-U. Coimbra, Peniche-Caldas e Torriense-Vit. Lisboa.

Zona D, às 10.30: Atlético-Almada; pelas 11: V. Setúbal-Belenenses e Sesimbra-S. Lus.

Oeiras e Sporting invictos sobre rodas

Mais um passo no «Torneio de Abertura», em hóquei patinado. Nos pavilhões da Luz (Série A) e do Lavradio (Série B) jogaram-se ontem os embates da 4.ª ronda, com os seguintes resultados, na Série A: Estremoz-Sporting, 0-8 (0-4 ao intervalo); Sotomayor-Paredes, 3-3 (0-1); e Benfca-Salesiana, 1-1 (1-0).

Na Série B: Oeiras-Acad. Amadora, 3-0; CUF-Paço de Arcos, 3-1; e C. Ourique-Cascais, 1-4.

Na partida entre a turma alentejana e os «leões», eis os blocos:

Estremoz: Caldeira; Serra, Cruz, Jorge, José Alberto, José Miguel, Manito e Sardinha.

Sporting: Ramallete; Garrido, Sobrinho, Chana, Jorge, Carmelindo, José Luis e Carlos Alberto.

Marcadores: Jorge (4), Chana (2), Garrido e Sobrinho. Sotomayor e Paredes alinharam assim:

Sotomayor: Suspiro; Dinis, Fana, Cabacinha, Rodrigues, Abel, Nelson e Elói.

Paredes: Alexandre; Quim, Mário Leal, Orénio, João Oliveira, Coelho, Alfredo e Luís Santos.

Marcadores: Coelho, J. Oliveira e Quim, pelo Paredes; Nelson (2) e Rodrigues, pelo Sotomayor.



Gonzalez: domingo passado, recusou-se a actuar no jogo com o Benfca, alegando não estar ainda recuperado da intervenção cirúrgica a que foi sujeito (em Barcelona). Amanhã, perante o Guimarães, é dado como certo no «team» do Belenenses

D.G.D.: defesa e contra-ataque

É visível, no país, uma luta política radicalizada e, precisamente um dos campos onde essa luta assume aspectos virulentos, é o desporto. Não só porque goza da simpatia de largas massas populacionais, mas também porque a juventude o procura mais que qualquer outras actividades — lê-se numa nota de esclarecimento da Direcção-Geral dos Desportos, divulgada pelo respectivo Gabinete de Imprensa.

Mais adiante: Especulou-se largamente com «saneamentos», quando, segundo directivas recebidas da D.G.D., só saíram inicialmente técnicos de dois sectores que estão sofrendo profunda reestruturação. Dos 205 elementos dos serviços centrais da D.G.D. saíram tão-só 9 técnicos, dos quais 7 regressaram às escolas a que pertencem (como docentes) e 2, por serem tarefeiros, foram colocados, após diligências da D.G.D., na lista de colocações do M.E.C.

Das 22 delegações distritais, ainda segundo as mesmas directivas emanadas superiormente, apenas cessaram funções 10 técnicos da delegação de Lisboa, que regressaram às escolas, e foram suspensos 6 monitores-coordenadores (os quais não apresentam qualquer vínculo legal ao

Estado) que nem sequer trabalhavam directamente com atletas. No entanto, o novo delegado distrital poderá tomar, as decisões que julgar convenientes.

A terminar, lê-se na «Nota de esclarecimento» da D.G.D.: Em conferência de Imprensa realizada em 12 de Outubro, nas instalações do MEIC, o director-geral expôs as linhas gerais de um trabalho da comissão de estudo da concretização da política desportiva governativa e de propostas dos serviços da D.G.D.. Trata-se de um trabalho elaborado segundo o espírito da Constituição e do programa de um governo socialista, que passou a constituir, nas suas linhas gerais, orientação a aplicar pela D.G.D.. Nele se determina uma política de pequenos recintos, de prioridade à escola primária e descentralização. No que respeita à descentralização, talvez seja mesmo este o aspecto que mais fere alguns dos que se opõem ao governo constitucional.

Respeitam-se todas as opiniões fundamentadas, como é de uso em qualquer sistema democrático. A crítica é um dos pilares em que assenta a democracia. Mas já se torna difícil de aceitar as informações nitidamente falsas, incorrectas ou deturpadas.



José Augusto, o seleccionador da turma que brilhou na «Minicopa» e que abandonara funções desportivas em plano activo quando se despediu da orientação técnica do Vitória de Setúbal, é agora delegado da D.G.D. em Setúbal

LÁ FORA

Uma delicada intervenção cirúrgica colocou ontem no seu lugar a orelha direita de Ricard Imhoff, jogador de rúgbi mutilado no decorrer de um encontro entre a selecção nacional argentina e a equipa neozelandesa dos «New All Blacks».

Após o encontro (extraordinariamente violento) os jogadores das duas equipas (argentinas e neozelandesas) tiveram que se dedicar a procurar, no recinto da refrega, a orelha de Imhoff, que só depois de terminado o jogo notou que ela lhe faltava.

ATLETISMO

O Comité director da Federação Internacional de Atletismo (I. A. A. F.) reuniu-se à de 12 a 14 do corrente em Amsterdão. O Comité estará completo, participando nesta reunião 18 pessoas. A presidência cabe ao holandês Adrian Paulen, eleito recentemente.

A comissão médica do I. A. A. F. reuniu-se igualmente em Amsterdão, tendo na sua agenda o problema dos «fortificantes musculares».

DIDI

O brasileiro «Didi» assinou ontem um contrato com o clube de futebol «Toluca», por duas temporadas. «Didi» deverá estreiar-se na equipa mexicana, comandando-a este fim-de-semana perante o «Univerzidad» de Nueva Leon.

nhol (Barcelona)- Feyenoord (Roterdão); Magdeburgo-Videoton; Queens Park Rangers-Colónia; AEK (Atenas)-Red Star (Belgrado); Oesters de Vexjoe-Barcelona; Atlético de Bilbao-Millão e Juventus (Turim)-Shakther (Donetsk).

Os jogos deverão ser disputados em 24 deste mês e 8 de Dezembro. Os sorteios para os quartos de final dos outros dois torneio «ufeiros» efectuar-se-á em meados de Janeiro do próximo ano.

XADREZ

Os «observadores» de Portugal e a selecção da Líbia empataram (por 2-2) na 8.ª jornada da contra-olimpiada de Xadrez que está a decorrer em Trípoli (Líbia). Depois desta jornada, o clube de Portugal tem 12 pontos.



A informação foi transmitida esta manhã, no «Primeiro andamento» (programa de Orlando Dias Agudo, no canal 3 da RDP) e veio do Brasil, pela voz do jornalista Jaime Luis: o antigo dianteiro do futebol sportinguista, o irreverente Dê, entrou novamente num conflito disciplinar, ao recusar-se a actuar pelo seu patrão (o Vasco da Gama), após a eliminação do clube de futebol de Portugal para o jogo de qualificação para a final da Copa Libertadores da América, em 1976.

PORTUGAL

ANDEBOL

Mais uma ronda do nacional de andebol, com jogos esta noite. Calendário da zona nortenha: Bairro Latino-S. Bernardo (pav. Vila Real), Beira Mar-Sp. Braga (em Aveiro), Francisco Holanda-F. C. Porto (pav. INATEL, em Guimarães), S. Mamede-F. C. Maia (pav. Eduardo Soares) e Académico-Desportivo Póvoa (pav. de Viseu), todos às 21.30. Zona Sul: C. D. U. L.-Sporting (pav. Universitário), Belenenses-Almada (em Paço de Arcos), Benfca-C. Ourique (na Luz), Encarnação-V. Setúbal (pav. D. Dinis), Benfca C. Branco-Passos Manuel (C. Branco) e Técnico-Boa Hora (pav. Universitário), todos às 21 e 30 excepto os jogos C. D. U. L.-Sporting (21 horas) e Técnico-Boa Hora (30 horas).

seguintes encontros: Luxemburgo-Ilhas Faroe (no dia 26) e Suíça-Finlândia (a 28 do corrente).

ASSEMBLEIA

Esta noite (pelas 21 horas) vai reunir, em assembleia geral, o Clube Desportivo de Portugal (à Rua Pinto Bessa, 293 —(Porto), com a seguinte ordem de trabalhos: — Alteração aos artigos 37.º e 38.º dos estatutos do clube e eleição dos corpos gerentes para o biênio 1976/1978.

BARREIRO

O contencioso entre a direcção do Barreirense e o Núcleo Desportivo e Cultural da colectividade, será objecto de análise durante uma assembleia geral da colectividade, a ser realizada no próximo sábado, no ginásio desportivo das Antas, os

três encontros que proporcionaram os «placards» a seguir: Algés, 83-Benfica, 74; Nacional, 66-Queluz, 60 e Cruz Quebradense, 93-Belenenses, 50. Para completar esta ronda (n.º 2 da prova) ficou para se disputar amanhã, pelas 17 e 30, no pavilhão da Ajuda, o duelo Sporting-Atlético. Para já, um facto pouco esperado em alguns sectores: a derrota benfiquista, na sequência de boa superioridade da turma do Algés, que actuou com muita compenetração e entusiasmo.

Com vista ao torneio interestaduais de basquetebol (seniores masculinos) no qual participam os conjuntos representativos do Porto, Coimbra, Lisboa e Setúbal, o seleccionador-treinador Alberto Moreira iniciou os trabalhos de selecção da sua turma.

Desporto

Resgate de 71 500 contos por olímpico raptado

Hendrik Snoek, um dos jogadores mais famosos da Alemanha Federal (membro da equipa da R.F.A. aos Jogos Olímpicos de Montreal) foi raptado na passada 4.ª-feira, tendo sido posto em liberdade ontem, de manhã. Os raptadores receberam o resgate de cinco milhões de marcos, quantia equivalente a 65.000 contos.

Dois desconhecidos apresentaram-se, na 4.ª-feira, em casa da mãe de Hendrik Snoek, dizendo-lhe que deveria

ir imediatamente a casa do filho. Chegada ali, encontrou a porta do apartamento arrombada: lá dentro, os raptadores tinham deixado uma folha de papel indicando-lhe que se dirigisse a um certo parque de estacionamento, onde encontraria um «Mercedes». O automóvel lá estava e dentro dele, debaixo do tapete, uma carta exigindo um resgate de cinco milhões de marcos pela libertação de Hendrik Snoek. Se a Polícia fosse avisada, o rapta-

do não voltaria a ser visto vivo, acrescentava a mensagem. Porém, a Polícia foi posta ao corrente, e avisou a Imprensa, pedindo-lhe silêncio. A Imprensa manteve-se silenciosa e a Polícia não interveio.

Entretanto, o pai do raptado (que, juntamente com o filho, é proprietário de uma importante cadeia de supermercados) reuniu em notas de baixo valor a quantia exigida. A entrega do dinheiro foi feita a dois desconhecidos, na berma de uma auto-estrada, por um amigo do desportista (o conde Breido Zu Rantzau, de 27 anos). Os raptadores tinham indicado o local em novos contactos com a mãe de Snoek.

A Polícia viria a encontrar Hendrik Snoek ontem, na condução de arejamento numa ponte de auto-estrada, na Renânia-Vestefália. Os raptadores ti-

nam-no deixado acorrentado e com alguns víveres e água. Encontrava-se ali desde a manhã de 4.ª-feira: se tivesse havido uma queda de temperatura durante a noite, Hendrik Snoek certamente teria morrido de frio, afirmou a Polícia.

O cavaleiro Olímpico tinha começado a escrever mensagens em pequenos pedaços de papel, que mandava para a auto-estrada pela condução de arejamento. Um automobilista avistou um desses papéis, onde leu: «Chame a Polícia, estou aqui, mantido preso».

Hendrik Snoek foi libertado depois de ter permanecido durante 65 horas nas mãos dos seus raptadores.

A Polícia de Muenster já ofereceu um prémio de 50.000 marcos (650 contos) a quem fornecer indicações que levem à captura dos raptadores.

Volei de nível no Porto e em Lisboa

O Leixões parece condenado a desaparecer, logo à primeira, da Taça dos Campeões Europeus de Voleibol, tanto na prova masculina como na competição feminina: naquela, frente ao Sport Club Leipzig (da República Democrática Alemã); na segunda, perante as checas do Salávia (de Bratislava), os adversários que couberam aos legítimos campeões portugueses estão cotados como dos melhores do mundo: perante «isto»...

A 21 do corrente (lá) e a 1 de Dezembro (no Pavilhão do Infante de Sagres) serão disputados os jogos das moças.

Hoje (às 21 e 30) no recinto, de Lordelo, o Leixões defronta voleibolistas da RDA, país que já foi campeão do mundo e que conquistou a medalha de prata nas Olimpíadas de Munique (em 1972) data de certo modo recente para se poder pensar num decréscimo acentuado de valor. Logo, por associação de ideias, pensar em termos de vitória portuguesa. É preciso ser-se demasiado crédulo ou preconcebidamente ignorante para pensar que o Leixões vencerá a eliminatória: em boa verdade há um universo a separar a qualidade técnica do volei dos dois países. Que não amite comparações.

Todos os jogadores que formam a equipa do Leipzig (ontem chegada ao Porto) são «internacionais»: o que não seria muito significativo se fossem «internacionais» do género

dos futebolistas de Malta ou dos Camarões. Cá, também há internacionais de Voleibol (António Rijo, o treinador-jogador do Leixões, por exemplo, tem 34 presenças na selecção portuguesa), mas, para fazer parte da selecção nacional de Volei da Alemanha Democrática, é preciso ser possuidor de potencialidades quase insuperáveis.

Frente a um volei de cotação mundial, o que poderá fazer o campeão português? Se os nossos tiverem tempo para aprender qualquer coisa já não será mau de tudo...

Entretanto, no pavilhão da Luz, a turma masculina do Benfica actua face aos austríacos do Sokol Kupa Pelze (de Viena), num embate da 1.ª «mão» da eliminatória inicial da Taça dos Vencedores de Taças.

Um voleibolista checo (vindo da selecção olímpica) está integrado na comitiva visitante: Malish, oito vezes participante na melhor formação do seu país. De resto, entre os outros nove componentes do bloco austríaco, encontram-se quatro «internacionais» pela Áustria, embora todos sejam amadores e o seu emblema não tenha grande prestígio entre os pares europeus. De qualquer modo, parecem presa difícil para os «encarnados» lisboetas.

O cotejo está marcado para se iniciar pelas 18 horas, após o jogo de futebol do Benfica com o Varzim.

PORTUGAL

Continuação da pág. 16

e José Rodrigues (C.D.U.P.); Virgílio (F. C. de Gaia); José Sá (Vasco da Gama); Nuno Coelho (Vilanovaense); Sílvio Silva (Valongo) e Vitor Costa (B. P. A.). O torneio, que se integra na comemoração do 50.º aniversário da Associação de Basquetebol do Porto, terá

DIVULGAÇÃO

Constituiu uma boa jornada de propaganda do xadrez a vinda do «grande mestre» internacional soviético Suetin, à cidade de Santarém. Assim realizou-se uma série de partidas «simultâneas», com uma considerável percentagem de elementos jovens, o que é de acentuar. De entre jogadores de todas as idades (filhados ou não) o visitante obteve 24 vitórias, 3 empates e apenas uma derrota, tudo em pouco mais de 2 horas de jogo.

O público ocorreu em bom número, mostrando entusiasmo pelo xadrez. Os jogos decorreram na sala do F. A. O. J.

GOLFE

Cerca de 200 concorrentes (de Portugal, Inglaterra, Estados Unidos, Bélgica, Noruega, Finlândia, Alemanha Ocidental, Canadá, Austrália e Holanda) participam na «VI Semana Internacional de Golfe Amador do Algarve», que começa a disputar-se amanhã, nos relvados do Vale do Lobo (Almancil-Algarve). A competição (organizada pelo Clube do Golfe do Vale do Lobo) é dirigida por David Vansitar.

A final disputar-se-á no próximo dia 14.

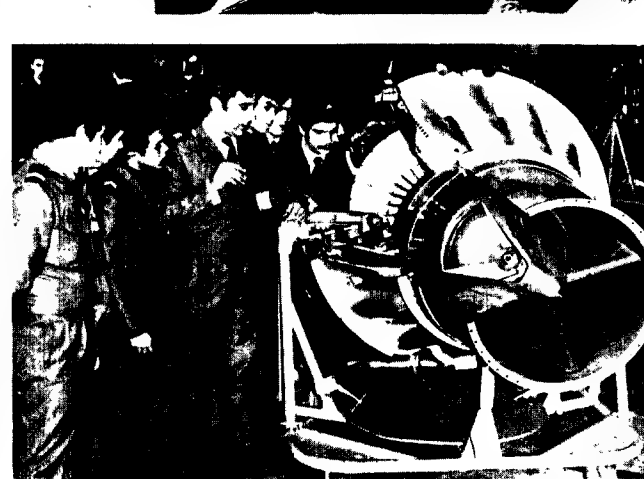
VELA

O Clube Desportivo de Paço de Arcos promove, a 13 e 14 do corrente, o «Torneio de Outono», para velejadores das classes «470», «finn», «snipe», «Vaurien», «Europe», «sharpie» e «laser».

Depois da última regata, tem lugar (no salão nobre da colectividade) a distribuição de prémios de todos os torneios efectuados esta temporada.

Força Aérea Portuguesa

presente.



Atenta. Activa. Actuante.
Asa de protecção que é, também, braço de apoio.
Aos mais diversos serviços de interesse público.
Aos mais variados sectores da vida nacional.
No transporte de feridos ou doentes.
No socorro a naufragos.
Na detecção e combate a incêndios.



Na prospecção dos recursos terrestres.
No constante enriquecimento do país, através da formação de técnicos altamente qualificados.
Com o profissionalismo dos seus homens e os múltiplos recursos do seu equipamento.
Quando o Urgente pede ajuda, onde o Necessário se impõe - Força Aérea Portuguesa: Presente.

FORÇA AÉREA PORTUGUESA-SOBRE A TERRA, SOBRE O MAR

Geral

Industriais portugueses procuram vender aos árabes

Terminou, em Lisboa, o simpósio de Marketing internacional sobre o tema «Como exportar para os países da O.P.E.P.», em que participaram cerca de 200 empresas portuguesas.

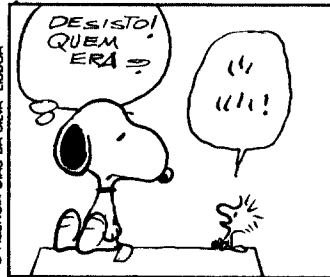
No decorrer de uma conferência de Imprensa, o presidente do Fundo de Fomento de Exportação, dr. Eurico Correia, pôs em destaque a importância da presença entre nós dos mais destacados especialistas espanhóis no comércio com os países árabes. Disse, ainda, ser necessário encontrar uma «nova vocação nos exportadores, e criar uma nova dinâmica, uma nova mentalidade e indústrias de dimensão internacional», para o que, salientou, se poderá contar com o F.F.E.

Este Simpósio foi promovido pela Câmara Oficial de Comércio, Indústria e Navegação de Alicante, em colaboração com a Associação Industrial Portuguesa e o patrocínio do Fundo de Fomento de Exportação.

tação.

Os especialistas espanhóis presentes naquela conferência de Imprensa fizeram depois uma súplica das comunicações que apresentaram no simpósio e que abrangeram os vários campos de actividade nas relações económicas com os países da O.P.E.P. Foi posto em destaque principalmente as particularidades comuns dentro de mercados com características por vezes muito diferenciadas, o que exige um plano de actuação para cada país árabe. Um dado a ter em conta, segundo frisaram, é o de os árabes serem indiferentes ao pragmatismo das relações comerciais entre países ocidentais.

Há ainda que ter em conta os diferentes sistemas políticos que governam esses países e que vão desde o socialismo argelino ao capitalismo e feudalismo de certos emiratos.

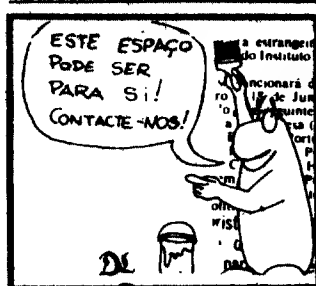


Medidas para regularizar construções clandestinas

Foram determinadas por lei as medidas a aplicar na construção clandestina e nas operações de loteamento clandestino, que desde há muito se verificam em larga escala nas regiões envolventes ou próximas dos grandes centros urbanos, designadamente Lisboa.

O diploma, agora publicado no «D. R.», 1.ª Série, n.º 260, prevê que as áreas de construção clandestina possam ser objecto de medidas tendentes à sua legalização, manutenção temporária, ou demolição. Quanto aos loteamentos clandestinos, prevê-se indemnizações pelos prejuízos causados.

O decreto, do Ministério da Habitação, procura que seja tomado em consideração o facto de grande número dos agregados familiares fixados nas áreas de construção clandestina serem de fracos recursos económicos, pelo que declara aceitável carecendo embora de obras de beneficiação e reconversão, a situação de facto, desde que a ocupação não se mostre contrária ao adequado ordenamento do território.



PUB

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL EDITAL

Comunica-se aos moradores e possuidores de lotes na Quinta do Bonfim, em Foros de Amora, de que foram iniciadas as obras de terraplenagem dos arruamentos e, consequentemente, a marcação dos lotes resultantes da reconversão do plano de urbanização.

Como se desconhece a residência de alguns dos interessados, publica-se o presente edital para que todos tomem conhecimento da situação dos respectivos lotes no Gabinete de Apoio ao Planeamento e Gestão (G. P. A. G.), que funciona no local, ou através da Comissão de Moradores.

A COMISSÃO DEMOCRÁTICA ADMINISTRATIVA DA CÂMARA DO SEIXAL

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO

AOS TRABALHADORES DOS SECTORES DE: ARMAZENISTAS E IMPORTADORES DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, AÇOS, TUBOS, METAIS, FERRAGENS, FERRAMENTAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS

CONVOCATÓRIA

Mais uma vez os patrões faltaram ao início das negociações.

Assim, mobiliza-te para estares presente nos próximos plenários, com o fim de toda a classe tomar posição face às manobras dilatórias do patronato.

Lisboa — dia 8 (2.ª feira) 20 horas nas instalações do Sindicato do Comércio, Av. da República, 31.

Porto — dia 9 (3.ª feira) 21.30 horas no salão do INATEL (Batalha — por cima do «Águia d'Ouro»).

Leiria — dia 9 (3.ª feira) 21.30 horas na Delegação das Caldas da Rainha.

COMPARECE! PARTICIPA!

SÓ UNIDOS CONSEGUIREMOS O NOSSO 1.º C. C. T.

Grupo Dinamizador e de Apoio à Comissão Negociadora

Comissão Negociadora Sindical

Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores Comércio

Federação Regional dos Sind. Emp. de Escritório do Sul

Federação Regional do Norte dos Sind. dos Emp. Escritório

Federação Nacional dos Metalúrgicos

Federação dos Sindicatos dos Rodoviários

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Dist. do Porto

Sindicato dos Trabalhadores Técnicos de Vendas

Sindicato dos Trabalhadores de Armazém do Norte

Sindicato da Construção Civil de Lisboa

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco com excepção no Litoral Oeste onde soprava moderado de Noroeste e caíam aguaceiros em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO	11º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	14º
FARO	15º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco com excepção no Litoral Oeste onde soprava moderado de Noroeste e caíam aguaceiros em alguns locais.

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
2.37 4,0 m	8.13 1,1 m
14.54 4,0 m	20.25 1,1 m
Dia 7	
3.11 4,1 m	7.45 1,0 m
15.28 4,0 m	20.56 1,0 m
Dia 8	
3.41 4,1 m	9.17 1,0 m
16.01 3,9 m	21.28 1,0 m

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; alternando com boas aberturas; vento fraco a moderado de Noroeste; aguaceiros diminuindo gradualmente de preferência.

AMANHÃ

NAScer AS..... 7.10
OCASO AS..... 17.30



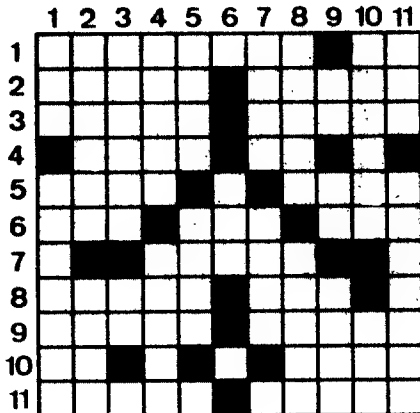
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11602

HORIZONTAIS:

- 1 Cabelo raro e curto. Milímetro.
- 2 História. Uni.
- 3 Vigias. Freguesia do concelho de Guimarães.
- 4 Irmão. Satélite de Júpiter.
- 5 Dança popular portuguesa. Artigo definido. Zombará.
- 6 Três vogais iguais. Costume. Entregar.
- 7 O mesmo que toro (Bras.).
- 8 Esculca. Nome de mulher.
- 9 Derribar (fig.). Encaram.
- 10 Proposição. Raça.
- 11 Grande sala. Animação (fig.).



VERTICAIS:

- 1 Invent. Figuras das cartas de jogar.
- 2 Astenia. Caruma.
- 3 Afinara. Plural.
- 4 Espécie de forragem (Bras.). Gema.
- 5 Pronome demonstrativo. Joier.
- 6 Sufixo que designa abundância. Artigo definido.
- 7 Rio do Estado do Pará (Bras.). Rezem.
- 8 Irmã. Cidade de Espanha.
- 9 O lado do vento. Idem. Praia.
- 10 Professor. Escudeiro.
- 11 Dá mos. Ordenar.

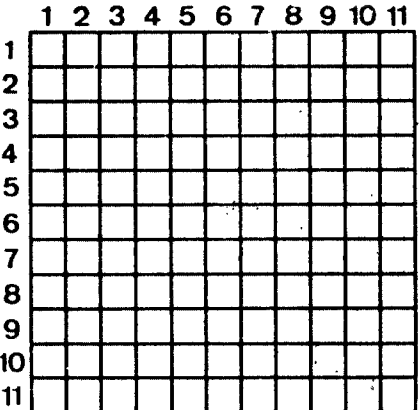
Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 11602

HORIZONTAIS:

- 1 Freguesia do concelho e distrito de Bragança. Freguesia do concelho de Melgaço.
- 2 Esteiros. Sabido.
- 3 O mesmo que arqueiam. Estacionem.
- 4 Chegara ao meio. Pronome pessoal.
- 5 Pertences. Cidade de França. Sufixo que designa estado.
- 7 Ressoa. Pronome demonstrativo.
- 8 O mesmo que rabino. Gema.
- 9 Culpada. Rio de França. Atmosfera.
- 10 Dois mil e duzentos em romano. Fronteira.
- 11 Pernadas de sobreiro. Pegada.



VERTICAIS:

- 1 Berras alto. Armaria.
- 2 Serra de Portugal. Cimilha.
- 3 Apanha. Grande. Crómio (s.q.).
- 4 Guarnece de asas. Estorvo.
- 5 Assinalais.
- 6 Ouro (s.q.).
- 7 Revestir com uma camada de prata.
- 8 Nome de mulher. Fechara as asas para descer mais depressa.
- 9 Arvore cuja madeira serve para a construção de casas (Bras.). Joieira. Campeão.
- 10 Tragédia de Shakespeare. Compras garrotes de um ano para revender daí a dois anos para exportação.
- 11 Adicionara. Jarro (planta).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11601

HORIZONTAIS:

- 1 Fa. Na. Anafa.
- 2 Alta. O. Om.
- 3 Lia. Cri. Agá.
- 4 Ta. Monta. Ad.
- 5 Avizava. Anca.
- 6 Arrasar.
- 8 Os. Cavia. Pr.
- 9 Roer. Itália.
- 10 Ter. Ovarios.
- 11 Orar. Oro. Rá.

VERTICAIS:

- 1 Falta. MORTO.
- 2 Aliava. Soer.
- 3 Ta. tró. Era.
- 4 Na. Mar. Cr.
- 5 A. COVA. O.
- 6 Ornas. VIVO.
- 7 A. It. Apitar.
- 8 N.S. Aar. Aaro.
- 9 Li.
- 10 FOGAÇA. Pior.
- 11 Amara. Brasa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7661

HORIZONTAIS:

- 1 Nanci. Acama.
- 2 Opas. Gram.
- 3 Tio. Avó. Ora.
- 4 At. Amado. Cl.
- 5 Rasgo. Risos.
- 6 Siar. Eros.
- 7 Rs. Om.
- 8 Ali. Pao. Aço.
- 9 Biaba. Moral.
- 10 Na. It. Ar. Rá.
- 11 As. As. Regos.

VERTICAIS:

- 1 Notar. Pabna.
- 2 Apitas. Lias.
- 3 Não. Síria.
- 4 Cs. Agás. Biá.
- 5 Amor. Patá.
- 6 Eva. Ba.
- 7 Odre. Omar.
- 8 Ce. Oiro. Ore.
- 9 Aro. Somar.
- 10 Marcos. Caro.
- 11 Amais.

Provérbio: O MORTO À COVA O VIVO À FOGAÇA

Farmácias de serviço

LISBOA

TURNO J-1
RODA A NOITE
ALCANTRA
 Infante Santo, Rua do Olival, 29 (Telef. 661003)
ALVALADE
 Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (Telef. 725443)
 Rio de Janeiro, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (Avenida dos Estados Unidos da América) (Telef. 721409)
AVENIDAS NOVAS
 Sá da Bandeira, Avenida Marques Sá da Bandeira, 36-42 (Telef. 41961-54672)
BAIRRO DA ENCARNACÃO
 Ascesso, Praça Norte, 11-A (Telef. 311216)
BAIXA
 Frazão, Rua Porta de Santo António, 70 (Telef. 328180)
CAMPOLIDE
 Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Telef. 683438)
CAMPO DE OURIQUE
 União, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (Telef. 663643)
ESTEFÂNIA
 Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (Telef. 44438)
LAPA
 Neves, Rua da Bela Vista à Lapa, 37 (Telef. 661251)
LUMIAR
 Douro, Alameda das Linhas de Torres, 83-A (elef. 791131)
PENHA DE FRANÇA
 Carrondo, R. Padre Sena de Freitas, 10-A (a Igreja da Penha de França) (Telef. 842518)
PICHELEIRA
 Marleux, Calçada da Picheleira, 140-A (Telef. 720703-728395)
SÃO VICENTE
 Santo António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (Telef. 862333)
XABREGAS
 Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (Telef. 381279)
TURNO J-2
ATE AS 22 HORAS
ALVALADE
 Zil, Avenida da Igreja, 9-D (Telef. 711780)
AMEXOBRA
 São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galinheiras-Charneca) (Telef. 790969)
ARROIOS
 Nunes, Rua Ângela Pinto, 82 (Telef. 49756)
AVENIDAS NOVAS
 Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283 (a Feira Popular e Avenida 28 de Maio) (Telef. 763016)
BAIRRO ALTO
 Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Telef. 323443-323446-323228)
BELÉM
 Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Telef. 638193)

BENFICA

Benfíluz, Estrada de Benfíluz, 444-A (Telef. 782606)
CAMPOLIDE
 Nova, Rua de Campolide, 297-C (Telef. 687475)
CAMPO DE OURIQUE
 Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131 (Telef. 686640)
CONDE REDONDO
 Salutar, Rua Conde de Redondo, 9-B (a Gomes Freire) (Telef. 533411)
LAPA
 Eduardo César, Rua das Trinas, 102 (Telef. 662631)
OLIVAS
 Olivais (dos), Rua Alves Gouveia, 19 (Telef. 311487)
SÃO MAMEDE
 S. Mamede, Rua Escola Politécnica, 82-B (elef. 660280)
LINHA DE CASCAIS
(ALGÉS)
 Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (T.2112048)
OEIRAS
 Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, 10 (T.2430691). Serviço permanente
CARCAVELOS
 Central, Serviço permanente
MONTE ESTORIL
 Ostende, R. de Espinho, 1 (T.260391). Serviço permanente
CASCAIS
 A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T.260214). Serviço permanente
LINHA DE SINTRA
AMADORA
 Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T.932485). Toda a noite; Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T.930019). Até às 22 horas; Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T.938149). Até às 22 horas
DAMAIA
 Demais, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T.970523). Serviço permanente
VENDA NOVA
 Nova, R. Elias Garcia, 10 (T.972530). Até às 22 horas
QUELUZ
 Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117)
CACÉM
 Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
 Rodrigues Rato (T.2912038)
S. PEDRO DE SINTRA
 Valnetim (T.980456)
SINTRA
 Simões, Estefânia (T.2930832)
COLARES
 Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
 Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDADOS
 Guimão, R. Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
 Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 8, 2.º, piso E (T.2768030)
BAIXA DA BANHEIRA
 Alimca, E. Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRA
 Pimenta, R. Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (T.2073012). Até às 19 horas; Soares, Av. da República, 1 (T.2073023). Serviço permanente
COVA DA PIEDADE
 Carqueira Afonso, P.5 de Outubro, 18 (T.2750254)
MOITA
 União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
 Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T.2310156)
SESIMARA
 Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
 Oliveira, L. da Misericórdia (T.22488); Louro, R. Frei António Chagas, 24-A (T.24491)
SEIXAL
 Seromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 25
ATÉ AS 22 HORAS
 Foz, R. Senhora da Luz, 380. Foz, Alirio de Barros, R. de Costa Cabral, 240. Magalhães, R. de Serralves, 566. Nova de Monsanto, R. de Monsanto, 148. Correia, P. Mousinho de Albuquerque, 78. Corujeira, R. de S. Roque da Lameira, 1473. Couto, I. de S. Domingos, 106. Luso-Francosa, R. da Bandeira, 140
TODA A NOITE
 Lapa, R. Antero de Quental, 211. Gomes Carneiro, R. de Cedofeita, 348. Central, R. de Santo António, 203
COIMBRA
 Cruz e Costa, Rua A. de Vasconcelos (Telef. 22715)

Outros espetáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
 20.30 e 22.45 (18 anos)
 «Vamos Trocar de Mulher»
MARIA VITÓRIA
 20.30, 22.45 (18 anos)
 «O Bombo da Festa»
ADOQUE
 20.30, 22.45 (18 anos)
 «A Grande Cegada»
ABU
 20.30, 22.45 (18 anos)
 «Cada Cor seu Paladar»
MARIA BATOS
 21.30 (18 anos)
 «O Director da Ópera»
VARIÉDEDES
 20.30 e 22.45 (13 anos)
 «Isto é que me Dói»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
 21.30 (13 anos)
 «Tambora na Noite»
TEATRO ABERTO
 21.15 (13 anos)
 «O Círculo de Giz Caucasiano»
VASCO SANTANA
 21.30 (13 anos)
 «Fashen?»
COLISEU
 21.30 (6 anos)
 «Olimpiada do Circo»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
 21.30 (18 anos)
 «Loucuras Porno»
CALBOSCÓPIO
 21.00 (18 anos)
 «O Império dos Sentidos»
SATÉLITE
 21.45 (13 anos)
 «Matrimónio»
CINEARTE
 21.15 (13 anos)
 «A 7.ª Alvorada»
CAPITOLIO
 21.00 (18 anos)
 «Wester porno»
MONUMENTAL
 21.15 (13 anos)
 «O Homem que queria a Rai»
EUROPA
 21.15 (10 anos)
 «Total total total»
RESTELO
 21.00 (18 anos)
 «Shampoo»
JARDIM
 21.15 (18 anos)
 «Mr. Maestik»
PARIS
 21.15 (18 anos)
 «Sexualmente Tua»
LUMIAR
 21.15 (6 anos)
 «O Gendarme em Férias»
OLIMPIA
 21.00 (13 anos)
 «O Filho do Zorro»

VOX

21.15 (18 anos)
 «Os Teatros Eróticos de Paris»
PROMOTORA
 19.00 (18 anos)
 «Garotas em Uniforme»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL Casino
 18.30 e 21.15 (18 anos)
 «A Mulher, o Amor e o Ódio»
ESTORIL Palácio
 21.15 (18 anos)
 «Oadrilha Selvagem»
PARADE Royal-Cine
 21.15 (6 anos)
 «Herbie, um Carocha dos Diabos»
CASCAIS S. José
 21.15 (18 anos)
 «Sexe Motel»
CASCAIS Oxford
 21.15 (18 anos)
 «Desenhos Picantes»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
 Recreios Desportivos
 21.15 (13 anos)
 «Um Segredo Inquietante»
AMADORA Lido
 21.15 (6 anos)
 «Kasabian»
AMADORA Cinestúdio
 21.30 (6 anos)
 «Meu Irresistível Selva»
MEM MARTINS Cine Chaby
 21.15 (10 anos)
 «O Estiara Vergas»

SINTRA

Carlos Manuel
 21.15 (18 anos)
 «O Soldado Azul»

OUTRA BANDA

ALMADA Inicial
 21.15 (18 anos)
 «O Mocho e a Gatinha»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO
 21.15 (6 anos)
 «Chopin, Imortal»
ESTÚDIO 400
 21.15 (13 anos)
 «Luzes da Ribalta»
SALÃO BEBÉ
 21.15 (18 anos)
 «A Terra Prometida»
ÁGUA DE OURO
 21.15 (13 anos)
 «Passado Inesquecível»
BATALHA
 21.15 (13 anos)
 «O Homem que Queria Ser Rei»
OLÍMPIA
 21.15 (13 anos)
 «Tarzan nas Minas do Rei Salomão»
CARLOS ALBERTO
 21.15 (18 anos)
 «Exibição»
COLISEU
 21.15 (14 anos)
 «O Direito de Nascer»
ESTÚDIO FOCO
 21.15 (13 anos)
 «E Tudo o Vento Levou»
JÚLIO DINIS
 17.45, 21.15 (18 anos)
 «Conflitos conjugais»
PASSOS MANUEL
 21.30 (18 anos)
 «O Amante»
RIVOLI
 21.15 (13 anos)
 «OURO»
SÁ DA BANDEIRA
 21.30 (18 anos)
 «Western Porno»
S. JOÃO
 21.15 (18 anos)
 «O Império dos Sentidos»
TRINDADE
 21.16 (13 anos)
 «A Filha de Ryan»
VALE FORMOSO
 21.15 (13 anos)
 «A Freira de Monça»

COIMBRA

AVENIDA
 21.15 (18 anos)
 «A Esposa Virgem»
GIL VICENTE
 21.15 (18 anos)
 «Chove em Santiago»
S. TEOTÓRIO
 21.15 (13 anos)
 «Os Dez Mandamentos»
TIVOLI
 21.15 (18 anos)
 «A Quadrilha Selvagem»

Cinemas

ALVALADE
 T. 897480 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
 Luis de Funés em
AS FÉRIAS GRANDES
 Um filme de Jean Giraut
 6.ª Semana
 Para todos

APOLLO 70
 T. 763319 14.16.30.19 e 21.15
 Não acons. a men. de 13 anos
 Vittorio Gassman, Alessandro Momo, Agostina Belli
PERFUME DE MULHER
 Um filme de Dino Risi
 Hoje às 24.00 horas —
 Grupo D (M. 18 anos)
O FINAL DO JULGAMENTO

AVIS
 T. 47163 15.15, 18.15 e 21.15
 Não acons. men. 13 anos
 25.ª Semana
BOBBY
 A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

BEIJA
 T. 776098 14.00, 17.30, 21.00
 A mais espectacular obra que o cinema realizou
SPARTACUS
 Um filme de Stanley Kubrick
 Grupo B (10 anos)

PARTE DO CORAÇÃO
 T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
 «O filme sensação» Festival de Cannes 1976
O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
 A obra-prima de Nagisa Oshima
 Interdito a menores de 18 anos
 Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

Rádio

1.º Programa
 18.00: Música variada; 17.00: Conjuntos; 18.00: Música portuguesa; 19.00: Canções; 19.30: Música variada; 20.00: Jornal da noite; 20.30: Orquestras; 21.00: Contraponto — editorial; 20.05: Rádio revista, por Luis Pereira de Sousa; 00.00: Último jornal; 00.15: Jazz; 00.30: Conjuntos; 01.00: Música na noite.
2.º Programa
 15.00: A ópera «Cavalleria Rusticana», de Mascagni; 16.58: Alguns prelúdios e fugas de «O Cravo Bem Temperado», de Bach; 17.30: Obras de Edgar Varese; 17.50: A Sonata em sol menor, op. 1, n.º 2, para flauta e cravo, de Handel; 18.00: Transmissão directa do Teatro de S. Luiz de um concerto pela Orquestra sinfónica da RDP com a colaboração da violinista Edith Volckaert, direcção do maestro Daniel Oren; 20.30: Parte da Oratória «Paixão Segundo S. Lucas», de Henri Schütz; 21.00: «Prelúdios Portugueses», n.º 1 a 6, de António Victorino de Almeida; 21.30: Que quer ouvir?; 22.30: «Noite Transfigurada», op. 4, de Schoenberg; 23.00: Intercâmbio musical; 00.40: Três Prelúdios e Fugas, do segundo caderno do «Cravo Bem Temperado», de Bach; 01.00: Fecho.
3.º Programa Nacional e Regional (294 m)
 16.00: Variante (continuação); 16.15: Casos ao acaso; 16.40: Disco... rando; 17.15: Vamos ao médico; 17.30: Cinema em variante; 18.00: Contacto; 21.30: Quando o telefone toca; 23.00: Nocturno; 02.00: Fecho.
3.º Programa Local (187,5m)
 18.00: Entardecer; 19.00: Entardecer; 19.30: O diálogo de sábado (repetição); 21.00: Fecho.
4.º Programa Emissão Total em Estereofonia
 19.00: Em órbita; 20.00: Programa da noite; 22.00: Auditório; 24.00: Prisma; 02.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; 18.08: Apelos; 18.15: Igreja em notícia — palavra do dia; 18.30: Transmissão do terceiro dia; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 20.55: Apelos; 21.05: Programa; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas Vivos; 23.05: Trifónico; 23.20: Dicionário político; 00.00: Meditando; 02.00: Encerramento da estação.

Cinemas

CASINO ESTORIL
 T. 264996 18.15, 21.15
 Não acons. a men. de 18 anos

A MULHER, O AMOR E O ÓDIO

CASTIL
 T. 530194
 As 15.00, 17.00, 19.00, 21.15
 Interdito a menores de 18 anos
UM AMOR COMO O NOSSO
 5.ª Semana: Um filme de Andrée Marchand
 (Este filme pode ser considerado pornográfico)
 Hoje às 24.00 em antestreia
A LEI DO SEXO
 Interdito a menores de 18 anos

CONDES
 T. 322523
 As 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
 Não acons. a menores de 13 anos
 Num ambiente escaldante...
CURO
 3.ª Semana
 C/Roger More, Susannah York, Rav Millano

FOCI
 Tel. 320768 14.45, 18.00, 21.15
 Jamais o cinema indiano foi tão longe!
 3.ª Semana
FOGO REAL
 O filme empolgante de Ramesh Sippy
 Não acons. men. de 18 anos

ESTÚDIO
 T. 779095 15.00, 17.00, 19.00, 21.15
 O filme sensação do Festival de Cannes 76
O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
 A obra-prima de Nagisa Oshima
 Interdito a menores de 18 anos

ESTÚDIO 444
 14.30, 16.45, 19.00, 21.15, 24.00
 Interdito a menores de 18 anos
EXIBICÃO
 3.ª semana
 Este filme contém cenas eventualmente chocantes

IMPERIO
 Tel. 555134/5 15.15, 18.30, 21.15
 Não acons. a menores de 18 anos
 A actriz mais sensual da actualidade LAURA ANTONELLI
MEU DEUS, AO QUE EU CHEGUEI!
 Um mestre do cinema italiano LUIGI COMENCINI
 3.ª semana

LODOPES
 Tel. 801313 14.16.30.19 e 21.30
 Não acons. m. 13 anos
A FLAUTA MÁGICA
 Atenção: o filme é exibido logo no início da sessão
 As 24.00 (Int. a m/18 anos)
COM ENCONTRO MARCADO

MUNDIAL
 Tel. 538743 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
 Interdito a menores 18 anos
COMO, QUANDO E COM QUEM?
 Este filme contém cenas eventualmente chocantes

BARES - BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. Tel. 364555/365197. Rosy Scripta: ESTORIL
CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264886/264821/264846

Cinemas

NIMAS
 Tel. 574313/574313
 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
 Não acons. men. 18 anos
CHOVE EM SANTIAGO
 5.º mês de lotações esgotadas
 O Chile de Allende e Pinochet

ODISSÉIA
 Tel. 326283 15.15, 18.15 e 21.15
 Não acons. a menores 18 anos
 em 24.ª semana de enches
O P-CADO SERVE-SE QUENTE
 Santa Berger em toda a ver
 de uma orgia escondida...

PATHE
 Tel. 821933/15.00, 18.00, 21.15, 24.00
 Uma dimensão exacta de amor, com mistura de pecado e inocência!
AAINA
 3.ª Semana

Um filme de K. Balachander
 Não acons. a menores de 13 anos

POLITRAMA
 Tel. 323805 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
 Interdito men. 18 anos
 em 4.ª semana «tota»
PROSTITUIÇÃO CLANDESTINA
 (Cont. cenas eventualmente chocantes)

SHAMPOO
 em 4.ª Semana

ROMA
 Tel. 727778 15.30, 18.30 e 21.15
A RAPARIGA DA ORQUÍDEA
 2.ª semana
 um filme de Patrice Chereau
 (Não acons. a men. de 18 anos)

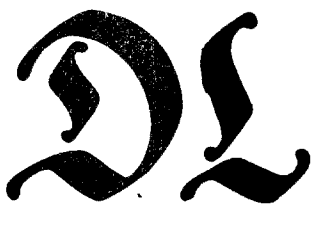
ROXY
 Tel. 48560 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
 Jerry Lewis em
JERRY, PRIMEIRO TURISTA NO ESPAÇO
 Um filme de Norman Taurog
 Para todos

S. JORGE
 Tel. 554153 15.15, 18.15, 21.15
 O mais espectacular filme do nosso tempo!
ROLLERBALL
 De Norman Jewison Com James Caan.
 3.ª Semana

TIVOLI
 Tel. 570595 15.15, 18.30 e 21.15
 Das profundezas do oceano surge o mais grandioso de todos os filmes!
20.000 LÉGUAS SUBMARINAS
 um filme de Richard Fleischer
 2.ª Semana
 Não acons. a men. de 13 anos

UNIVERSAL
 Tel. 774402
 As 15.00 e 21.00 o primeiro filme de Glauber Rocha
BARRAVENTO
 As 17.00, 23.00 (Int. m/18 anos)
A FILHA DO GUARDA DA PASSAGEM DE NIVEL
 As 19.00 um filme de Glauber Rocha
CANCFR
 Sábado às 00.30 um filme de Arrabal (Int. a m/18 anos)
IREI COMO UM CAVALO LOUCO

D. JORDY
 Tel. 971794 21.15
 As 24.00 (Int. men. 18 anos)
A MULHER INDOMÁVEL



RENAISSANCE GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/23/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320211/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Revolução de Outubro evocada em Lisboa

Por iniciativa da Associação Portugal-URSS e da Embaixada da URSS em Portugal, realizou-se ontem à noite no Teatro da Trindade, uma sessão comemorativa do 59.º aniversário da Revolução de Outubro.

Na mesa encontravam-se o embaixador da União Soviética em Portugal, Arnold Kalinin, o cosmonauta coronel Artiukhin, o vice-presidente da Associação URSS-Portugal, Vasco Magalhães Vilhena, Aboim Inglês, membro da direcção da Associação; Silas Cerqueira, o director-adjunto do «DL» F. Pereira Santos, e outras personalidades.

As intervenções estiveram a cargo de João de Freitas Branco, do astronauta soviético, de Aboim Inglês, e, por fim, do embaixador Kalinin, referindo-se todos ao significado, pa-

ra o Mundo, da Primeira Revolução Socialista e acentuando a amizade que se vem a consolidar entre os dois países, cujas relações só foi possível reatar com a queda do fascismo em Portugal.

Na segunda parte da sessão actuaram o conjunto «Outubro» e o grupo de cantares e música popular «Chvessa», da Lituânia, que fará ainda uma digressão por várias zonas do País.

O Teatro da Trindade estava completamente cheio, com um ambiente de solidariedade e de entusiasmo pela Revolução de Outubro. A Associação de Amizade Portugal-URSS informou que delegações espalhadas por todo o País irão, por seu turno, organizar vários actos comemorativos da Revolução de Outubro.

Caixa Económica Operária vai celebrar cem anos

A Caixa Económica Operária, mais antiga cooperativa do País, comemora o seu centésimo aniversário no próximo dia 8, segunda-feira.

A actual gerência preparou um programa de comemorações que projecte para a opinião pública esta cooperativa centenária fundada e mantida por trabalhadores. Para isso, e durante os meses de Novembro e Dezembro, realizar-se-ão várias sessões e reuniões culturais teatro e cinema, exposições e colóquios, na sede da

cooperativa, à Rua Voz do Operário, n.º 66.

Hoje já houve um almoço dos sócios e na segunda-feira à noite, pelas 21 e 30, no salão de festas da Caixa Económica Operária, está marcada uma sessão solene para que foram convidadas as cooperativas de consumo de Lisboa e arredores e as colectividades dos bairros vizinhos. Será inaugurada na ocasião, uma exposição sobre os 100 anos de vida da cooperativa.

MADEIRA 76

VIAGENS ESPECIAIS NOS FERIADOS DE DEZEMBRO
5 dias

Partida de Lisboa : dia 30/11/76 às 20.30 Horas

Partida do Funchal : dia 4/12/76 às 23.00 Horas
ou

Partida de Lisboa : dia 4/12/76 às 20.40 Horas

Partida do Funchal : dia 8/12/76 às 13.00 Horas

Hotéis	Alojam. p. almoço	Meia pensão	Pensão comp.
MATUR (1.ª A)	2.680\$00	3.130\$00	3.685\$00
* ATLANTIS (luxo)	2.890\$00	3.350\$00	3.490\$00
ESTRELICIA (2.ª)	2.935\$00	3.390\$00	3.850\$00
ORQUIDEA (2.ª)	2.815\$00	—	—

* ex Holiday Inn

Incluindo avião TAP, transfers, estadia, visitas, guia permanente e taxas

COMPARE OS NOSSOS PREÇOS E RESERVE JÁ O SEU LUGAR !

SOMOS A :

AGÊNCIA DE VIAGENS
233, AV. DA LIBERDADE
LISBOA



Telef. 53 61 21 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9

"Polémica Melo Antunes" não deve voltar ao C.R.

Não é provável que a polémica gerada pelo recente discurso do major Melo Antunes na posse da Comissão Constitucional force a nova discussão do tema no Conselho da Revolução. Ao contrário do que chegou a ser noticiado, o assunto, empolado por declarações do general Moraes e Silva, considera-se ultrapassado após a última reunião do C. R.

Para já, a maioria dos conselheiros compartilha a opinião do Presidente da República e chefe do E. M. G. F. A., ou seja, a de que a declaração do general Moraes e Silva deve ser tida como mera opinião pessoal, que não envolve forçosamente qualquer tomada de posição mais ampla no quadro das F. A. Para a direita,

porém, a abertura que lhe foi dada pelo chefe do E. M. F. A. para o lançamento de novas pressões desestabilizadoras poderá continuar a servir-lhe, aumentando as especulações em torno do assunto. Neste caso, o tema poderá eventualmente ser de novo discutido, nomeadamente para a sua clarificação definitiva.

Também o caso das recentes reivindicações dos ex-milicianos, que originou igualmente uma onda de especulações na imprensa de direita, se considera em vias de ser solucionado. O problema, que está em estudo no órgão competente das F. A., o E. M. E., poderá conduzir à satisfação de algumas das aspirações dos ex-milicianos. A movimentação dos

ex-milicianos, que culminou com os acontecimentos da Malveira, não são atribuídas as implicações políticas que alguns órgãos de Informação trouxeram a lume, embora haja conhecimento de que elementos de direita tentaram infligir reivindicações meramente profissionais em favor das suas intenções políticas. O caso, no entanto, foi despoletado no momento oportuno, não permitindo a concretização destes intentos.

Entretanto, prossegue o trabalho de estudo de reestruturação das F. A. Julga-se que entre algumas medidas que podem vir a ser adoptadas se contará a revisão da idade de passagem à reserva dos oficiais do Q. P.

"HOLD-UP" EM LOULÉ

Recebedor do Espírito Santo ficou sem 400 contos

LOULÉ, 6 — Um funcionário recebedor do Banco Espírito Santo desta vila, foi o alvo escolhido por dois assaltantes no momento em que entrava no seu automóvel, de regresso ao Banco: «Isto é um assalto, não reaja que não lhe fazemos mal. Deixaremos o seu carro aqui nas proximidades. Passe-nos as chaves». O funcionário não

resistiu à força dos argumentos, e os assaltantes levaram-lhe cerca de 400 contos.

A argumentação dos assaltantes era sublinhada pela «razão» das pistolas que apontaram à sua vítima. O automóvel, conforme haviam prometido, foi abandonado no Poço das Amoreiras (entre Loulé e Almaraz) sem quaisquer danos.

Naquele povoado, passaram-se para outro carro e não voltaram a ser vistos.

Quanto ao funcionário assaltado, trata-se do recebedor Manuel Correia, que acabava de fazer a cobrança do dia.

Entretanto, a Polícia Judiciária de Lisboa chegou a Loulé, tendo iniciado prontamente as investigações.

Combate à droga

Criado um gabinete coordenador

Foi ontem publicado no «Diário da República» (I Série, n.º 259) o decreto-lei que cria o Gabinete Coordenador do Combate à Drogua (GCCD), que funcionará na dependência da Presidência do Conselho de Ministros.

A coordenação de todo o material referente ao combate à droga passa pela estruturação do Centro de Estudos da Profilaxia da Drogua, e do Centro de Investigação e Controle da Drogua, também prevista

noutro decreto hoje publicado.

O Gabinete destina-se a coordenar a actividade dos centros e dos demais departamentos, policiais e outros, contribuintes para o combate ao tráfico e consumo ilícitos de droga.

Por outro lado, o Centro de Investigação e Controle da Drogua (ex-Centro de Investigação Judiciária da Drogua) terá a seu cargo a investigação e estudo dos problemas relacionados com o tráfico e consumo de drogas.

Internacional Socialista

Continuação da pág. 1

trangeiros Knut Frydelund, pensa que o desanuviamento é um processo de longo fôlego em que desempenharão papel importante três elementos: primeiro o lugar que ocupará a China durante os dez a quinze próximos anos; depois um esforço de aproximação entre Leste e Oeste que deveria, entende ele, levar a certa liberalização na União Soviética e permitir melhor conhecimento da ideologia soviética: final-

mente a posição do Terceiro Mundo.

O primeiro-ministro português, Mário Soares que não pôde participar nesta conferência, lamentou, numa declaração lida por Rui Mateus, membro do Secretariado Nacional do Partido Socialista Português, que a Conferência de Helsínquia haja produzido tão poucos resultados concretos, quando tinha começado favoravelmente.

Fundo da E.F.T.A. para Portugal

A E.F.T.A. acaba de conceder a Portugal um crédito de 65 mil contos, destinado sobretudo à aquisição de novos equipamentos que permitam o aumento da produção e a melhoria de produtividade do pessoal.

3
tome
8

OBJECTIVIDADE E COMPETÊNCIA

Quem ouviu o noticiário das zero horas de ontem da R.D.P. sobre a reunião de imprensa no Porto, convocada por um grupo de médicos, ficou sem saber, grande coisa sobre o que lá se disse e da importância dos problemas levantados para a definição dum serviço nacional de saúde. Trocando as coisas, a notícia da R.D.P., acabou por se socorrer de um telefonema para o secretário de Estado da Saúde, dr. Paulo Mendo, o qual, não tendo estado na conferência de imprensa do Porto, acabou por esclarecer o repórter da R.D.P., sobre um dos temas centrais da conferência: o que os médicos contestam é o estatuto da ordem saído dum plebiscito e não o «estatuto do médico», porque esse viria a ser objecto de discussão numa assembleia. O dr. Paulo Mendo ainda disse ao repórter, no final do telefonema, que dentro de dias lhe poderia então dizer alguma coisa. Talvez dizer de novo ao jornalista da R.D.P. o que se passou na conferência de imprensa a que a R.D.P. esteve presente.

REGRESSO

No n.º 2 do Artigo 7.º da Constituição da República Portuguesa pode ler-se: «Portugal preconiza a abolição de todas as formas de imperialismo, colonialismo e agressão, o desarmamento geral, simultâneo e controlado, a dissolução dos blocos político-militares e o estabelecimento de um sistema de segurança colectiva, com vista à criação de uma ordem internacional capaz de assegurar a paz e a justiça nas relações entre os povos».

Na Assembleia Geral da ONU foi apresentada uma moção que condena a colaboração militar e nuclear existente entre o «regime minoritário racista da África do Sul» e a Inglaterra, a França, a Alemanha Ocidental, Israel e os Estados Unidos.

Na votação Portugal ABSTEVE-SE.

Tal como no passado, Portugal não quis votar contra o imperialismo e o seu representante na ONU usou o direito de voto em nitido conflito com o espírito e a letra da Constituição.

China apoia Timor

NAÇÕES UNIDAS, 6 (ANOP/UPI) — O delegado chinês às Nações Unidas Wu Miao-Fa, acusou a Indonésia de agressão a Timor-Leste e afirmou que a China continuaria a apoiar a Fretilin.

Discursando perante o Comité dos Territórios não Auto-governados da Assembleia Geral, Wu afirmou que a Indonésia tinha anexado Timor-Leste contra o desejo do seu povo.

Por sua vez, o delegado da Malásia, Tan Sri Zaiton, defendeu a política da Indonésia, afirmando que a descolonização de Timor-Leste tinha sido presenciada por observadores estrangeiros.

Cunhal em Belém

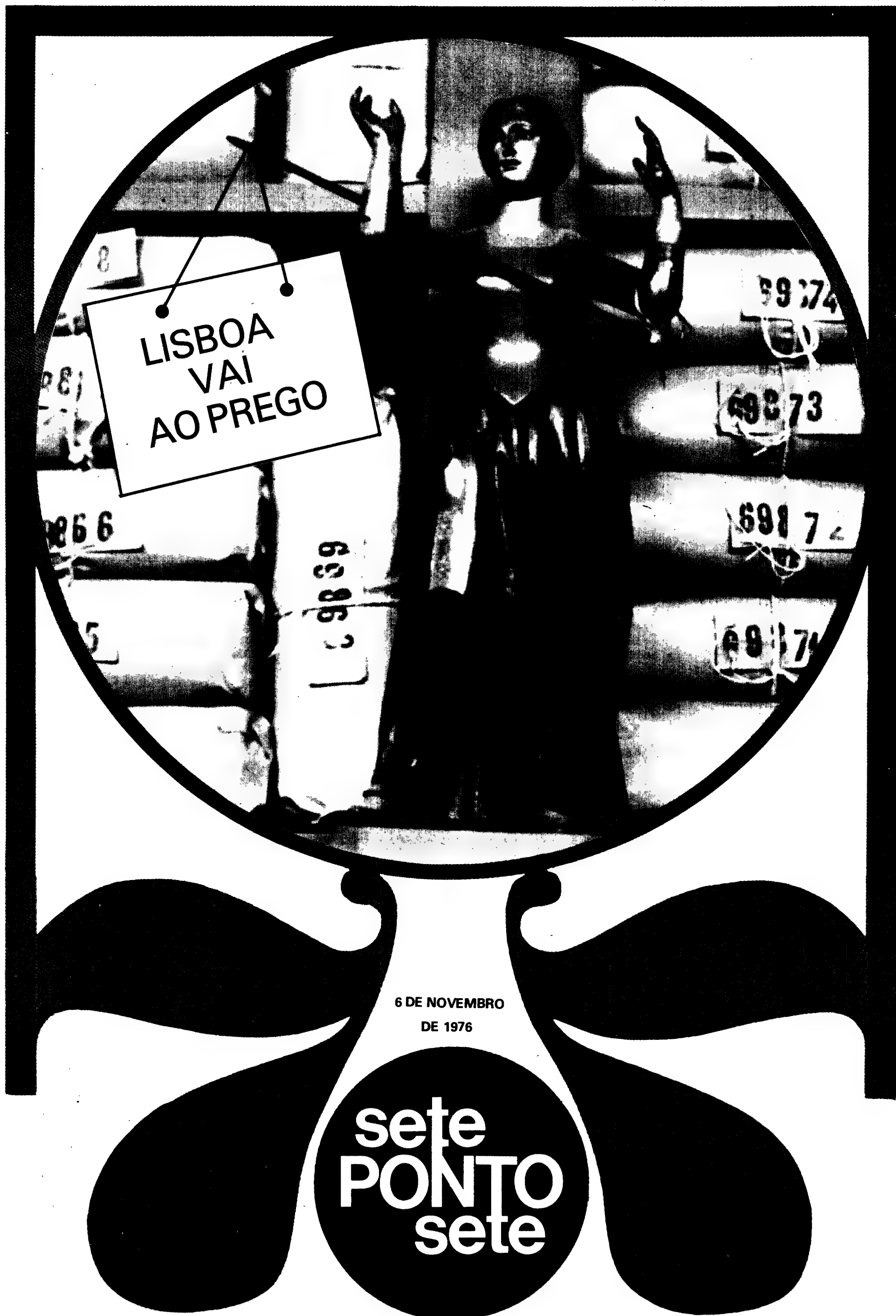
O secretário-geral do P. C. P. Álvaro Cunhal, será recebido esta tarde, às 16 horas, em Belém pelo Presidente da República.

O encontro de Cunhal com o general Ramalho Eanes não tem ainda agenda divulgada, mas pensa-se que venham a ser discutidas questões rela-

cionadas com o processo da Reforma Agrária e com a recente substituição verificada nos responsáveis pelo sector a nível governamental

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA

NO MES ANTERIOR: 40 930 EXS

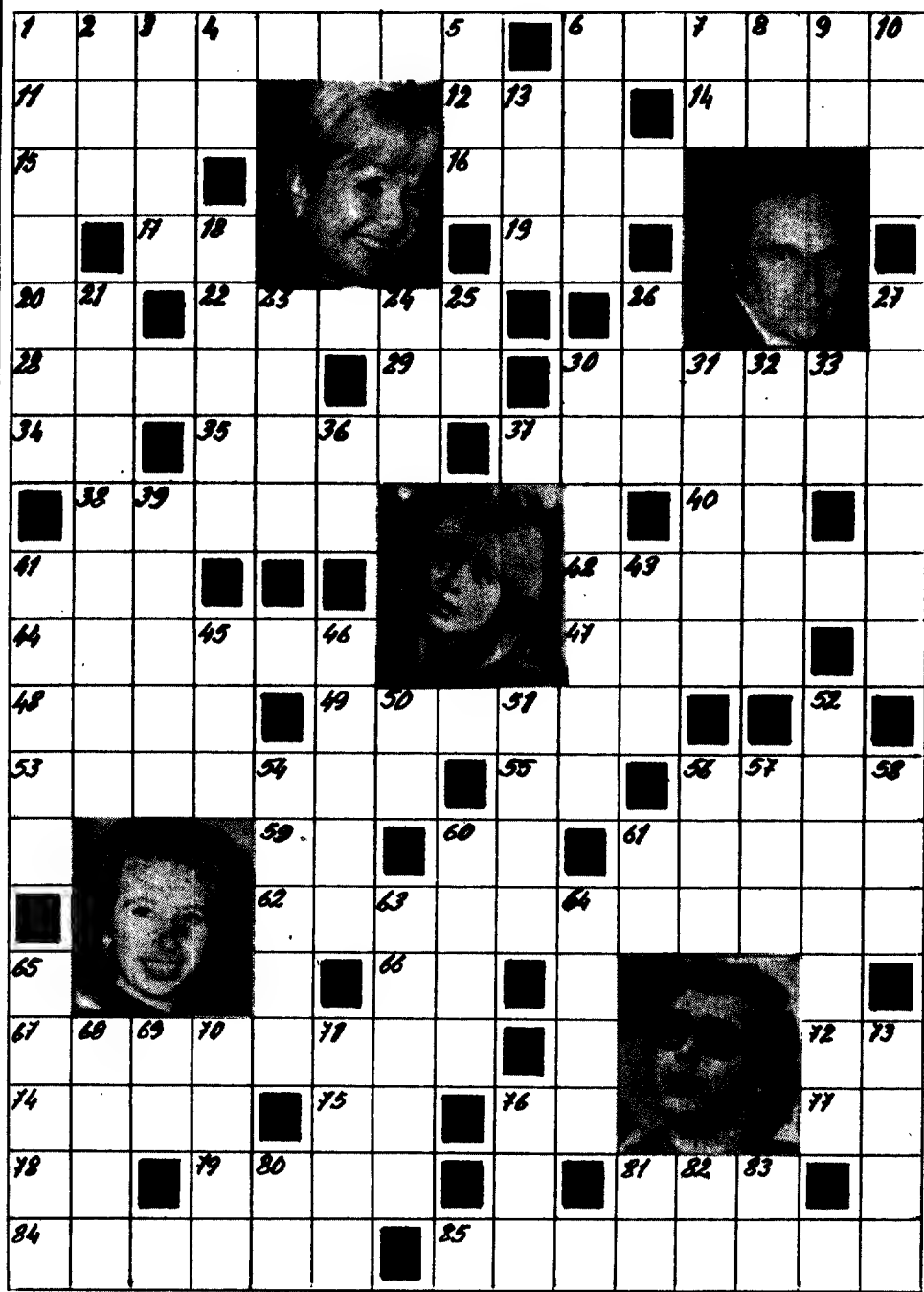


6 DE NOVEMBRO
DE 1976

sete
PONTO
sete

AGENDA SEMANAL  DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

Palavras Cruzadas



HORIZONTAIS:

1/6 Foi o cardeal Richelieu no filme «Os Três Mosqueteiros». 11 Encoleriza. 12 Governanta. 14 Serra de Portugal. 15 Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. 16 Tempo do verbo ser. 17 Autores. 19 Radio (s.q.). 20 Ilha francesa do oceano Atlântico. 22/30 É sueca e foi casada durante anos com Peter Sellers. 28 Vasilha com asas. 29 O sono das crianças. 34 Abreviatura que se usa em música. 35 Género de aves pernaltas das regiões quentes do Velho Mundo. 37 Educaria. 38 Embriagado. 40 Cobalto (s.q.). 41 Nome de jogo. 42 Arrada. 44 Puxe para si. 47 Montão. 48 Colocará. 49/67 Actriz de vários filmes musicais americanos e ex-mulher de Eddie Fischer. 53 Guarnecias de asas. 55 Em partes iguais. 56 Nome de homem. 59 Milímetro. 60 Alumínio (s.q.). 61 Esclareço com comentários. 62 Quebraríamos. 66 Deusa da Lua entre os Egípcios. 72 Antes de Cristo. 74 A Pérsia. 75 Nesse lugar. 76 Bário (s.q.). 77 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. 78 Tumor, o mesmo que arrieira. 79/85 Cançonetista português intérprete da canção «Sou maré nova na praia velha» no Grande Prémio T.V. 81 Fruto da ateira. 84 O mesmo que senzala.

VERTICAIS:

1 Antigo vaso de louça. 2 Ave da Amazónia.

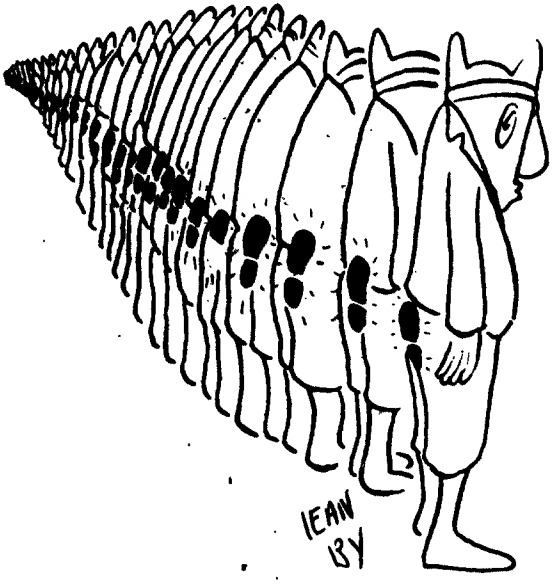
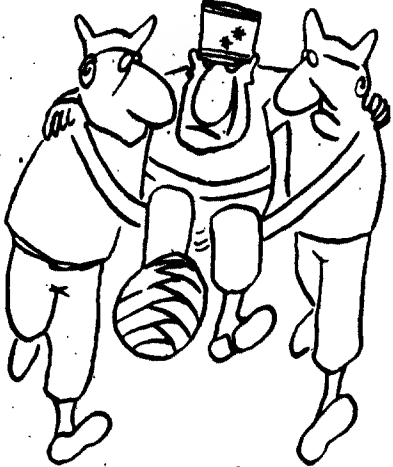
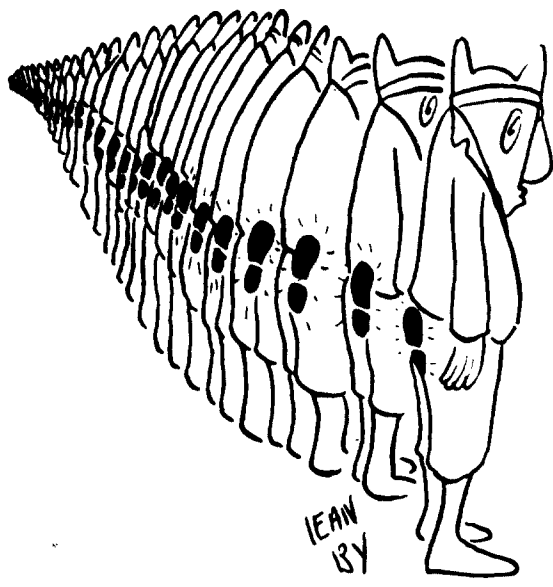
3 Baú. 4 Batráquio. 5 Em as. 6 Cidade da Holanda. 7 Companheiro de Vasco da Gama. 8 Pronome pessoal. 9 Sufixo que designa estado. 10 Prefixo grego que significa novo e entra na formação de vocábulos portugueses. 13 Maior. 18 Escavar. 21 Enérgicos (fig). 23 O mesmo que rabino. 24 Contracção do pronome pess. compl. te e do pronome pess. compl. os. 25 Porco. 26 Palavra norueguesa o mesmo que esquí. 27 Efeminar. 30 Vaguearia. 31 Atam. 32 Freguesia do concelho de Guimarães. 33 Niquel (s.q.). 36 Satélite de Júpiter. 39 A escória social (fig). 41 Protecção (pl). 43 Treme (fig). 45 Rio da Suíça. 46 Uma das cinco cidades incendiadas com Sodoma e Gomorra. 50 Pertences. 51 O mesmo que pali. 52 Burlas (fig). 54 Que não tem piedade. 56 Princesa de Inglaterra que com seu marido Mark Phillips pagaram as despesas da sua estadia a bordo do iate real Britannia. 57 Dádiva. 58 Toco (inv). 60 Prendes. 61 Nesse lugar. 63 O mais pequeno dos dois ossos que constituem o antebraço. 64 Nome de flor. 65 Todo o delito previsto e punido pela lei penal. 68 Estavam. 69 Universidade americana em New Haven (1.ª sílaba do nome da). 70 Planta anonácea da ilha de São Tomé. 71 Rio de Portugal afluente do Tejo. 73 Adega subterrânea. 76 Grande árvore da Índia. 80 Outra coisa (ant). 81 Preposição latina que designa movimento. 82 Pronome pessoal. 83 Suspiro.

Macho Ibérico é...



Estar contra o princípio trabalho igual-salário igual, só porque ela tem férias de parto e ele não...

*****AS SETE DIFERENÇAS*****



Parecem diferentes e são. Estes sete pequenos pormenores. Oleitor só tem que os localizar sem espereitar para as soluções que vêm na pág. 11. Tem a semana toda à sua frente...

sete PUNTO sete

suplemento semanal

Diário de Lisboa

Lisboa, 6 a 12 de Novembro de 1976

Orientação gráfica de Rodil Garcia

Este Sete-Ponto-Sete, voltamo-lo para as casas de penhores de Lisboa: os agiotas da nossa praça estão com problemas dos diabos, que a gente já lá não vai, com a frequência de ontem, empenhar umas «coisinhas». Não ria, que isto é grave.

Oferecemos-lhe ainda umas «bocas» em calão para o leitor se «orientar». É assim uma espécie de dicionário que as pessoas (honestas e das outras) devem consultar, especialmente quando ouvirem dizer que alguém se prepara para lhes meter a mixa na drófia. Não se trata bem de um insulto, como o leitor verá.

Nas centrais, e a propósito dos penhores de que falamos no primeiro parágrafo, damos-lhe o «Jogo do Prego» (para colar em cartolina) e que lhe permitirá aprender a resgatar as coisas que levou ao «pinho» em dia de aflição.

Na última, o Manual do Gorila, que o leitor deverá ler atentamente para os conhecer melhor — os gorilas que vivem em Lisboa e no resto do País.



Esta boneca encontra-se desde há muitos anos na prateleira de uma casa de penhores do Largo de Alcântara. Segura nos braços uma cavilha, e dá-se ares de «Senhora do Prego»

Usura
é
form4sura

Lisboa vai ao prego. Um senhor agiota não hesita em acusar certos mutuários (um nome lindo para um homem enrascado) de grandes vigaristas. E conta-nos esta história inacreditável: «Um dia apareceu-me aqui um sujeito com um cão. A gente está sempre de boa-fé. Aceitei-lhe o animal, que era só para o safar até ao dia seguinte, mais isto e mais aquilo. E depois? Nunca o veio buscar nem pagou juros. Acabámos por descobrir que o cão não era dele (tinha-o pedido emprestado a um vizinho) e nem sequer era de raça. Já não se pode confiar em ninguém!»

Esta do cão, e a outra de um aflito que conseguiu convencer o agiota a penhorar um ramo de flores naturais, são dois casos sérios para qualquer antologia do prego. Os agiotas andam um bocado magoados com a clientela, que geralmente dividem assim: o «necessitado», o «desorientado», o «do Estoril» e o «sério». Há que acrescentar uma outra classe, encabeçada pelo sargento Gomes e responsável pelo endurecimento dos corações dos agiotas.

Continuação da pág. 3

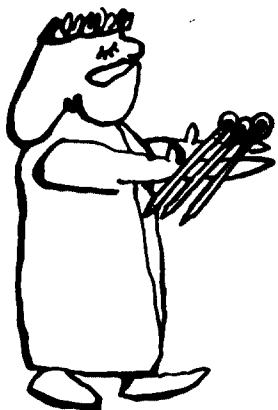
A história daquele sargento, músico na banda da sua unidade, está na memória de todos os prestamistas com mais de trinta anos de experiência.

No princípio de cada semana, o sargento Gomes ia ao «pinho» empenhar o seu clarinete, muito bem acondicionado no estojo de estimação. Aos sábados, resgatava o instrumento que às segundas regressava ao prego. Este ciclo durou meses. Na casa de penhores, o sargento passou a ser conhecido pelo nome: «Bom dia, senhor Gomes. Até segunda».

As tantas, o sargento desapareceu. O «pinho» pensou: «Está doente». Dois meses depois, o agiota reconsiderou: «morreu». Quando um dia o «pinho» abriu o estojo, com o pensamento naquela boa alma que era o senhor Gomes, a casa de penhores encheu-se de ressentimento: da última vez, o sargento «esquecera-se» de meter o clarinete no estojo...

Outra «boa», foi-nos contada pelo penhorista do Largo de Alcântara: foi o caso de uma velhota que passou uma parte da vida a empenhar e a desempenhar a sua telefonia, forte e rija (daquelas que já não se fabricam) e que era o enlevo da vizinhança. Esta telefonia «viajava» da casa da velha para o prego, dentro de um saco. Tantas vezes foi o saco ao «pinho», que um dia ficou lá um tijolo.

Há motivos para pensar que a velhinha desta história seja parente do sargento Gomes.



A VINGANÇA DO AGIOTA

Outro prestamista conta-nos uma história maquiavélica, obra de um colega seu com fama de nunca ter sido «levado».

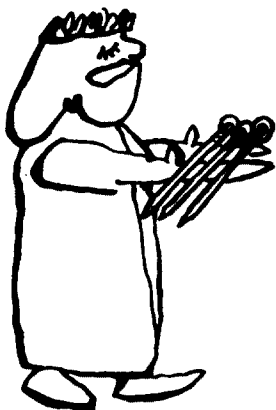
Apareceram-lhe uma vez no estabelecimento dois sujeitos a empenhar um relógio de marca. A «velha raposa» analisou o relógio, pesou-o, virou-o do avesso, viu as horas, deu-lhe corda. Perfeito. Foi feita a penhora e os dois amigos abandonaram o prego com uma cautela e um conto de réis no bolso. Momentos depois, quando se meteu a olhar para o relógio uma última vez, que relógio (já os dois aflitos tinham saído) o agiota viu que tinha sido vigarizado: naquela andança do relógio de mão-para-mão, os outros dois acabaram por lhe entregar um relógio sem valor, embora muito parecido com o outro. Conta-se que o agiota sorriu. Um sorriso de fazer parar um relógio de cuco.

Começa a vingança do usurário contra a Humanidade. Primeiro, ele emitiu uma nova cautela, igualzinha à outra que passara aos passarões. Nesta cautela, anotou as características do relógio de marca que nunca chegou a pendurar no seu prego. Feito isto, decidiu «perder» a cautela num ponto

«estratégico» da cidade. Depois, esperou, com uma paciência feita de fé na esperteza do seu semelhante. Um dia apareceu-lhe um sujeito com a cautela (segunda edição) na mão, lá por causa do relógio. Pagou o conto de réis e levou a «prenda».

O desfecho é esmagador: o homem voltou atrás, barafustou, que o relógio da cautela não era aquele, assim e assado. Foram para a esquadra e ficou provado que o queixoso tentara levantar um objecto que não lhe pertencia. Foi preso.

Consta que já saiu da cadeia e que anda agora a ameaçar o usurário de morte, com uma cavilha de nove polegadas.



PREGO DE OURO

Palavra de penhorista, as casas de penhores estão no fio. Algumas, estão mesmo à beirinha de fechar as portas. Já lá vai o tempo, — diz o senhor Américo que é agiota reformado (oitenta mil cautelas depois) — das pessoas que corriam ao prego a entregar-lhe umas coisinhas. Era o tempo dos pregos gordos, com as varinas a empenhar o cordão para poder comprar o peixe. Era ainda, o tempo das bichas à porta do usurário, com uma velhota gorda a gritar «cheguei primeiro», e o senhor Américo a pôr um bocado de ordem naquilo, «que há cautelas para todos».

Nessa época — conta um agiota que quer o nome só para ele — chegamos a fazer 450 penhores por dia. Havia penhores de cinco escudos! Aquilo era sempre a aviar. De manhã à noite. Mas os tempos mudaram: «Dantes, penhorava-se um lençol por dez, quinze escudos. Hoje, chegamos a dar cem e duzentos escudos...».

(Conclusão possível: está mais cara a roupa de cama).

Pormenor interessante e muito decorativo, visível em todas as casas de penhores de Lisboa: os quadros a óleo, guache, carvão ou aquarela. Muitos destes quadros são empenhados — Até sempre! — pelo próprio autor. Melhor (ou pior) do que isso, trata-se de quadros geralmente pintados a pensar no prego (com batatas) e que passam em directo do «atelier» para o «pinho». Alguns, são verdadeiros «frescos», em todo o sentido da palavra.

Passamos à política: o que é que se empenha hoje, aqui e agora?

— Ouro.

Esta resposta, reluzente, curtiua e valiosa (com a eleição de Jimmy Carter baixou o dólar, subiu o ouro) ouvimo-la de quatro senhores prestamistas: ouro-ouro-ouro-ouro. Isto quer dizer que muitos casais usam uma cautela no bolso e a aliança no prego, o que aliás é costume com fortes tradições entre nós. Os agiotas confirmam, de coração repartido por todas aquelas anilhas cheilinhas de inscrições e datas de casamento: «Nunca mais as vêm buscar. É uma pena».

E você? Acredita nos glutões?

“Temos sido como um pára-raios”

— Ah! Bom ... Se formos para o Socialismo, o Governo tenha paciência mas queremos um subsídio.

Esta declaração espectacular e desconcertante, é da autoria de um senhor agiota que se queixa (todos se queixam) da situação em que se encontram as casas de penhores em Portugal.

Entretanto, um dos problemas graves que afectam o negócio dos prestamistas, é o da concorrência desenfreada movida pela Caixa Geral de Depósitos, que penhora ouro e outros objectos em condições muito mais vantajosas para o mutuário (aflito).

Uma das vantagens da CGD (secção de penhores) sobre as outras casas de prego, é de facto espantosa. Supondo, por exemplo, que a Caixa recebe inadvertidamente um objecto roubado, o que acontece é que — esclarecida a proveniência do objecto — a CGD só o devolve ao dono se este o resgatar, pagando. O Estado não pode suportar o prejuízo e, assim, o lesado tem de pagar para levantar aquilo que lhe roubaram.

Por esta altura, os agiotas comuns queixam-se: numa tal situação, são obrigados a entregar as «coisinhas» à Polícia, perdendo o dinheiro que deram por elas.

Acontece, depois, que o juro da Caixa é de 12 por cento ao ano, enquanto o das casas de prego vulgares é de dois por cento ao mês (ouro e pratas) e de três por cento (outros objectos). Os prestamistas gemem com o peso da concorrência.

Como se não bastasse, surge o 25 de Abril e a crise estala: os trabalhadores passaram a ganhar mais, enfim, uma chatice, e fogem do prego como o diabo da cruz. Toda aquela gama de frigoríficos, rádios, aspiradores não voltou ao «pinho». O que ainda se passa às vezes — cada vez menos — são os casos de aflitos que empenham a geleira no Inverno e o esquentador no Verão. Face às circunstâncias, alguns «pinhos» caíram no desânimo e apresentam propostas. Aquela do subsídio do Governo «se formos para

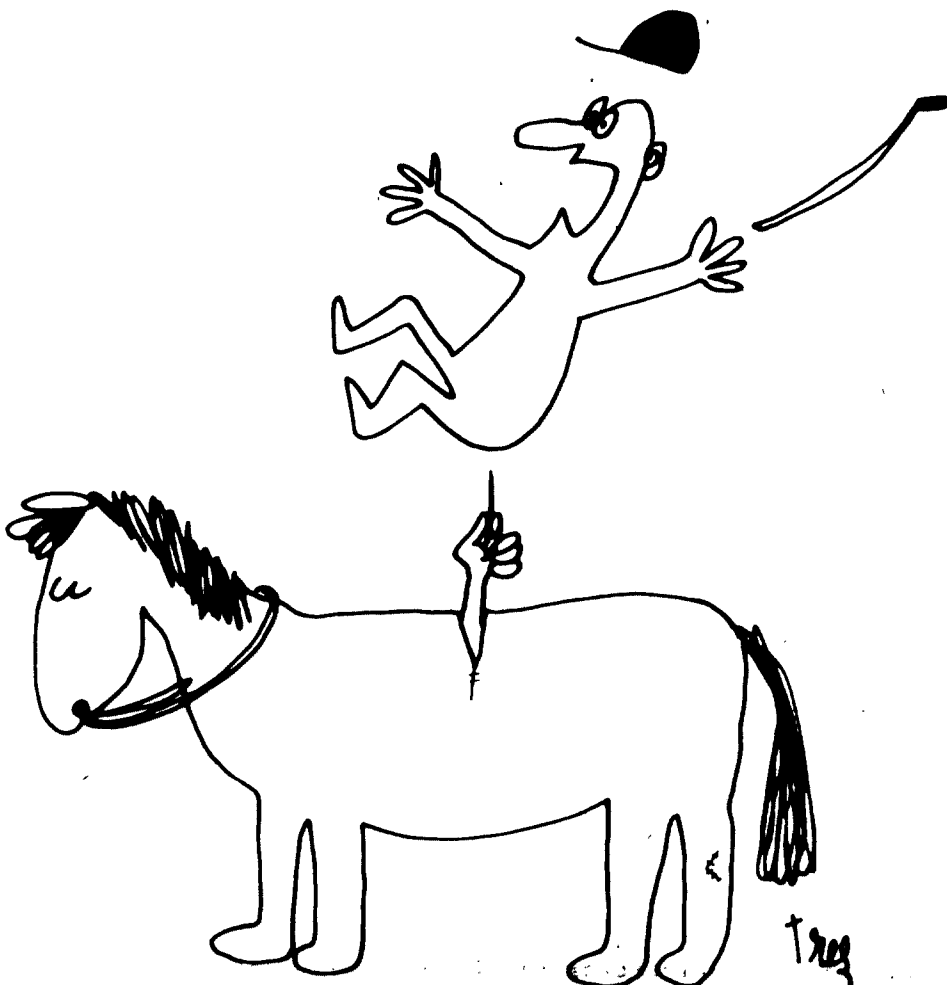
o Socialismo», tenham paciência mas deve ser rejeitada. Mas há outra: que possam cobrar três por cento de juros ao mês em todos os objectos, incluindo ouro e pratas. Uma terceira hipótese que muito bom agiota aceitaria (a julgar por uma breve sondagem) era a agregação das suas casas à Caixa Geral de Depósitos. É preciso dizer que um dos prestamistas contactados, homem progressista, disse-nos coisas duras do seu próprio trabalho: que as casas de penhores eram uma nódoa escura que teremos de limpar, que aquilo era só miséria, que as casas de penhores deviam fechar, «mas para isso, é preciso que o público não precise de vir ao prego!».

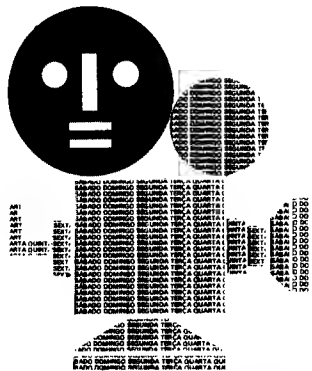
Depois, mais uma ferroadada na Caixa Geral de Depósitos: «Quando a Caixa faz leilão, só ela é que faz. Os nossos leilões não podem coincidir com os leilões da Caixa». (Não está certo, o senhor da Caixa... Usura é formosura, mas o prego quando nasce é para todos).

Por outro lado, os agiotas gostariam de ser tratados com mais humanidade. E defendem esse direito: «Afinal, a casa de penhores tem sido uma espécie de pára-raios...»; «Chegamos a guardar as coisas aqui durante quatro anos, quando a lei «manda» três meses: ao fim de 90 dias podíamos mandá-las para leilão...»; «Somos fieis depositários de coisas roubadas, e temos aqui objectos há mais de quarenta anos, porque os tribunais não resolvem»; «Julgam que ganhamos muito? Por cada leilão temos de pagar mil escudos ao pregoeiro...»; «Açam que fazemos batota? Somos obrigados a ter um livro selado».

— Você está metido neste negócio há muitos anos. Conte-nos um caso interessante que se tenha passado na sua loja...

— Olhe, uma coisa que me impressionou bastante, foi uma vez um homem que aqui veio empenhar o fato. O desgraçado saiu lá para fora em cuecas. Não me lembro de mais nada em especial...





CINE/PONTO

OS GLADIADORES DO SÉCULO XXI
 de Norman Jewison
 (USA-1974)

Ficção científica com grandes meios, uma ideia original (a concepção do jogo «Rollerball») e muita inconsequência, muito simplismo. Vagamente inquietante aqui e ali mas apenas morno na quase totalidade do percurso. **Os gladiadores do século XXI** é um bom exemplo de como não são os meios que fazem o cinema mas sobretudo a imaginação e o rigor na manipulação dos materiais. Rigor que aqui não há.

Cinemas S. Jorge e Star
 (não acons. men. 18 anos)


PERFUME DE MULHER
 de Dino Risi
 (Itália-1974)

O «macho» italiano em tempo de refluxo. Uma história de solidão que quer ser superada por uma saborosa agressividade. Um falso happy-end em que, por uma vez, o «homem-latino» cai nas malhas da mulher-amante (e até porventura amada), para o que der e vier. E disso o filme não fala. Vittorio Gassman insuperável numa personagem estranha e fascinante. O malogrado Alessandro Momo a provar que poderia ter sido um actor, no futuro que não existiu. Uma tragédia exemplar.

Cinema Apolo 70
 (não acons. men. 13 anos)


MEU DEUS AO QUE EU CHEGUEI
 de Luigi Comencini
 (Itália-1974)

O melodrama de costumes, tão caro ao cinema italiano, dado com uma suplementar carga ideol-

ógica: a retórica d'annunzianista em ambiente fim-de-época, começo de algo. O que começou foi o fascismo.

Requinte nos **décor**s e no guarda-roupa, rigor numa estética de distanciamento, trabalho de actores a condizer (quem não gosta de Laura Antonelli?), espectáculo sabiamente doseado como o humor, a relevar de uma sublime e corrosiva ironia.

Cinema Império
 (não acons. men. 18 anos)

A TRAGÉDIA DE UMA TELEFONISTA
 de Dusan Makavejev
 (Jugoslávia-1967)

Um pequeno **fait-divers** (uma telefonista, casada com um obscuro funcionário, cai na breve tentação da infidelidade e acaba assassinada acidentalmente pelo marido) serve a Makavejev para prosseguir no seu caminho de desmontagem dos mecanismos afectivos (logo, políticos) do quotidiano.

Um filme ainda não corrosivo, apenas irónico, lúcido e terno, a anunciar porém, a obra máxima do autor, **W.R. — os mistérios do organismo**.

Cinema Quarteto-Sala 3
 (não acons. men. 13 anos)

NÚMERO DOIS
 de Jean-Luc Godard
 (França-1975)

O **recomeço**. **Número dois** ou o princípio do caminho após o cinema americano, a destruição das convenções, a morte do cinema, Maio, os filmes militantes.

Cinema breve, de família, quase pateticamente confessional, lúcido, cansado. Com uma estética dez anos à frente, como de costume.

Godard à beira do dilúvio, o esforço desesperado de um homem com uma imensa vontade de dizer e já quase sem saber como encontrar a forma justa. Apaixonante.

Cinema Universal
 (interdito a men. de 18 anos)

CABEÇAS CORTADAS
 de Glauber Rocha
 (Espanha/Brasil-1970)

Glauber Rocha amputado do Brasil é um talento fervilhante sem objecto. **Cabeças cortadas**, rodado em Espanha, é o espelho desse talento onde se acumulam influências vindas do fim do mundo da cultura, de Hamlet às meladas canções espanholas, dos santões nordestinos à mitologia popular. **Cabeças cortadas** é ainda o corolário inevitável do forçado apatridismo de Glauber, daí este convocar frenético de referências, este esteticismo por vezes belíssimo, esta imensa acumulação confusa, inconsequente, finalmente inútil.

Cinema Universal
 (não acons. men. 13 anos)

O HOMEM QUE QUERIA SER REI
 de John Huston
 (G.B.-1975)

Dos confins da lenda, da gesta, de uma memória imaginária, nasce este filme de Huston sobre texto de Rudyard Kipling.

Parábola do colonialismo (e não só inglês), **O homem que queria ser rei** é ainda o retomar fílmico de algumas constantes do melhor cinema americano, do **western** ao filme negro, da mitologia dos espaços perdidos ao percurso circular e fatalista. Huston afirma que esteve para rodar este filme, há muitos anos com Bogart e Gable. Não custa a acreditar.

Cinema Monumental
 (não acons. men. 13 anos)

EXIBIÇÃO
 de Jean-François Davy
 (França-1975)

Um senhor de nome Davy pega numa estrela do cinema pornográfico e diz que vai fazer com ela um documento. Paga-lhe metade do habitual, ela debita um discurso inenarravelmente mistificador e reaccionário (que Davy filma passivamente) e, «nos intervalos», vai executando algumas cenas **hard**, só! rademonstração, está visto...

Um filme porno sem coragem para ser apenas um filme porno e a fazer-se ao **ociológico** é a coisa mais nefanda do mundo. Este exemplo.

Cinema Estúdio 444
 (interdito a men. 18 anos)



Que viva Chaplin!

Esta semana o homenzinho de andar de pato, bigodinho rectangular, chapéu de coco, fato de cerimónia e bengalinha, Charlot de seu nome, vai manter-se na sala da Cinemateca, ali nos Restauradores, para gáudio de todos os que o puderem ir visitar.

O programa é como segue:

8 de Novembro — **A quimera do ouro** (1925)

9 de Novembro — **Luzes da cidade** (1930)

10 de Novembro — **Tempos modernos** (1935)

11 de Novembro — **Luzes da ribalta** (1952)

12 de Novembro — **O grande ditador** (1940)

As sessões às 15, 18 e 21h pela módica quantia de 5\$00 e convém adquirir os bilhetes amanhã cedo pois estas exhibições costumam na generalidade (e felizmente!) esgotar.

E perfeitamente supérfluo dizer ao leitor-cinéfilo para ir a correr ver ou rever estes filmes.

O nome de Chaplin e do seu personagem Charlot são de há longa data dos mais populares do cinema e por isso quaisquer adjectivos são inúteis. Muita gente tem aproveitado os seus filmes para os mais variados fins: a comissão McCarthy, por exemplo, usou-os para afirmar que Chaplin era um «perigoso vermelho». E, já agora, uma história curiosa passada o ano passado numa Escola Preparatória da região de Lisboa: certo sacerdote católico, professor de Religião e Moral, passou um dia na sua aula alguns «curtos» de Charlot em 8 m/m. Vinte minutos de alegria nos miúdos de 10, 11, 12 anos, gargalhadas a cada pontapé; finda a exibição, abertas as cortinas, o referido sacerdote, com os miúdos «na mão» à custa de Chaplin, afirmou-lhes que aquele senhor pobrezinho e engraçado não era nada daquilo que eles tinham visto, não senhor! Era um senhor que vivia no máximo luxo, tinha muito dinheiro, levava uma vida depravada com os seus diversos casamentos, era um comunista, enfim, era um sujeito muito pouco recomendável.

Charlot também serve como tóxico, como estão aver, desde que «devidamente» aproveitado. Por estes dias, portanto, a Cinemateca é um sítio de obrigatoria paragem. A não esquecer.


A FLAUTA MÁGICA
 de Ingmar Bergman
 (Suécia-1974)

A ópera de Mozart encenada e filmada por Bergman. Todo o fascínio do teatro enquanto espaço de artificialidade cúmplice e uma técnica cinematográfica que lhe aumenta as hipóteses sem contudo o violar no seu estatuto próprio.

Sem gordas matronas nem maduros cinquentões a fingirem de jovens, mas como jovem a fingirem de personagens **A flauta mágica** é a demonstração que a ópera não releva da poeira e dos fraques mas pode ser um momento de beleza e alegria.

Cinema Londres
 (não acons. men. 13 anos)

O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
 de Nagisa Oshima
 (Japão/França-1975)

Que não há estéticas, ou géneros, ou cenas menores, vem este filme de Oshima prová-lo

num campo onde a fancaria e o oportunismo guloso têm dominado: o erotismo.

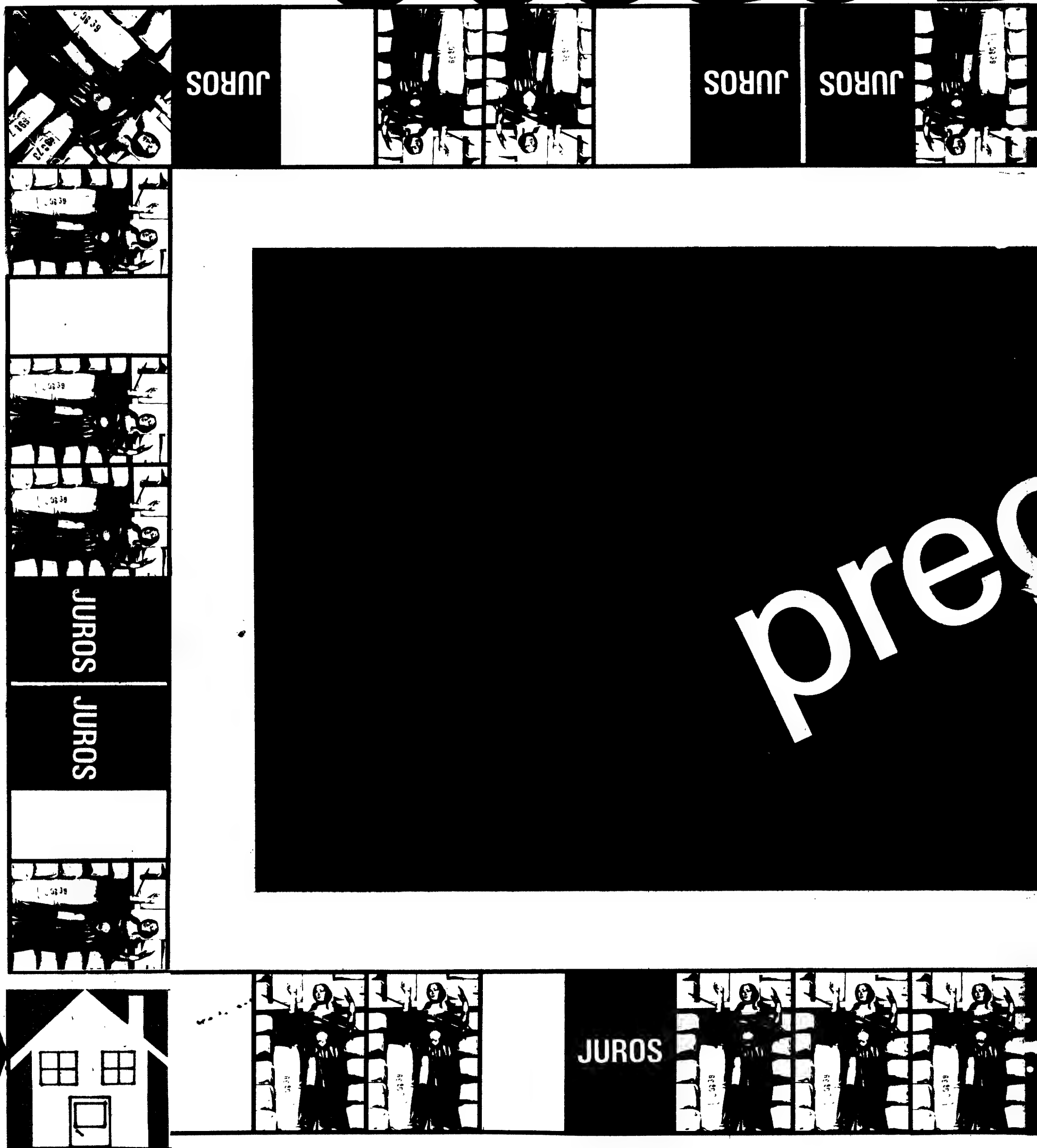
Filme em que o amor e a morte dão as mãos, onde se avança para o local exemplar dos últimos paroxismos da paixão, **O império dos sentidos** é ao mesmo tempo o filme erótico mais perfeito do cinema e a única forma de Oshima continuar a rodar filmes.

Cinemas: Caleidoscópio, Estúdio e Quarteto
 (interdito a men. 18 anos)



(cartaz dos cinemas de Lisboa na pág. 6)

O JOGO D



A CASA
DA
MARI-
QUINHAS

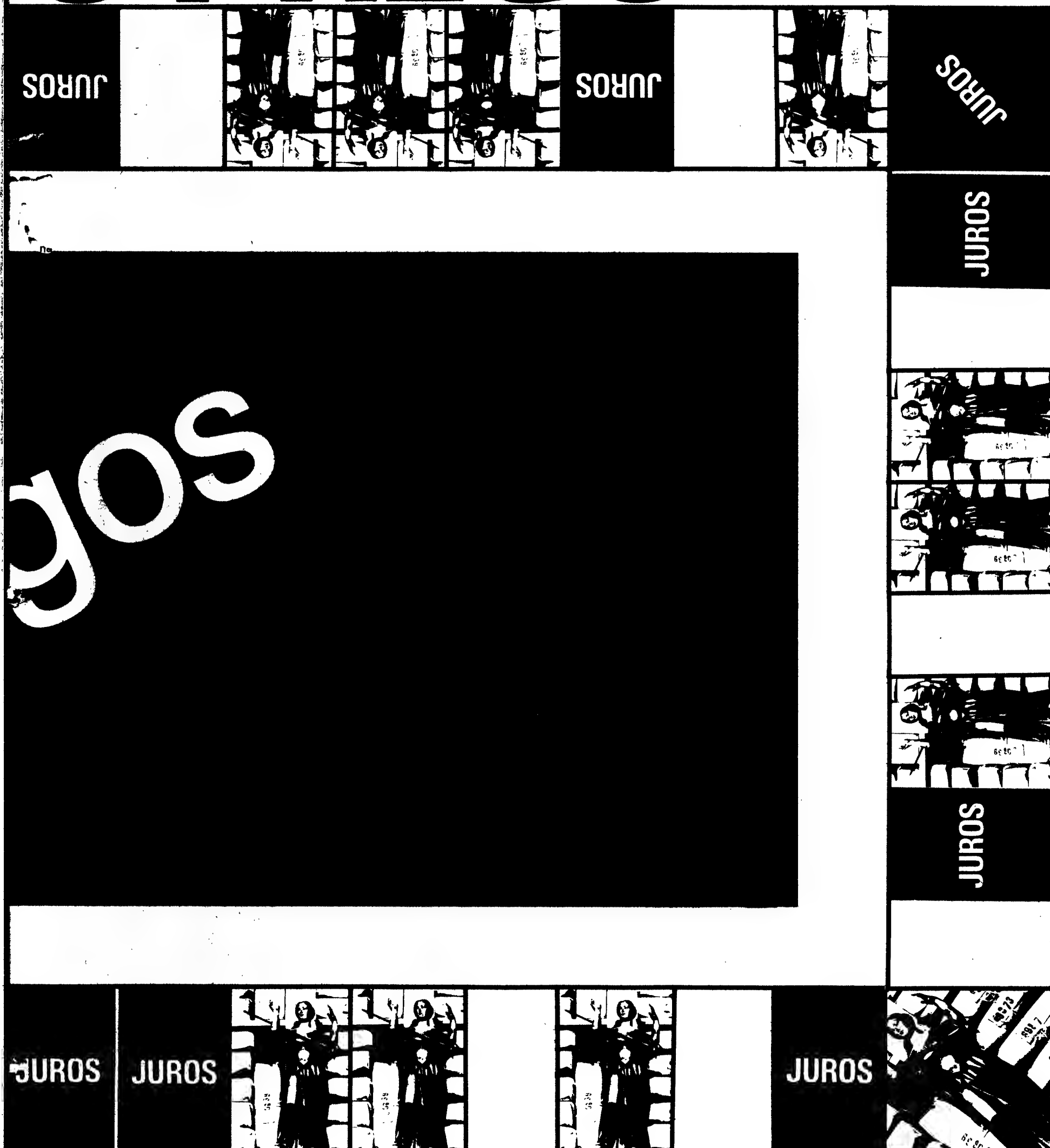
INSTRUÇÕES:

AS REGRAS DO JOGO

1. Este jogo só deve ser jogado com pregos.
2. No rectângulo central é colocada uma mão-cheia de pregos (muitos) para permitir o movimento «comercial» que o ritmo do jogo impõe. Como se verá.
3. Cada concorrente empenha 5 (cinco) objectos pessoais à sua escolha (ex: relógio, caneta, peúga, sapato, camisa, calças, cinto, gabardine, isqueiro, ou quaisquer outras coisas). Os objectos são

- colocados sobre a mesa.
4. O objectivo será desempenhar a Mas isso só pode começar a ser feito no momento em que o concorrente tiver colocado, pela primeira vez, 15 (quinze) pregos.
5. Por cada objecto, entretanto colocado sobre a mesa, cada concorrente retirará do «monte» 4 (quatro) pregos, o que perfaz um total de dez pregos por partida, por cabeça.
6. Por cada objecto que pretender desistir o concorrente pagará 4 (quatro) pregos

DO PREGO



as «coisinhas».
ito, a partir do
conseguido
pregos.

da sobre a
monte» 2 (dois)
pregos à

empenhar,
s, que coloca

no «monte».

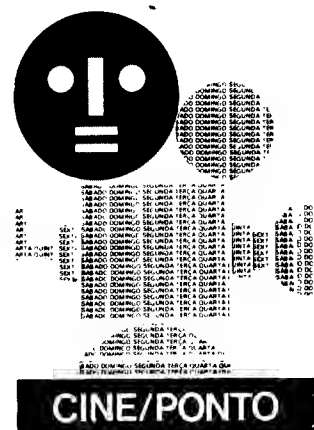
7. Lança-se um dado, e o concorrente avança (a partir da Casa da Mariquinhas) o número de casas que lhe couber. Quando «cair» numa casa de juros, terá de pagar dois pregos; sempre que «cair» numa casa da Senhora do Prego, pode retirar um do «Monte»; de cada vez que passar na «Casa da Mariquinhas» (mesmo que não tenha lá «Caído») recebe 2 (dois) pregos.

8. Quando um concorrente «cair» numa casa de juros e não tiver meios para pagar os dois pregos, é

signal que estoirou. Quer dizer, sai do jogo. Perdeu.

9. O jogo só termina quando um dos concorrentes conseguir desempenhar todos os seus objectos. Este será o vencedor (os concorrentes podem assentar num prémio).

Note bem: Alguns concorrentes terão tendência para desempenhar tudo o que puderem assim que conseguirem juntar os primeiros quinze pregos. A prática talvez os faça mudar de atitude: é que, às tantas, puderão «cair» sucessivamente em casas de juros e não terão pregos para pagar ao agiota...



ALVALADE

«As Férias Grandes» (M/6)
Com Louis de Funes
Sessões 15.30, 18.30 e 21.15h



APOLO 70

«Perfume de Mulher» (M/13)
Com Vittorio Gassman, Alessandro Momo e Agostina Belli
Sessões 14, 16.30, 19 e 21.15



AVIS

«Bobby» (M/13)
Com Kismi Kapoor e Dimple Kapadia
Sessões 15.15, 18.15 e 21.15h

BERNA

«Spartakus» (M/10)
Um filme de Stanley Kubrick.
Com Kirk Douglas, Laurence Olivier, Jean Simmons e Charles Laughton
Sessões 15.15, 18.15 e 21.15h

CALEIDOSCÓPIO

«O Império dos Sentidos» (M/18)
de Nagisa Oshima
Sessões 14, 16.30, 19, 21.15h

Castil
— «Um amor como o nosso» (M/18)
um filme de Andrée Marchand
sessões 15, 17, 19 e 21.15 h

CINEARTE

Sábado e domingo «Sétima Alvorada» (M/13)
Segunda e terça «O Vigilante» (M/18)
Quarta e quinta «Malícia de Vénus» (M/18)
Sexta «Vício de Matar» (M/18)
Sessões às 15.15 e 21.15h
Todos os dias às 18.15:



«Garganta Funda» (M/18)

CINEBOLSO

«Loucuras Porno» (M/18)
Sessões 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30h

CONDES

«Ouro» (M/13)
Com Roger Moore, Susannah York, Ray Milland e John Gielgud
Sessões 13.30, 16.15, 19 e 21.15h

EDEN

«Fogo Real» (M/18) realização de Ramesh Sippy
Com Dharmendra, Sanjeev Kumar e Hema Malin
Sessões 14, 16.30, 19 e 21.15h

ESTÚDIO

«O Império dos Sentidos» (M/18)
De Nagisa Oshima
Sessões 15.30, 18.30 e 21.15h

ESTÚDIO 444

«Exibição» (M/18) realização de Jena-François Davy
Com Claudine Beccaire
Sessões 14.30, 16.45, 19 e 21.15h

IMPÉRIO

«Meu Deus ao que eu cheguei» (M/18) filme de Luigi Comencini
Com Laura Antonelli
Sessões 15, 18.15 e 21.15h

JARDIM

Sábado «Mr. Majestik» (M/18)
Domingo «O Regresso da Pantera Cor-de-Rosa» (M/6)
Segunda «John sem lei» (M/18)
Terça «Os contos de Canterbury» (M/18)
Quarta «O Homem de Ferro» (M/18)
Quinta «Frankenstein» (M/13)
Sexta «Barcelona Kill» (M/18)
Sessões 15.30 e 21.15h

LONDRES

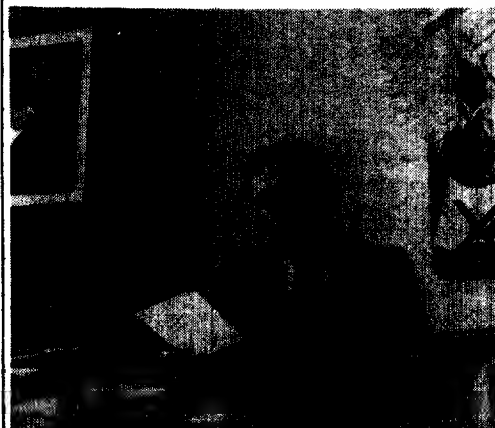
«A Flauta Mágica» (M/13)
Sessões 14, 16.30, 18.45 e 21.15h

MONUMENTAL

«O Homem que queria ser rei» (M/13)
Com Sean Connery e Michael Caine
Sessões 14.45, 18.15 e 21.15h

MUNDIAL

«Como, quando e com quem?» (M/18)
Um filme de António Pietrangeli
Com Philippe Leroy, Horstbuchholz e Daniel Gaubert
Sessões 15.30, 18.30 e 21.15h



NIMAS

«Chove em Santiago» (M/18)

Com Jean-Louis Trintignant, Annie Girardot, Bibi Anderson e Laurent Terzieff
Sessões 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15h

ODEON

«O Pecado serve-se quente» (M/18)
Com Senta Berger, Maurizio Arena, Erika Blanc e Bruno Zann
Sessões 15.15, 18.15 e 21.15h

OLIMPIA

Sábado e domingo «O Filho de Zorro» (M/13)
Segunda a sexta «Caras ou Cruzes» (M/18)
Sessões permanentes a partir das 14.30h

PATHÉ

«Aiana» (M/13)
Um filme de K. Balachander
Com Muntaz e Rajesh Khanna
Sessões 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15h

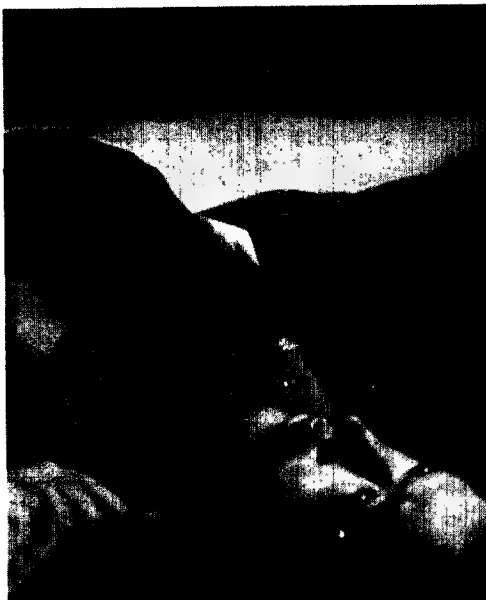
POLITEAMA

«Prostituição Clandestina» (M/18)
Um filme de Alain Payet
Com Claudine Beccarie e Christine Chire
Sessões 14.15, 16.30, 19 e 21.30h

Quarteto

Sala 1
«Queremos os Coronéis» — (M/18) sessões 21 e 23 h

Sala 2
«Os Malditos» — (M/18) realização de Luchino Visconti sessões 14.30, 17.30, 20.30 e 23.15



Sala 3

— «Império dos sentidos» — (M/18)
Sessões 15, 17, 19, 21.15 e 23 h

Sala 4

«Mulher da Rua» — (M/18) realizado por Martin Scorsese sessões 15, 17, 19, 21 e 23 h

ROXY

«Jerry Primeiro Turista no Espaço» (M/6)
Realização de Normantaurog
Com Jerry Lewis, Joan Blacman e Earl Holliman
Sessões 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45h



ROMA

«A Rapariga da Orquídea» (M/18)
Um filme de Patrice Chereau
Com Charlotte Rampling
Sessões 15.30 18.30 e 21.15h

S. JORGE

«Rollerball» (M/18)
Um filme realizado por Norman Jewison
Com James Caan
Sessões 15.15, 18.15 e 21.15h

SATÉLITE

«Mariage (Matrimónio)» (M/13)
Um filme de Claude Lelouch
Com Bulle Ogier Rufus
Sessões 15, 17, 19 e 21.15h



STAR

«Rollerball» (M/18)
Um filme realizado por Norman Jewison
Com James Caan
Sessões 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15h



Tivoli

«20000 Léguas Submarinas» — (M/13) um filme de Richard Fleischer com Kirk Douglas, James Mason, Paul Lukas e Peter Lorre sessões 15.15, 18.30 e 21.15

VOX

«Os Teatros Eróticos de Paris» (M/18)
Com Claudine Beccarie e Eileen Earl
Sessões 14.15, 16.30, 19 e 21.15h

Sessões da meia-noite

APOLO 70

Sábado — «O Final do julgamento» — (18)
Domingo — «Frankenstein» — (M/18)
Segunda — «Grandes batalhas em camas fofas» — (M/18)
Terça — «A noite do pecado» — (M/18)

CASTIL

Sábado — Antestreia
— «A Lei do sexo» — (M/18), um filme de Charles Ferrer

EUROPA

Sábado — «Os gloriosos malucos das máquinas voadoras» — (M/10), com Alberto Sordi e Sarah Miles

CINEARTE

Sábado — «Paulo, o quente» — (M/18), com Giancarlo Giannini e Rossana Podesta

LUMIAR

Sábado — «No cume do pânico» — (M/18)

PARIS

Sábado — «O Padrinho de Harlem» — (M/18)

PATHÉ

Sábado — «Aaaina» — (M/18), um filme de K. Balachander

STAR

Sábado — «O regresso da pantera cor-de-rosa» — (M/6), com Peter Sellers



A falar calão é cagente se entende

A vida do leitor está recheada de coisas triviais. Um dia destes, para sair da rotina, dá-lhe na gana assaltar um banco. E depois? Há detalhes de última hora para tratar à mesa do café, na rua ou no eléctrico: o nome do banco, as horas do assalto, a aplicação do dinheiro. Como é que o leitor, desde pequenino habituado a falar sem erros a escrita de Camões, se pode meter nisto sem ser descoberto por velhas alcoviteiras ou polícias de giro? No seu próprio interesse, aprenda calão: meta a mixa na drófia e desengome o carpinteiro. À cautela, leve uma fusca e uma matraqueta e deixe cá fora um roda e um bote-bomba.

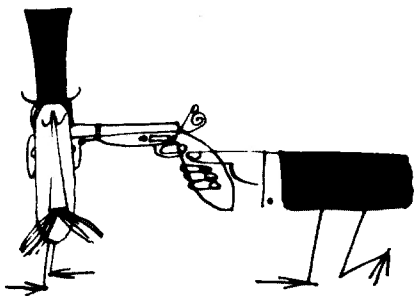
As últimas recomendações vêm-las em calão, porque o calão é a alma do negócio. Se o leitor não for capaz de falar assim, desista já do projecto e volte à rotina: trabalho-casa-jantar-chichi-cama.

Entretanto, é preciso dizer que o calão não está necessariamente ligado às maldades que se praticam nesta terra. As maiores vigarices têm sido praticadas por quem do calão não lhe conhece a pinta.

Assumimos o risco de nos atirarem com o dramaturgo Zé Maria Relvas à pinha, mas temos de dizer que o calão é responsável por algumas das melhores peças literárias fabricadas em Portugal. São mesmo conhecidos casos de escritores que se achantraram no calinas e depois deram-no à morte.

Falar calão, é dar conversa a um milhão de portugueses (Confúcio). No entanto, e apesar de tudo, o calão é menos divulgado que o esperanto e, nos menus dos restaurantes (salvo uma ou outra tasquinha de Alfama) chega-se a chamar «coc au vin» à galinha em vinhas.

A seguir, numa homenagem imprópria e incompleta ao calão (que o leitor terá de aprender) oferecemos-lhe bocas ouvidas na baixa lisboeta e que traduzimos mais adiante para os iniciados melhor entenderem.



Estava um terno de choras numa montada, quando uma geada subia para a gaiola. Desengomaram-lhe a caldeira, comendo-lhe um guizo com três pintores, e foram fazer a partilha num bebedouro da Figueira. (aí registou-se a seguinte conversa)

— Não tenho mordido por aí o Pintado

— Não admira, o gajo foi de saco há um mês por ter sido chibatado quando metia uns grilos ao intruja, que tinha comido duma ostra que foi feito de bote.

— E quem o deu à morte?

— O rodas, que é um grande mangas. Este gajo já me deu uma banhada para meter a gaita no cú da galinha que tem a atacar no bife. (entra o terceiro na conversa)

— Meti a mixa na drófia, desengomei e achantei-me com a sorna que o geada tinha no coime. (chega um quarto indivíduo que anuncia)

— Tinha aí um carpinteiro para comer mas precisa de arranjar um rodas capaz de comer um bote-bomba para fazer o trabalho. Aquilo é certo pois tenho mais três pintas com duas fuscas e uma matraqueta e

guita para comprar umas gaitas que são precisas para o estrafo.

Já dei umas goelas a uns gajos certinhos mas disseram-me que já estão muito manjados e querem abrir com urgência para a estranja, não

lhes interessando continuar aqui porque podem ser feitos sem esperar.



"TRADUÇÃO"

Estavam três carteiristas numa paragem de eléctrico, quando uma velha subia para ele. Abriam-lhe a carteira e furtaram-lhe o porta-moedas com 300 escudos, indo fazer a partilha num café da praça da Figueira.

Aí registou-se a seguinte conversa:

— Não tenho visto o Pintado

— Não admira, pois ele foi preso

há um mês por ter sido denunciado quando vendia relógios ao receptador, os quais tinha furtado de uma montra, operando com automóvel. — E quem o denunciou?

— O condutor, que é grande malandro. Este indivíduo já me enganou numa conta para dar dinheiro à prostituta que tem a exercer a actividade no Bairro Alto.

(entra o terceiro na conversa)

— Meti a chave na fechadura, abri a porta e apoderei-me do ouro que o velho tinha em casa.

(chega um quarto indivíduo que anuncia)

— Tenho aí um banco para assaltar, mas precisava de arranjar um motorista capaz de furtar um carro potente para se fazer o trabalho. Aquilo é garantido, pois já tenho mais três companheiros com duas pistolas e uma metralhadora, e dinheiro para comprar walkies-talkies que são necessários para o trabalho.

Já telefonei a uns rapazes fixos mas eles disseram-me que querem fugir com urgência para o estrangeiro por serem muito conhecidos e andarem sob vigilância não lhes interessando continuar por aqui pois estão na iminência de ser presos.

"DICCIONARIO"

Choros: Carteiristas.

Montada: Local de actuação (neste caso paragem de eléctrico).

Geada: Velha.

Gaiola: Eléctrico.

Desengomar: Abrir.

Caldeira: Carteira.

Comer: Furtar ou tirar.

Guizo: Pora-moedas.

Pinto: Nota de cem escudos.

Bebedouro: Café ou taberna.

Mixa: Chave.

Drófia: Fechadura (por vezes a própria porta).

Desengomei: Abri.

Achantar: Ficar com, apoderar-se.

Geada: Velho.

Sorna: Objectos de ouro.

Coime: Casa.

Mordido: Visto.

Saco: Prisão.

Chibatado: Denunciado.

Grilos: Relógios.

Intruja: Receptador.

Comido: Furtado.

Ostra: Montra.

Bote: Automóvel.

Rodas: Condutor de automóvel.

Mangas: Malandro (mais propriamente - Sacana).

Da morte: Denunciar.

Banhada: Enganar (especialmente quando nas partilhas).

Gaita: Dinheiro.

Cú: Cú (Meter no cú - dar a...).

Galinha: Amante.

Atacar: Actuar, exercer a actividade.

Bife: Bairro Alto.

Carpinteiro: Banco

Comer: Furtar-Assaltar.

Rodas: Motorista.

Bote-Bomba: Automóvel de grande potência.

Certinho: Garantido.

Pintas: Companheiros de actividade delituosa.

Fuscas: Pistolas ou revólveres.

Matraqueta: Metralhadora.

Guita: Dinheiro.

Gaitas: Transmissores por rádio.

Estrafo: Trabalho, Operação.

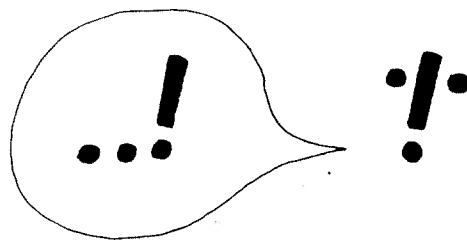
Goelas: Telefone, neste caso, telefonemas.

Manjados: Conhecidos.

Abriu: Fugir.

Estranja: Estrangeiro.

Feitos: Presos.



O intruja foi-se aos molhos

Esta é a história dramática de um jovem preso por roubo e condenado a quatro anos de cadeia no forte de Monsanto. Ele acaba de sair do «chapéu de coco» e conta como foi:

Fiz um mosco em Alcântara, mas o intruja foi-se aos molhos e a bófia deu-me a cana quando saía do nimas. Depois, fui para o zé-nega, o toga puxou-me a manta e deu-me quatro chagas. Estive de saco no chapéu de coco e saí ontem de bola. Mas quando estive de saco, arranjei uma agá que me levava a jarda todos os lúzios.

"TRADUÇÃO"

Cometi um furto em Alcântara, mas o receptador a quem vendi o produto do roubo abriu-se com a Polícia e esta prendeu-me quando saía do cinema.

Depois quando fui para o julgamento, o juiz fez-me cair em contradições e confessar, condenando-me a quatro anos de prisão. Estive preso no forte de Monsanto e saí ontem em liberdade.

Mas quando estive na prisão, arranjei uma rapariga (amante) que me levava comida todos os dias.

"DICCIONARIO"

Mosco: Furto

Intruja: Receptador

Bófia: Polícia de investigação

Cana: Prisão

Nimas: Cinema

Zé-nega: Julgamento (por vezes, também, o interrogatório policial)

Toga: Juiz (aqui o calão é suave, pois habitualmente empregam-se expressões pejorativas, a mais amável das quais é «capado»)

Puxar a manta: Confundi-lo a ponto de admitir a culpa

Chagas: Anos de prisão

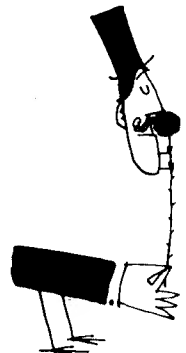
Saco: Prisão (equivalente a cana)

Chapéu de Coco: Forte de Monsanto (nome sugerido pelas linhas do estabelecimento prisional)

Bola: Liberdade

Agá: Rapariga (normalmente prostituta)

Jarda: Comida (importante: Jarda ou Balúrdio, é também o produto de um furto).



Um balúrdio pela surra

Há agora aí um chavalo para terceirar que tem uma grande pala de guita. Já fiz com ele um otário de 50 brasas e na partilha até lhe dei uma banhada e o mangas nem acusou o toque, pois abri o balúrdio às escondidas e ele nem cheirou. Assim estou orientado e vou arranjar uma capa para abrir para o Brasil. Já estou a ficar manjado pela bófia que qualquer dia chapa com o meu filme nas trombas de algum otário fuleiro e lá vou de saco.

"TRADUÇÃO"

Há aí um rapaz novo para associar que tem muito jeito para impingir as histórias do vigário que levam os incautos a cair na esparrela. Já fiz com ele uma burla (tipo conto do vigário) que rendeu 50 contos e na divisão enganei o rapaz (sócio) que não deu por nada pois abri (contei) o dinheiro às escondidas e ele não tocou. Agora que tenho bastante dinheiro vou arranjar um passaporte pois estou a ser notado pela Polícia mostra a minha fotografia (do arquivo policial) a alguma vítima (de conto do vigário) balúrdio e lá vou preso.

"DICCIONARIO"

Chavalo: Rapaz novo

Terceirar: Associar

Pala de guita: Conversa para impingir a «história»; Conversa cheia de artimanhas e com variantes a adaptar às diferentes reacções da vítima a quem se pretende extorquir os valores, jogando-se sempre com o espírito de ganância desta, pois sem a ambição desmedida e por vezes desonestidade da vítima, o vigarista não alcança êxito).

Otário: Vítima do conto do vigário e por extensão a própria operação.

Brasas: Contos (milhares de escudos)

Banhada: Engano em que se prejudica os próprios comparsas

Mangas: Malandro

Balúrdio: Produto da burla, também usado quanto a furtos

Surra: Pela calada, às escondidas

Cheirar: Ver ou notar

Orientado: Abonado

Capa: Passaporte (só quando é falso)

Abriu: Fugir

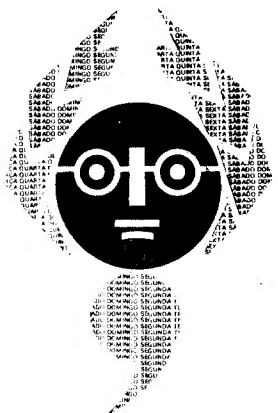
Manjado: Conhecido; notado

Bófia: Polícia de investigação criminal

Chapar: Mostrar

Filme: retrato (fotografia de arquivo)

Fuleiro: Mau Vigarista



aPONTO e virgula

RUI NUNES

"SAUROMAQUIA"

«Sauromaquia» de Rui Nunes já não é uma estreia. Nem sequer representa uma ruptura com a novela anterior «As Margens» — quer a nível de linguagem quer de centros temáticos (obsessões, de preferência). É uma viagem à procura do lugar. Muitos sítios se sucedem de abrupto. A surpresa: se a palavra não estivesse já esvaziada de conteúdo, diríamos estar em presença de um livro autenticamente pornográfico. Também o sexo e a «ralação» estabelecida é incomunicabilidade. O facto de existirem personagens de se assumirem como personagens — diálogos atravessados em que a deixa do dialogante — um se confunde com a afirmação do dialogante — dois e o imaginário do três (o próprio autor) com os outros. Três discursos se manifestam na acção que não se socorre dos limites para se tornar compreensível. Os três discursos não são coincidentes: são simultâneos. Suportá-los é assumi-los. Só assim é possível que todas as fugas, o provisório, a palavra/gesto como facto consumado (nela se condensa a inutilidade — e a descrença — no discurso) redimem no «Vou matar-me. Toda a gente se ri de mim» que fecha o livro. Mas só o discurso sustenta «Sauromaquia». Rui Nunes é um retórico — no sentido alto de um «modus».

Romance do fragmento pelo que recusa do previsível, de um lado encontramos «a mitologia de sair», «este quarto de hotel é provisório», «meu pai começou a desaparecer ficando distante como todos os mortos», «o herói do romance que escrevo diria: fujo para o país que me pertence; eu digo: para o país que invento». Do outro lado, a «nova» face do livro: «acabou o fascismo, ouviu? acabou, e distanciaste-te, e da tua distância foi surgindo a voz do locutor tornando mais verde a luzinha do rádio, não me lembro já das palavras exactas, deviam ser exactas porque eu tinha frio e a casa olhava à minha volta e foi primeiro baixinho que murmurei: estou feliz». Que fique como salvador instantâneo — a Revolução: aqui conjugação do(s) discurso(s). E ponto assente: o intelectual e o texto que é. A máscara. Rui Nunes: «Por todo o lado por onde

peregrinámos, onde aprendemos a morrer, onde nos preparamos para morrer. Amanhã saberemos se Valeu a pena tão longa aprendizagem (...) Passei por todas as malhas, da Gestapo, da PIDE, por todas as denúncias e todos os interrogatórios, fui todos aqueles que sofreram e não fui nenhum. Agora que estou tão lúcido a uns milhares de quilómetros de ti, vou matar-me».

Para lá de um romance de amor que em cada página se desacredita e violenta enquanto amor, o problema do intelectual-o-texto-que-é (a máscara) mantém-se. Agora cada vez mais pertinente.

Se olharmos em redor, somos forçados a admitir que só o discurso de direita não descarta da sua consistência e da sua persistência. A sua reflexão não recusa o Poder. Reflete-o. E o discurso de esquerda até hoje só tem podido recusar o Poder. E aqui diremos — sem escândalo, pensamos — que o discurso de Eduardo Lourenço, por exemplo, é ambíguo e muito perigoso porque fascinante.

E no intelectual português o discurso de esquerda não funcionou em termos de alternância. Mas em termos de absoluto. Hoje o intelectual — afirma — fui feliz com a Revolução. Mas um passado de recusa faz-lhe falta. A escrita criadora, a escrita de ruptura, escasseia. Sem cinismo, sem má consciência, a esterilidade do intelectual (olhem para a nossa actividade editorial exemplarmente no campo da ficção) ressent-se da incapacidade de cortar com o passado (não esqueçá-lo, como é óbvio), com as estranhas relações do carrasco e vítima.

Rui Nunes publica um livro pós-25 de Abril. Oferece chaves. Talvez a fechadura não lhe (nos) importe. Como diz em epígrafe, em fim de acta assinado por filósofo de sua estima e cabeça (soren kierkegaard) — «salvei-me, escrevendo».

E o livro (edição da Parceria em autogestão) fecha sobre nós, cruel e obscuro — «a impossibilidade de qualquer opção: ou a revolta ou a crença ou os outros».

Livro para ler. Com urgência. Como sinal de alarme para a criação, para a linguagem: o pós-25 de Abril. Provavelmente, a incapacidade de viver com e numa revolução que não seja ruptura. Possivelmente a urgência de um novo discurso, uma nova linguagem. Uma (também) revolução cultural.

R.R.

CAMILO

"CAVAR EM RUÍNAS"

Na aparência, um Camilo menor. Na aparência, digamos, e na realidade. Dúzia e meia de artigos «históricos e de história literária». Neste livro — diz Fernando Castelo Branco, numa nota preliminar — «o mais que se colhe, é um ou outro caso, um certo interesse informativo, para o leitor mais afastado de leituras históricas, podendo mesmo em alguns, embora raros casos, contribuir para o estudo de determinadas temáticas históricas». Ainda o autor da nota preliminar. «Em diversos dos artigos reunidos neste volume encontra o leitor um apreciável interesse humano, um valor psicológico digno de ser assinalado. São

narrativas que não pretendem esclarecer aspectos do espírito humano, revelando alguns casos notáveis pela complexidade, estranheza e até contradições nele existentes. A problemática histórica, a interpretação de figuras, acontecimentos, ou de questões históricas, são aspectos quase totalmente ausentes deste livro. Em contrapartida estas narrativas históricas são valorizadas — e bastante — pelo humor com que foram traçadas, o qual tem o mérito e muitas vezes a finalidade de fazer salientar o pitoresco intrínseco aos vários casos narrados». É a sétima edição de um livro que saiu pela primeira vez em 1867. Desde a terceira que está na colecção de Camilo, que a Parceria tem vindo a publicar desde que publica Camilo (presentemente sob a direcção de Jacinto do Prado Coelho). Como diz Fernando Castelo Branco, ainda: «Se este livro não faz subir a posição de Camilo como prosador (e noutro passo lembra-se que provavelmente o livro saiu para resolver ao autor dificuldades financeiras), também não põe em causa as suas qualidades literárias neste campo».



EUGÉNIO DE ANDRADE

"LIMIAR DOS PÁSSAROS"

Um livro novo, também para assinalar «trinta anos de trabalho» (genérico para diversas iniciativas culturais que festejaram de 22 de Outubro a 5 de Novembro poeta e obra no Porto). «Limiar dos Pássaros»: o título vem duma sequência textual publicada no primeiro número da revista «Nova» e de que os prelos do «Jornal do Fundão» fizeram depois uma privada edição de cinquenta exemplares em separado. Essa sequência é agora a primeira das três que integram o presente volume, edição da Limiar. As outras duas: «Verão sobre o Corpo» e «Rente à Fala». De «Limiar dos Pássaros»: «Escuta/ao frágil claridade que deixa a música/ao arder nas dunas/eu era dessa areia a luz precária/As crianças estão deitadas no outono/o sorriso é animal e miúdo/crescem não há dúvida entre os juncos/altos e devagar/Não chegarás nunca a dizer/como brilham lentas as maçãs/os gatos

se demoram nos joelhos/sem liberdade crescem as crianças//Esta noite iremos pela tarde/até às dunas/vai chover talvez a terra fique limpa/escreverei como as crianças brilham». De «Verão sobre o Corpo» (que é uma sequência de inscrições): — «Falo de um verão sobre o corpo, um ácido gravado na pele a minuciosa flor do centeio. E havia ainda outra música, porque a loucura e o sopro das estrelas equivalia-se. De ti para mim germinavam as águas». — De «Rente à Fala», os fragmentos 3, 4, 5 e 6: «A noite ao longe deve ser isso a noite/das pequenas lanças não dirias nada/ou só dirias «não eram as lanças eram folhas»/no chão caíam é certo folhas seriam/um riso que estala antes fora um pássaro/deve ser isso na sombra antes fora a noite/Esta terra de sol esta terra ainda é bem ela esta terra inocente/este corpo há que deixá-lo ser água/não é fácil separá-lo da luz/quase nua esta terra agora minha./Nós éramos como já disse e não vou recomendar/a bem dizer outra vez o riso das crianças./Invector a cor primeiro das laranjas/depois o sol escorrendo dos lábios/só depois o trevo só depois a neve.» Aos «trinta anos de trabalho», e logo a seguir a «Véspera da Água» (73) e «Obscuro Domínio» (71), «Limiar dos Pássaros». Eugénio de Andrade: um poeta (aos cinquenta e três anos) no seu mais alto esplendor.

POESIA A STENCIL

Numa altura em que contingências diversas tornam impossível a generalidade dos escritores portugueses colocar os seus originais nas casas editoras, começa a notar-se um fenómeno interessante, que já não é a habitual edição de autor (também ela praticamente impossível, dadas as despesas de tipografia que implica) mas o recurso a este tipo de edições feitas a stencil e as folhas agrafadas para proporções (aspectos) de livro, e às vezes nem isso. O caso presente, nem isso, deve assinalar-se. São as folhas impressas e ao alto agrafadas, tão só. Menor complexidade técnica só teria o manuscrito, ou o dactilografado mais três cópias ou quatro, tiradas a químico. Trata-se de textos poéticos de José Emilio-Nelson («esqui-fonético», título geral), Manuel Barroca e Fernando Souto (que não dão título genérico aos textos aqui reunidos. Os três conjuntos têm, por sua vez, outro título genérico: «Conhecer de mim o escrito, e não a mim». Não é a primeira vez que pelo menos Emilio-Nelson e Fernando Souto utilizam este processo para publicarem (?). Um observador desinteressado destas coisas mais ou menos secretas e marginais da por assim dizer vida literária há-de achar graça interessante a este tipo de edições. Para aqueles que escrevem e, naturalmente, consequentemente, gostariam de publicar, a extrema necessidade de recorrer a estes meios para tompar um insuportável bloqueio não terá (ou terá, é uma questão de humor) tanta graça assim. Por nós, observadores interessados da por assim dizer vida (ou cena) literária portuguesa é, com perplexidade e, logo a seguir, com cepticismo, que suspeitamos disto: às vezes em edições assim há textos melhores do que em muitos livros publicados por editoras credenciadas. Devemos estar atentos a estas coisas.

A falar calão é cagente se entende

Continuação da pag. 9

Tirou a mula do ataque

Tenho um mano com mixas em barda, limpo a desengomar e engomar drófiás, nas horas mortas. Só trabalha em capelas de órina e deixa a bófia a nadar porque o estrafoço parece feito da concha e assim não queima nada cá fora. Tem um intruja certinho que se aguenta com a jarda toda e entra logo com o pagântimos. Aquilo é um maná tão porreiro que já tirou a mula do ataque, sacou-lhe tudo de chaço e montou-lhe cortiço.

«TRADUÇÃO

Tenhum um amigo com muitas chaves (uma grande colecção) perito a abrir e fechar portas, nas horas de encerramento. Só actua em estabelecimentos de ourivesaria e deixa a polícia confundida, porque o furto parece ter sido cometido por alguém de dentro (empregado no estabelecimento) e, não havendo indícios de ter sido cometido por marginais, a Polícia seguirá pistas erradas, deixando estes em paz. Tem um receptor de confiança com capacidade para comen-

todos os artigos furtados, seja qual for a quantidade e paga tudo a pronto. aquilo dá-lhe tanto lucro que já tirou a amante da prostituição, levantou tudo quanto ela tinha empenhado e montou-lhe casa.

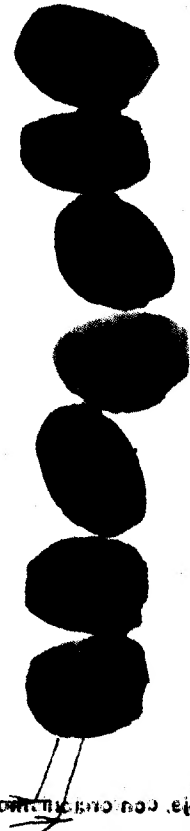
«DICCIONÁRIO»

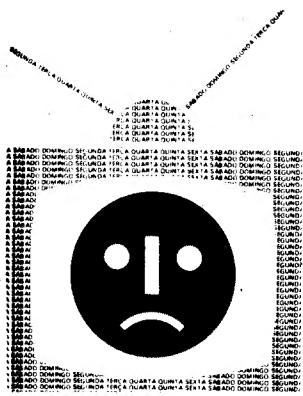
Mano: Amigo íntimo
Mixas: Chaves
Limpó: Habilidade; perito
Dsengomar: Abrir
Drófiás: Portas

Horas mortas: Horas em que os estabelecimentos estão fechados
Capelas: Estabelecimentos
Órina: Ouro; ourivesaria;
Estrafoço: Trabalho
Concha: Dentro; da parte de dentro
Queimar: Deitar; atirar; apontar para.
Certinho: de confiança
Jarda: Cômputo ou produto do furto (em certos casos, refere-se a comida)
Pagântimos: Dinheiro; o pagamento
Maná: Coisa muito boa (nem se poderá considerar calão). Muito rendosa, será a «tradução» correcta
Mula: Amante
Ataque: exercício da prostituição
Chaço: Penhorista
Cortiço: Casa; habitação

Aumente o seu vocabulário

Activa: Navalha
Baratinar: Intrujar
Calcantes: Sapatos
Cantante: Rádio
Chibatar: Denunciar (quando chibato é denunciante)
Chinar: Anavalhar
Enfrosquinar (ou abrir): Fugir
Enxurdar: Esconder (objectos roubados)
Estreito: Calças
Fancarelos: Calar; tomar cuidado (ex: «Põe-te a fancarelos», cala-te, toma cuidado)
Fugante: Pistola
Fuscaçar: Atingir com um tiro
Improstinar: o m. q. enfrosquinar ou abrir
Largo: Casaco
Mangas: Companheiro de actividades ilícitas; também serve para designar notivagos
Meio-pinto: Cinquenta escudos
Meio-saco: Quinhentos escudos
Moca (ou D. Maria, ou ainda Milana): Mil escudos
Mona: Cabeça
Papagaio: Jornal
Pintas: o m. q. Mangas
Pinto: O m. q. escudos
Ventoinha: Nota de vinte escudos



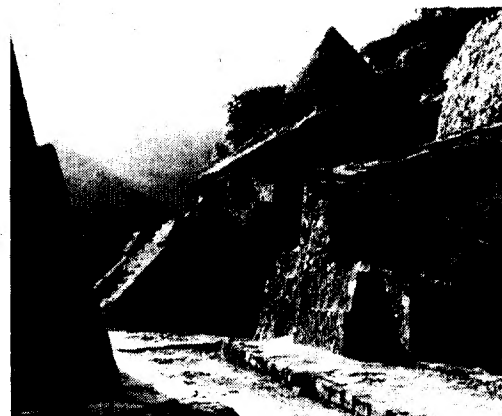


TV/PONTO

Sábado, 6

I PROGRAMA

- 14.02 Telejornal (1.ª edição)
(retrospectiva: balanço das competições desportivas da última semana)
- 14.30 A bela Mariana
(série filmada, com Walter Jokish e Hannelore Elsner)
- 15.00 Ida e volta
(trânsito: todos os dias há quem vá e não volte)
- 16.00 Janisik
(episódio de hoje: a dança dos montanheses)
- 16.50 Horizontes desconhecidos



(tão desconhecidos que pelos vistos nem a RTP sabia do que se tratava)

- 17.20 Botas de sete léguas
(uma oportunidade dada aos jovens, da última vez mal aproveitada: o noticiário tinha barbas)
- 17.50 Animação
(Vasco Granja no écran)
- 18.20 Segóvia em Los Olivos
- 19.20 Espaço 1999
(série científica: a lua é subitamente imobilizada no espaço perto de um planeta deserto e morto. A ver, pelos apreciadores do género)
- 20.30 Telejornal (2.ª edição)
- 21.30 Um homem, uma época
(Eugénio dos Santos)
- 22.30 Charles Trenet
(também teve a sua época)

II PROGRAMA

- 20.30 Telejornal (única edição)
- 21.30 Animação
- 22.00 Cinemateca
(quando os actores de cinema portugueses não falavam)
- 22.35 Pesquisando o Índico
(e fecho)

Domingo, 7

I PROGRAMA

- 12.32 Missa de domingo
(que Deus abençoe os programadores da RTP!)
- 13.10 O homem e a terra
(dedicado à fauna ibérica. Hoje, o falcão peregrino)
- 13.40 Desenhos animados
- 14.00 Telejornal (1.ª edição)
- 14.10 Mar Limiar
(as artes de pesca dos pescadores avieiros do Tejo: a ver)
- 14.45 «O Segredo da Irmã»
(bem guardado, na prateleira, este filme hoje vai preencher a rubrica cinema)
- 16.05 Haja saúde
(e títulos do tesouro)
- 16.25 Corpo humano
- 16.50 Cabeça, tronco e membros
(os «jogos sem fronteiras» à pequena escala nacional)
- 17.35 Heidi
(por favor, arranjem outras vezes!)
- 18.00 Miguel Strogoff
(série baseada na obra de Júlio Verne)
- 19.00 TV rural
(saberá Sousa Veloso que, bem ou mal, neste país há uma Reforma Agrária?)
- 19.30 Figuras do circo
(hoje, contorcionismo)

- 20.00 Teletutebol
- 20.30 Telejornal (2.ª edição)
- 21.30 O gesto é tudo
(já lá dizia o Zé Povinho)
- 22.30 Vidas perdidas
(inspirada na obra «Clayhanger», de Arnold Bennet)
- 23.30 Telejornal
(durma com a sensação de que nada há de novo neste país ocidental)

Segunda, 8

I PROGRAMA

- 18.30 Janela Grande
(programa infantil)
- 19.00 Abre-te Sésamo
(idem, idem)
- 19.30 Lamiré
(música e bailado)
- 20.00 Teledesporto
- 20.30 Telejornal (1.ª edição)
(as primeiras notícias do dia televisivo)
- 21.30 Teatro
(«A menina Júlia», de August Strindberg, produzido pela Radiotevisão Belga)
- 23.10 Telejornal (segunda edição)
(onde é que já ouvimos isto?)

II PROGRAMA

- 20.30 Telejornal
(parabéns: é um simultâneo com o Programa)
- 21.00 TV Jazz
(uma antevisão do Cascais/76)
- 22.25 Documento
(itinerário histórico pelas «sendas da liberdade»)

Terça, 9

I PROGRAMA

- 18.32 Bonecos
(para os mais pequeninos)
- 19.00 Peço a palavra
(v. destaque)
- 19.30 Inglês a sorrir
(a cantar é que a gente aprende)
- 20.00 Fila T
(rubrica teatral, que substitui o defunto TV Palco)
- 20.30 Telejornal (1.ª edição)
- 21.05 Momento político
- 21.15 O detective aristocrata
(policial, inspirado na personagem de Lord Peter Wimsey, criada por Dorothy Sayers)
- 22.15 Um programa da Direcção de Informação
- 23.15 Telejornal (2.ª edição)

II PROGRAMA

- 20.30 Telejornal (única edição)
- 21.00 Documentário
- 22.00 Lembranças de Greene
(série baseada em histórias de Graham Greene. Hoje: «Pobre Maling»)

Quarta, 10

I PROGRAMA

- 18.32 História à vista
(até dona Urraca dá saltos na tumba real)
- 19.00 Abre-te Sésamo
(infantil)
- 19.30 Ligeiríssimo
- 19.50 Vamos jogar no Totobola
(e acertar no treze)
- 20.00 A «National Gallery»
(documentário sobre a galeria de arte de Londres que alberga uma das



- melhores colecções de pintura do mundo)
- 20.30 Telejornal (1.ª edição)
- 21.05 Planetário Calouste Gulbenkian
(um programa do Estado-Maior General das Forças Armadas. Hoje, vemos estrelas)
- 21.30 «Comboios rigorosamente vigiados»
(filme de amor em plena época nazi. Grande Prémio do Festival Internacional de Manheim, «Oscar» de Hollywood para o melhor filme estrangeiro)
- 23.15 Telejornal (2.ª edição)
(boa noite e até amanhã se Deus quiser)

Peço a palavra!

Peço a palavra. Eis um programa que tinha grandes possibilidades de vir a ser a tal pedrada no charco dos programas infantis, mas que está a tornar-se mau, para não dizer perigoso. Porque as crianças, sim senhor, o melhor do mundo são elas, dizia o Fernando Pessoa. Talvez sejam, mas mesmo assim é preciso cuidado. Pois se até há cursos em que os adultos aprendem a lidar com elas para que sejam um dia gente feliz e cidadãos conscientes! Nada mais perigoso do que deixá-las entregues a si próprias — lembrem-se de **O Deus das Moscas**? Ora no **Peço a Palavra** elas não são conduzidas e quase nada lhes é explicado. Tema de discussão nesta terça-feira: a liberdade. E eis que logo há uma nítida separação em dois blocos. De um lado os «meninos» que estudam, que decerto sabem estar à mesa, que amanhã talvez sejam homens importantes; do outro os «garotos» com dificuldade de expressão, garotos que já andam a ganhar a vida e que conhecem essa mesma vida não pela teoria mas pela prática. Fala-se pois de liberdade e as opiniões divergem. Para todas as crianças a palavra liberdade sugere Polícia. Mas há Polícia e polícia. Para estes artistas a Polícia bate, para os meninos da escola, a Polícia não deixa roubar. Entre os dois grupos, o muro que o moderador (ou o autor, em todo o caso o programa não sabe ou não pode transpor. Como haver compreensão quando o problema é para uns jóias roubadas, e para outros, pancada? Não haverá uma maneira um pouco mais pedagógica de pedir a palavra? Não deveria o programa conduzir melhor a conversa, explicar melhor o que significam coisas que, para algumas crianças, talvez ainda sejam sem grande significado? A liberdade, pois. O fascismo. A Polícia. A prisão que não foi só — que não é só — para gatinhos, senhor programa. Não deverão evitar aquela desagradável separação de classes que se está a formar semana a semana?

II PROGRAMA

- 20.30 Telejornal (edição única e rara neste programa)
- 21.00 Inédito... ou quase
(«Uma visita muito breve», de Miguel Franco)

Quinta, 11

I PROGRAMA

- 18.32 Bonecos
- 19.00 Os homens, os livros e as coisas
(hoje dedicado a Rui Belo)
- 19.30 O conde de Monte Cristo
(série de animação, para os mais jovens)
- 20.00 Cientificamente
- 20.30 Telejornal (1.ª edição)
- 21.05 As trapalhadas de Robin dos Bosques



- 21.30 Dom Lurio Show
(mesmo com Mireille Mathieu, é um show medíocre em qualquer TV)
- 22.00 Espaço reservado à Direcção de Informação
- 23.15 Telejornal (2.ª edição)

II PROGRAMA

- 20.30 Telejornal
- 21.00 A paisagem depois da batalha
(um filme polaco, produzido em 1970, e realizado por Andrzej Wajda: os americanos libertam, no Inverno de 1945, os prisioneiros de um campo de concentração e transferem-nos para antigas casernas dos SS, onde continuam a vigiá-los)

Sexta, 12

I PROGRAMA

- 18.32 Estúdio velho, gente nova
(infantil)



- 19.00 Tropicália
(um programa que vem do Brasil)
- 20.00 Momento Desportivo
(debate sobre o desporto)
- 20.30 Telejornal (1.ª edição)
- 21.00 Momento político
(quinze minutos aguenta-se)

- 21.15 Meiomania
(João de Freitas Branco e Augusto Cabrita são os responsáveis por esta rubrica)



- 21.45 Ana Karenina
(último episódio da série baseada na obra de Leon Tolstói)
- 23.00 Telejornal (2.ª edição)
(último episódio da série informativa do dia)

II PROGRAMA

- 20.30 Telejornal (1.ª edição)
(as notícias a abrir o serão)
- 21.00 «Uma porta na escuridão»
(filme: num eléctrico que recolhe à estação, viaja o cadáver duma jovem. O resto é com o realizador Sírio Bernadotte)
- 22.00 Festival de canto e danças da URSS
(segunda parte)



SOLUÇÃO

AS SETE DIFERENÇAS

A estrela no boné do general; a biqueira da bota do primeiro soldado; a ligadura; a orelha do segundo soldado; a faixa do general; a marca da patada no quinto soldado; a boca do soldado que leva o general ao colo.

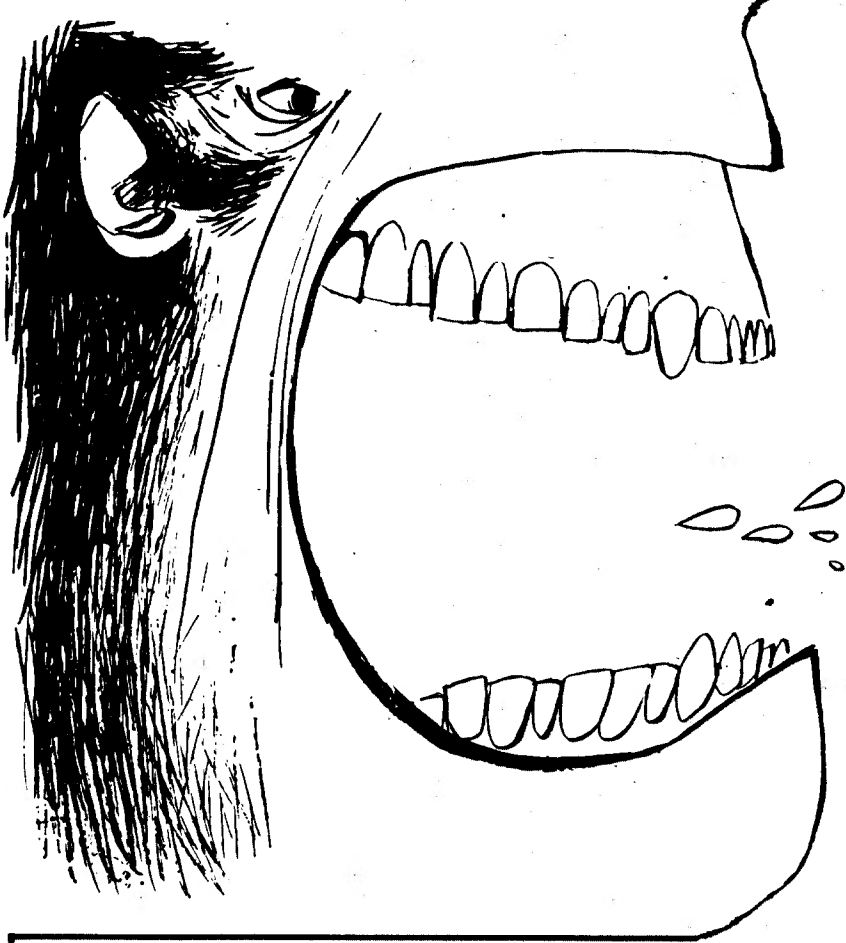
PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS:

1/6 CHARLTON HESTON. 11 Aira. 12 Ama. 14 Aire. 15 Mac. 16 Sois. 17 Aa. 119 Ra. 20 Re. 22/30 BRITT EKLAND. 28 Asara. 29 Oó. 34 Op. 35 Ibis. 37 Criaria. 38 Ebrio. 40 Co. 41 Cró. 42 Afasta. 44 Atrai. 47 Rima. 48 Porá. 49/67 DEBBIE REYNOLDS. 53 Asarias. 55 Aa. 56 Adão. 59 Mm. 60 Al. 61 Anoto. 62 Partiríamos. 66 Aa. 72 Ac. 74 Irão. 75 Ai. 76 Ba. 77 Sa. 78 Ma. 79/85 PACO BANDEIRA. 81 Ata. 84 Embala.

VERTICAIS:

1 Camarão. 2 Hia. 3 Arca. 4 Rã. 5 Nas. 6 Haia. 7 Sa. 8 Ti. 9 Or. 10 Neo. 13 Mor. 18 Abrir. 21 Espertos. 23 Rabi. 24 Tos. 25 To. 26 Ski. 27 Adamar. 30 Erraria. 31 Lançam. 32 Arosa. 33 Ni. 36 Ió. 39 Borra. 41 Capas. 43 Fie. 45 Aar. 46 Adma. 50 És. 51 Bali. 52 Batotas. 54 Ímpia. 56 ANA. 58 Soo. 60 Atas. 61 Ai. 63 Rádio. 64 Rosa. 65 Crime. 68 Eram. 69 Ya. 70 Nopa. 71 Laca. 73 Cava. 76 Biá. 80 Al. 81 Ad. 82 Te. 83 Ai.



Manual do gorila

O termo «gorila», particularmente na América Latina, serve para designar aquela espécie de reaccionário que aparece sempre que há uma revolução a liquidar ou um processo a dismantelar. Foi inspirado nesta personagem que o jornalista Carlos de Peral escreveu, há dez anos, o «Manual do Gorila», de onde respigamos alguns nacos de prosa, na certeza de que o leitor aí encontrará o retrato de alguém que conhece.

Assim, a aparição dos gorilas neste nosso tempo deve-se ao facto de elas terem compreendido que estavam a ser ultrapassados e, portanto, sem dizer palavra a ninguém nem querer dialogar, passaram logo ao combate.

Um gorila deixou algures num ramo de árvore um escrito que transcrevemos e que nos pode dar uma ideia do que se passa dentro daqueles (pequenos) cérebros: «Nós andamos de pé, não temos cauda, mas uma espécie nova é qualquer coisa que não sabemos como é que poderá acabar. Para nós o que é importante é hoje, e não amanhã. O futuro, por mais maravilhoso que possa ser, é como uma banana que não podemos comer.»

Entre os hábitos que ajudam a distinguir este

espécimen, onde quer que o topemos, é por exemplo aquela recusa perante a arte, sobretudo ante a arte moderna (que o enfurece). O gorila aprecia apenas as naturezas mortas e só nos casos em que nelas figurem bananas.

Os argumentos que mais frequentemente utilizam, quando alguém tem a ousadia de lhes dirigir a palavra, podem dividir-se em seis partes. 1.ª: Bah!; 2.ª Pouf!; 3.ª Ugh!; 4.ª Pouah!; 5.ª Grr!; e 6.ª OU - OU - OU - OU - OU (geralmente acompanhado de fortes batidas no peito peludo).

Os gorilas produzem essencialmente:

- a) soluções de continuidade
- b) coisas que se perderam ou não chegaram a tempo
- c) coisas que virão na próxima semana
- d) pêlos
- e) uma sensação de solidão

No entanto, numerosos governantes por esse vasto mundo mostram-se fascinados por esta espécie que, tendo a qualidade de fornecer soluções de continuidade, é sem dúvida muito apreciada. Fascinados, chegam a admitir que é possível chegar a acordo com os gorilas. Mas eles fazem-se pagar, exigindo quantidades exorbitantes de bananas, que nenhum país (mesmo tropical) poderia produzir.

O gorila, quando desempregado, procura associar-se com outros gorilas, em particular procurando clubes ou agrupamentos sociais, desportivos, ou de benemerência.

Quando Carlos de Peral se debruçou sobre a espécie, o gorila (latino-americano) praticava diariamente um exercício que consistia em escrever dez vezes seguidas a frase: «Nós não gostamos de Cuba». No entanto, ainda hoje o gorila se distingue pelo seu anticomunismo, e um dos seus jogos preferidos é descobrir comunistas. Tem mesmo um método especial que consiste em ter sempre consigo um busto de Lenine em bronze. No meio de uma reunião, deixa cair o busto: infalivelmente (segundo o manual) os comunistas se deitarão ao chão a agarrá-lo, cumprindo assim instruções de Moscovo.

Um outro método consiste em lançar (com certa desenvoltura) a seguinte frase, no meio de um grupo:

«O proletariado, degrau inferior da sociedade actual, não poderá elevar-se sem fazer saltar todos os degraus intermédios que constituem a sociedade actual».

Esta frase deve ser acompanhada de um olhar despreocupado por todos os ouvintes: os comunistas (se é que há algum no grupo) denunciam-se pelo nervosismo.

Outra característica do gorila: ele não é um reles mercenário. As principais diferenças, são: Os mercenários só ganham o seu soldo de soldados. Os mercenários correm riscos sérios. Os mercenários não têm reforma nem pensão. Os mercenários não lutam sistematicamente contra o seu próprio país, mas contra qualquer outro. Em geral, o gorila acredita no cristianismo, embora o confunda um pouco a tese de que Cristo era um pobre marceneiro. Na sua opinião, ele era um romano filho de boas famílias raptado por judeus.

Para além das bananas, o seu «faro», é notável quando se trata de detectar dinheiro. Com um portmóvil: mais depressa divisa o dólar que outra moeda qualquer.

